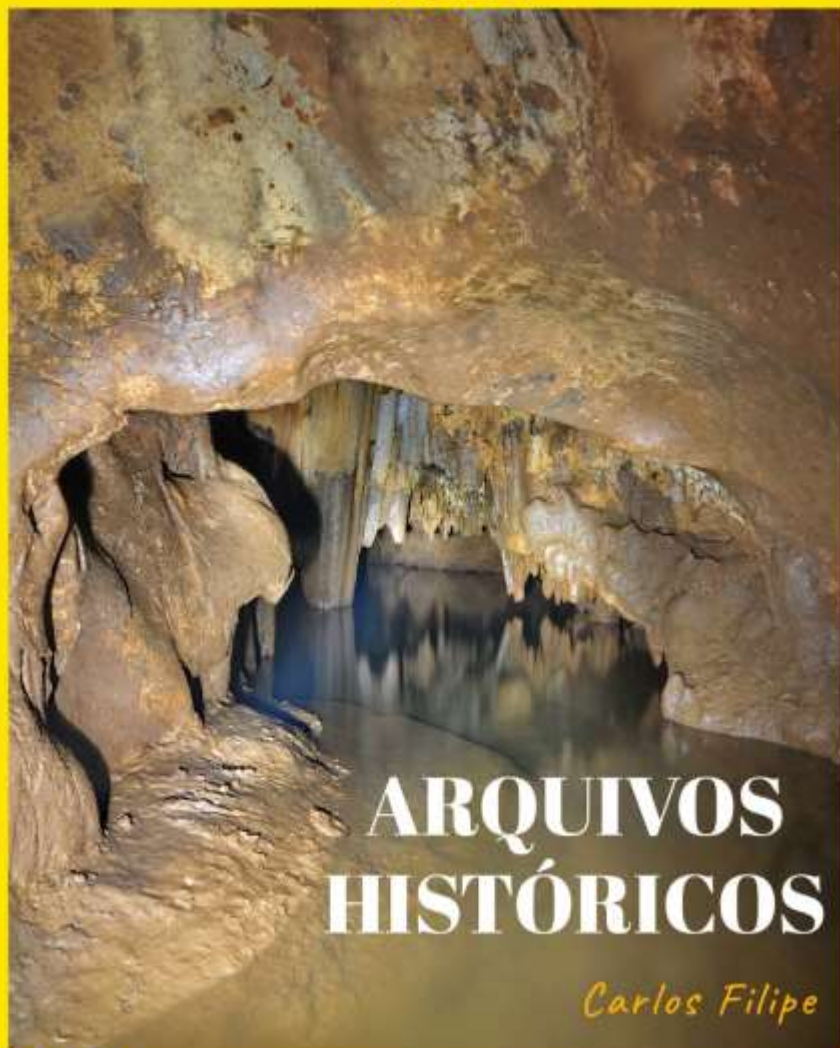


CES



CENTRO DE ESTUDOS SUBTERRÂNEOS
- LAGOS -



ARQUIVOS HISTÓRICOS

Carlos Filipe

1ª Edição 2024

C.E.S.

**Centro de Estudos
Subterrâneos**

Lagos

- Carlos Filipe -

ARQUIVOS HISTÓRICOS

*Relatórios de grutas do Algarve e atividades promovidas
pelo CES desde a sua origem até 1999.*

2ª Edição 2024

©CES - Lagos

Índice

Prefácio.....	15
BREVE HISTÓRIA DO GRUPO	17
Cronologia de actividades:	20
Registo dos inscritos no CES até 2023	26
ALGAR DO TALEFO.....	29
RELATÓRIO.....	31
Introdução	31
Descrição	33
Conclusão	39
Dados técnicos	40
Registo de temperatura	42
Registo de humidade.....	43
Planta e corte	44
GRUTA DA AMARELA.....	47
RELATÓRIO.....	49
Registo de temperaturas.....	63
Registo grau higrométrico.....	64
Registo de quirópteros.....	65
Dados técnicos	66
Notas finais.....	69

Planta e Cortes da gruta	70
FILME À DESCOBERTA DA AMARELA	71
LAPA DA PENA	75
Introdução	78
Descrição	79
Ficha da gruta	89
ALGAR DA CALDEIRINHA.....	93
Ficha da gruta	96
ALGAR DA PORTELA DA NAVE DE BARÃO	109
RELATÓRIO.....	109
Introdução	110
Vias de acesso.....	113
Acampamento:	114
Abastecimentos:	114
Descrição da gruta	115
Ficha da gruta	118
LAPA DA SOLESTREIRA MENOR	119
Introdução	124
Vias de acesso.....	126
Acampamento	127
Abastecimentos	127
Descrição da gruta	127
Registos de humidade e temperatura	130

Ficha da gruta.....	131
Anexos.....	133
LAPA DA SOLESTREIRA MAIOR	135
RELATÓRIO.....	137
Introdução	138
Vias de acesso	139
Acampamento	141
Abastecimentos.....	142
Descrição	142
Notas históricas da gruta.....	151
Comentários	154
Observações finais.....	155
Ficha da gruta.....	156
Registo de temperatura e humidade	159
Planta da Gruta.....	162
FILME EXPEDIÇÃO SUBTERRÂNEA.....	167
RELATÓRIO.....	168
Descrição	169
Considerações finais.....	174
Ficha técnica.....	176
ALGAR DA FURNA	179
RELATÓRIO.....	180

Introdução	180
Descrição	181
Gráfico de temperatura e humidade	184
Planta (Algar da Furna – Vale de Boi)	185
Ficha da gruta	186
GRUTA DA MEXILHOEIRA GRANDE.....	187
RELATÓRIO	191
Descrição	192
Observações históricas	204
Ficha da gruta	210
GRUTA DO SERRO DA GUINÉ	211
RELATÓRIO	213
Vias de Acesso	214
Acampamento	215
Abastecimentos	215
Descrição da Gruta	215
Montagem do equipamento	219
Ficha da gruta	220
Registos de temperatura e humidade	222
Topografia.....	223
ALGAR DOS AMENDOAIS	225
RELATÓRIO	227
Introdução	227

Descrição	228
Ficha da Gruta	232
Croquis do corte e planta	233
GRUTA DA AMARELA.....	235
RELATÓRIO.....	237
EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA - Lagos	243
RELATÓRIO.....	243
Introdução	244
Opiniões de visitantes	247
ALGAR DA AREIA.....	251
RELATÓRIO.....	251
Introdução	252
Acesso.....	252
Descrição	254
Ficha da Gruta	259
I CONGRESSO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA	264
RELATÓRIO.....	264
Resumo das Actividades do Congresso	268
NOTÍCIAS DO CES.....	273



Carlos Filipe, licenciado em medicina, um dos membros fundadores do grupo que ainda se mantém em atividade.

Praticando espeleologia desde os seus tempos de liceu, obteve todo o seu conhecimento sobre esta atividade, nas suas vertentes prática e teórica, frequentando cursos, inicialmente ministrados pelo CIES de Coimbra e posteriormente, como autodidata, recorrendo a numerosa bibliografia e praticando a atividade desde 1977. Ministrou cursos de iniciação à espeleologia, apresentou trabalhos, promoveu palestras, e participou no I Congresso Nacional de Espeleologia onde apresentou dois trabalhos.

É conhecedor da maioria das grutas calcárias existentes no Barlavento Algarvio, que ao longo dos anos foi explorando, investigando e fotografando.

Promoveu igualmente, a realização de três filmes em película “super 8 mm”, sobre grutas calcárias do Algarve: “Expedição Subterrânea”, “À Descoberta da Amarela” e “Mundo Subterrâneo”. Desde 2012, dinamiza a parceria com o Ciência Viva de Lagos no programa “Ciência Viva de Verão” e é o responsável do CES pela parceria com a escola secundária Gil Eanes no projeto “Algarve Profundo”.

Prefácio

Os documentos deste livro, reúnem a maioria dos relatórios existentes nos arquivos do CES. Uma vez que quase todos foram efetuados muito antes da era dos computadores e muito menos do GPS, refletem por isso, a realidade do século passado.

Foi mantida a estrutura base dos documentos originais, pelo que se procedeu à sua digitalização e posterior adaptação, para a impressão deste livro. No entanto, foi tentado respeitar a ortografia, linguagem e descrições dessa época. Embora fossem corrigidas algumas imprecisões e revistos pormenores ou erros, os relatórios são apresentados tal como os originais que na sua maioria, foram escritos com uma máquina de escrever “*Olivetti Lettera 32*” e já mais tarde, com uma máquina de escrever elétrica da *BM* (“os processadores de texto da altura...”).

Naturalmente que muitas das observações e referencias, assim como descrições sobre técnicas e equipamentos utilizados, estão hoje, em alguns casos, já bastante ultrapassadas. De salientar que quando o grupo se formou em 1976, não existia em Portugal nenhuma loja onde fosse possível adquirir material de espeleologia. Tivemos por isso de dar azo à nossa imaginação, construindo, por exemplo, frontais com gasómetros de mineiro, escadas de linho com degraus de alumínio, *baudries* improvisados a partir de cordas e usar capacetes da construção civil. Só anos mais tarde nos foi possível adquirir material da *PETZL* comprado em França. A prática da espeleologia nos dias de hoje, não tem qualquer comparação com a dos anos 70 e 80 de século passado. Atualmente, possuímos todo o equipamento individual e

coletivo indispensável para a exploração de uma gruta, segundo as normas e padrões de segurança. Tal como a maioria dos grupos de hoje, também deixamos de utilizar o acetileno sendo todos os frontais substituídos por *luz LED*.

BREVE HISTÓRIA DO GRUPO

Partindo da iniciativa de um grupo de estudantes, residentes em Lagos, que em 1976 frequentavam o Liceu Nacional de Portimão, foi fundado em Outubro desse ano o denominado G.I.A.E. (Grupo de Investigação Arqueológica e Espeleológica) de Lagos que ficou sediado na Rua dos Camachinhos, 34-A. Local onde existia um laboratório de fotografia dos “*Estúdios CS*”, propriedade dos fotógrafos Mário Jaime e Bernardino Duarte, cuja colaboração e apoio foi fundamental para a sobrevivência do grupo nos seus



Foto 1- Elementos do CES partindo da sede na rua dos Camachinhos 34 A, em Lagos (1978).

primórdios.

Foi nesse estúdio, que no início de Outubro desse

mesmo ano, tiveram lugar as primeiras reuniões em que participaram os fundadores do grupo (*Carlos Filipe, Cristina Quitéria, Nazaré Quitéria e o João Grosso*).

Com o apoio do C.I.E.S. (Centro de Investigação e Exploração Subterrânea) de Coimbra, tivemos a possibilidade de adquirir os primeiros conhecimentos técnicos e científicos necessários ao início da nossa atividade. Diversas explorações em comum, assim como uma exposição fotográfica e um curso prático de espeleologia realizado na Redinha, concelho de Pombal (Coimbra), marcaram significativamente a nossa relação com este grupo, sendo justo realçar o trabalho desenvolvido por alguns dos seus membros, nomeadamente o do seu presidente, Augusto Franco Pinto e o do António Pupo assim como todos os outros que na altura contribuíram para as origens do CES (na altura GIAE).

Choveu abundantemente no dia 2 de Janeiro de 1977, pelo que a data prevista para a primeira saída de campo planeada pelo GIAE, teve que ser adiada para a semana seguinte, 9 de Janeiro de 1977. Foi na gruta da Mexilhoeirinha da Carregação (Ibne Ammar) no concelho de Lagoa, que efetuamos a nossa primeira exploração, ainda com equipamento muitíssimo rudimentar e sem material coletivo.



Foto 2- 1ª Saída do GIAE em 1977.

Na equipa participaram, para além dos elementos fundadores, os dois jovens recentemente inscritos no grupo, Luís Cochofel e o Paulo Gabriel.



Foto 3- Grupo fundador do GIAE/CES na 2ª saída do grupo a 6 de Março de 1977, junto à entrada da gruta da Amarela. (Da esquerda para a direita: Luís; Carlos; Gabriel; João; Cristina e Nazaré).

Destes dois jovens, o Luís Cochofel veio a revelar-se um excelente colaborador, sendo justo realçar a sua participação na época em que esteve ativo no GIAE/CES. Inscrito com apenas doze anos de idade, foi sempre um dos mais participativos, interessado e motivado nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo, até ao seu afastamento, por motivos familiares, por volta de 1984. Hoje, ilustre músico da GNR, merece o meu reconhecimento por todo o seu trabalho enquanto membro do GIAE e do CES.

Depois desta primeira exploração, iniciamos uma série de atividades a que chamávamos “saídas”. Para além do estudo das diversas grutas existentes no Barlavento Algarvio, investimos igualmente no desenvolvimento dos nossos conhecimentos teóricos e aperfeiçoamento de técnicas,

aproveitando os fins de semana ou férias escolares para saídas mais alargadas acampando nos locais junto às das grutas.

Nesta altura, um outro elemento do grupo (*Francisco Castanheira*) tentou a implementação da componente arqueológica no GIAE, no entanto, por diversas razões tal não foi possível, pelo que foi decidido alterar o nome do grupo, uma vez que a componente arqueológica na prática não existia. Assim, por escritura de 8 de Abril de 1982, lavrada no Cartório Notarial de Lagoa, foi constituído o atual C.E.S. (Centro de Estudos Subterrâneos). A 28 de Maio do mesmo ano, foram publicados no D.R. N.º121, III Série, págs. 7194 e 7195 os estatutos do CES.

Ao longo da sua existência, o grupo tem promovido e participado numa série de atividades que permitiram não só o estudo de numerosas grutas algarvias, assim como a divulgação e promoção da prática da espeleologia.

Membro fundador da Federação Portuguesa de Espeleologia¹, fomos igualmente pioneiros na divulgação desta atividade no Algarve.

Destacamos algumas das atividades mais significativas desenvolvidas pelo GIAE/CES:

Cronologia de actividades:

- **Junho de 1977:** “Participação num Curso Nacional de Espeleologia” na Redinha – Pombal, pelos fundadores do grupo.

¹ (*Lamentavelmente, o nome do CES não é referido em nenhuma página do site da FPE, tal como consta na acta nº1 e 2 da FPE e das quais temos cópias*).

- **Outubro de 1977:** Fundação do GIAE
- **Novembro de 1977:** Exposição Fotográfica realizada em Lagos pelo então C.I.E.S. de Coimbra e pelo G.I.A.E..
- **Dezembro de 1977:** Promovemos a mesma exposição em Faro.
- **Dezembro de 1977:** Participamos num debate radiofónico em direto a partir dos estúdios da Antena 1 em Faro onde abordamos o tema da espeleologia.
- **Agosto de 1978:** Realizamos em “*super8mm*” o filme “*EXPEDIÇÃO SUBTERRÂNEA*” um dos primeiros filmes sobre espeleologia efetuados no interior de grutas calcárias e totalmente concebido por amadores.
- **Abril - Maio de 1979:** Participamos na FIL em Lisboa a convite do então FAOJ no “*JUVENTUS 79*”
- **Agosto de 1979:** Promovemos a primeira exposição fotográfica “*Sobre grutas Calcárias do Algarve*” com fotos dos nossos arquivos, tendo sido o primeiro grupo a utilizar o Forte Pau da Bandeira, em Lagos como local de exposições.
- **Março de 1980:** Participamos no “*1º Encontro Espeleo - Arqueológico do Algarve*” realizado em Moncarapacho - Loulé (Promovido pelo então C.E.E.A.A. de Moncarapacho).
- **Agosto de 1980:** Promovemos a primeira exposição fotográfica sobre grutas algarvias na vila de Aljezur com fotos da gruta da Amarela - Rogil.
- **Agosto de 1981:** Iniciamos a rodagem do 2º filme “*super 8*” realizado pelo CES com o título “*À DESCOBERTA DA AMARELA*” (Inteiramente filmado na gruta da Amarela - Rogil Concelho de Aljezur).
- **Setembro de 1981:** Promovemos a exposição fotográfica sobre grutas do Algarve em Faro.

- **Dezembro de 1981:** Participamos no “I Encontro Nacional de Espeleólogos” que teve lugar em Sintra.
- **Abril de 1982:** Voltamos a participar no “JUVENTUS 82” e com o apoio do então FAOJ, na FIL em Lisboa, com uma exposição de 120 fotografias A4 efetuadas inteiramente em grutas algarvias.
- **Agosto de 1982:** Promovemos a “2ª Exposição Fotográfica do CES” onde incluímos fotos de novas grutas e material utilizado.
- **Março de 1983:** Participamos no último grande certame do “JUVENTOS” realizado na Feira Internacional de Lisboa o “JUVENTOS 83”, mais uma vez com o apoio do FAOJ.
- **Agosto de 1983:** Realizamos o 3º filme “*Super 8*” do CES intitulado “MUNDO SUBTERRÂNEO” que foi filmado em diversas grutas do Algarve com o apoio de organismos oficiais e particulares.
- **Dezembro de 1983:** Participação no “II Encontro Nacional de Espeleólogos” em Sintra
- **Outubro de 1984:** Promovemos a realização de um curso de iniciação à espeleologia para Corpo Nacional de Escutas de Portimão.
- **Agosto de 1985:** Efetuamos a 3ª Exposição fotográfica do CES em Lagos e a 2ª no Forte Pau da Bandeira com uma mostragem de material utilizado em Espeleologia e projeção dos filmes realizados pelo centro.
- **Outubro de 1986:** Participamos na fundação da FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ESPELEOLOGIA.
- **Abril de 1988:** Participação como palestrantes no “I Congresso Nacional de Espeleologia” que teve lugar na Vila de Porto de Mós, com a apresentação de dois trabalhos: “*Noções*

Básicas de Socorrismo em Espeleologia” e “Dietética e Alimentação em Espeleologia”.

- **Março de 1991:** Promovemos uma acção de formação com um curso teórico-prático de Espeleologia ao grupo de Espeleo do Almargem em Loulé.
- **Agosto de 1994:** Promovemos uma acção de formação e atividades de tempos livres na qual participaram alunos da Escola Secundária Gil Eanes de Lagos e que teve lugar durante quatro dias na gruta da Amarela no Rogil (Aljezur).
- **Março de 1995:** Realização de um Curso Básico de Iniciação à Espeleologia para alunos da Escola Secundária Gil Eanes de Lagos.
- **Fevereiro de 1997:** Realização de um Curso Básico de Iniciação à Espeleologia para alunos da Escola Secundária Teixeira Gomes de Portimão.

Ao longo da sua história, o grupo tem passado por períodos de maior e menor atividade o que reflete, na prática, a vida profissional e familiar de cada um dos seus membros. Logo nos primórdios da sua fundação, a entrada na vida académica de alguns dos elementos da direção, acabou por impossibilitar a sua continuação no grupo. Mantendo sempre este tipo de problemas com entrada e saída de novos membros, o CES acabou por ir sobrevivendo, mesmo sem apoios e só com a boa vontade de muito poucos.

Por outro lado, contrariamente aos dias de hoje, nos anos 70-80, os apoios das entidades oficiais, não só monetários como também logísticos, eram uma realidade completamente diferente. Todas as políticas de apoio a grupos juvenis foram

sendo sucessivamente alteradas, sendo hoje menos relevantes, muitíssimo mais burocráticos e muito mais difíceis de obter. Apesar de tudo, temos conseguido sobreviver.

Assim, a partir de 2010, tentamos retomar uma atividade mais regular e em 2012 iniciamos uma parceria com o “Ciência Viva de Lagos”, participando anualmente no projeto de âmbito nacional “Ciência Viva de Verão”, possibilitando uma visita a pequenos grupos a diversas grutas do Algarve no seu habitat natural, e que teve grande aceitação por parte dos participantes, com as visitas quase sempre esgotadas.

Mais recentemente o grupo iniciou outra parceria com agrupamento de Escolas Gil Eanes de Lagos, participando no projeto “Algarve Profundo”, que inclui palestras relacionadas com a espeleologia e visitas a grutas calcárias com alunos do agrupamento da referida escola.

Embora atualmente, as preocupações ambientais sejam mais evidentes que no passado, o CES sempre se pautou por uma conduta rigorosa no que respeita ao cumprimento destes objetivos. Neste sentido, o grupo tem tentado sensibilizar jovens e adultos para a necessidade de preservar as grutas calcárias e respeitar o seu ambiente.

O CES, tem por isso contribuído para um maior e melhor conhecimento das grutas algarvias, uma vez que não são muitas as referências escritas sobre as cavidades existentes do nosso distrito.

Atualmente, o CES possui um numeroso registo fotográfico das principais grutas do Barlavento Algarvio (e algumas do Sotavento), assim como vários relatórios onde constam topografias e croquis, descrições sobre o seu interior e

localização ² , características geológicas, paisagísticas, descrições do interior e fauna que nunca foram publicados.

É nesse sentido que nos propomos elaborar esta publicação, onde constam alguns dos principais documentos que comprovam o nosso historial.

² Hoje pouco relevantes, considerando os atuais meios de referência por GPS.

Registo dos inscritos no CES até 2023:

1-	Carlos Filipe	31-	António Cabrita
2-	Cristina Quitéria	32-	Paula Águas
3-	Nazaré Quitéria	33-	Manuela Nicolau
4-	João Grosso	34-	Sónia Nicolau
5-	Luís Cochofel	35-	Joaquim Azevedo
6-	Paulo Gabriel	36-	Ivo Santos
7-	António Castanheira	37-	Paulo Sequeira
8-	Esperança Marreiros	38-	Paulo Cerol
9-	José Vicente	39-	Miguel Nicolau
10-	Carlos Pargana	40-	Pedro Filipe
11-	António Cintra	41-	Vanessa Mendonça
12-	Rui Cochofel	42-	Andreia Mendonça
13-	José Filipe	43-	Susana Martins
14-	Carlos Bonança	44-	Nuno Costa
15-	Maurício Cintra	45-	José Borges
16-	Júlia Correia	46-	Pedro Guerreiro
17-	José Reis	47-	Paulo Guerreiro
18-	Rui Martins	48-	Gonçalo Veloso
19-	José Águas	49-	José Borges
20-	Francisco Castelo	50-	Jorge Vitoriano
21-	Paulo Neves	51-	Manuel Cabral
22-	Fernando Almeida	52-	Gonçalo Cabral
23-	António Correia	53-	João Águas
24-	Viriato Rodrigues	54-	Luís Casinhas
25-	Carlos Vieira	55-	João Costa
26-	Ana Filipe	56-	Brian Jutsum
27-	Luís Reis	57-	José Ribeiro
28-	Hélio Rosa	58-	João Vieira
29-	Francisco Quitéria	59-	Joana Azevedo
30-	José Nicolau	60-	Helena Oryshchyn

Embora uns mais passageiros e menos ativos do que outros, a todos o meu agradecimento pelos bons momentos que passamos juntos. Não esquecendo ainda os que tendo cumprido a sua missão entre nós, continuam na nossa memória.

C.F.

ALGAR DO TALEFO

Agosto 1980

RELATÓRIO

SAÍDA DO CENTRO: 14,15,16 e 17 de Agosto de 1980

DESTINO: Messines de Cima

FREGUESIA: S. Bartolomeu de Messines

CONCELHO: Silves

DISTRITO: Faro

GRUTA: Algar do Talefo

OBJECTIVOS DA SAÍDA: Exploração completa da gruta.
Levantamento de um croquis e Colheita de dados climatológicos.

Introdução

Quando da última exploração a esta gruta efectuada em Setembro de 1979, o C.E.S., então ainda com a sigla G.I.A.E., foi feito o reconhecimento de algumas grutas existentes na zona de S. Bartolomeu de Messines, nomeadamente a Gruta do Remexido, Algar de Messines e Algar do Talefo. Este último, suscitou desde logo o nosso interesse. Utilizando técnicas de sondagem, verificamos que teria cerca de 30m de profundidade, sendo assim a maior vertical directa reconhecida pelo grupo no Barlavento Algarvio. No entanto, não foi possível proceder à sua exploração, por falta de material, quando dessa primeira prospecção a 2 de Setembro de 1979.

Foi por isso decidido fazer uma nova exploração, com o objectivo identificar a eventual continuidade do algar. Só cerca de um ano depois, já com novo material, podemos iniciar esta exploração.



*Foto 1-
Acampamento
do CES,
montado na
base do serro,
numa zona
plana após
termos
passado a
aldeia.*



*Foto 2-
Alguns
minutos de
descanso a
meio da
encosta. À
direita,
observa-se
um dos muros
construídos
até ao cimo
do maciço e
que nos
serviram de*

referência para encontrar a entrada do algar, (o que foi também facilitado pelo apoio de um jovem local visível à direita na foto).

Descrição

Partimos de Lagos às 17 horas do dia 14 de Agosto de 1980. Como meio de transporte, utilizamos mais uma vez a carrinha *Ford transit* cedida pela Câmara Municipal de Lagos.

Após cerca de hora e meia de viagem, chegamos a S. Bartolomeu de Messines por volta das 18:30 horas. Seguindo depois a estrada nacional que se dirige para Alte e após termos percorrido cerca de 3 Km, seguimos por um caminho municipal à esquerda, não asfaltado, na direcção de Messines de Cima (ver *croquis de acesso*). Caminho este, que nesta altura do ano se encontra em bom estado, mas pode apresentar-se escorregadio e com bastante lama no Inverno³. No entanto, será possível o acesso com um carro ligeiro até à aldeia desde que não tenha suspensões demasiado baixas (as saliências encontradas em certos troços podem criar problemas). No entanto, com um jeep será até possível chegar à base do maciço onde se encontra a gruta (Fig. 1).

Na zona onde acampamos (Foto-1), não permite acesso ao local com a carrinha da CML. Assim, tivemos de estacionar à entrada da aldeia e transportar todo o material até ao local do acampamento. Tarefa sempre difícil, dada a logística envolvida, mas facilitada por ser dividida entre todos.

Montado o acampamento e feito o abastecimento de água que podemos encontrar com abundância numa fonte situada à esquerda do caminho antes de chegar à aldeia (Fig. 2), iniciamos os preparativos para o jantar.

³ Hoje já asfaltado.

Na manhã seguinte, ainda cedo, iniciamos a marcha a caminho da gruta. Tomámos o caminho vindo da aldeia, que passava à esquerda do acampamento (*ver croquis de acesso ao algar*), e seguia o contorno da base do maciço. Após percorrermos cerca de 200 metros por um caminho pedregoso com cerca de três metros de largura, encontramos à nossa esquerda um muro de pedras que sobe na direcção do cimo do monte. Este muro, que se situa paralelamente ao caminho, pode não ser fácil de identificar uma vez que na zona são vários os muros de pedra construídos ao longo dos anos, pelos agricultores, o que pode gerar alguma confusão.

No entanto, deveremos sempre seguir paralelamente ao muro, por uma pequena vereda, ou caminhando até por cima do mesmo. Vamos então subindo o maciço até atingir o seu topo, zona identificável por se apresentar num plano mais horizontal. Logo que acaba a subida e o muro atinge a zona menos inclinada, caminha-se por mais cerca de 30 metros até encontrar uma vereda que se dirige para a direita. Seguindo esta marca no solo, podemos encontrar a entrada do algar num raio de 50 metros, junto a um aglomerado de rochas (Foto-3).



Foto 3- Preparativos para a descida.

Fixado o material para a descida, três lances de escada de dez metros cada e cabos para rappel, iniciamos a exploração. Atendendo ao facto de a profundidade do algar já ter sido calculada, o comprimento dos cabos instalados permitiu-nos a descida sem necessidade de montar mais material.

Logo após a entrada, as dimensões do algar aumentam consideravelmente, ficando a escada e os cabos livres o que permite uma descida em rappel livre até à base, sendo a mesma relativamente fácil e rápida. Finda a descida, deparamo-nos com um amontoado de pedras soltas, muitas delas, possivelmente lançadas do exterior. Mais uma vez constatamos também nesta gruta, esta prática nefasta.



Foto 4- Base do algar, preparativos para a subida.

Os espeleolitos são raros. Alguns pequenos tubiformes isolados e pequenas estalactites compõem a paisagem subterrânea. As paredes acastanhadas apresentam formações em cascata de dimensões consideráveis. A cerca de oito metros da base, encontra-se uma extensa formação em bandeira que se formou a partir de uma pequena plataforma que pode ser observada na fotografia Foto 5.



Foto 5- Assinalada a plataforma onde se iniciam as formações em bandeira.

A partir da base onde termina a escada, é possível ainda descer mais cerca de dois metros por um pequeno poço que termina em fundo de saco. Esta zona da gruta é particularmente rica em formações em "couve flor" e "corais". Observam-se igualmente algumas cascatas e numerosas formações em bandeira que cobrem as paredes do algar. Estalactites e estalagmites são raras, existindo apenas algumas de pequenas dimensões em reentrâncias das paredes. Não foram observadas

escorrências pelas paredes, sendo a humidade existente proveniente da condensação ambiente.

No que respeita à flora cavernícola não observamos qualquer manifestação visível da mesma. Quanto à fauna, observamos apenas dois morcegos que devido à altitude do seu voo não nos foi possível identificar a espécie.

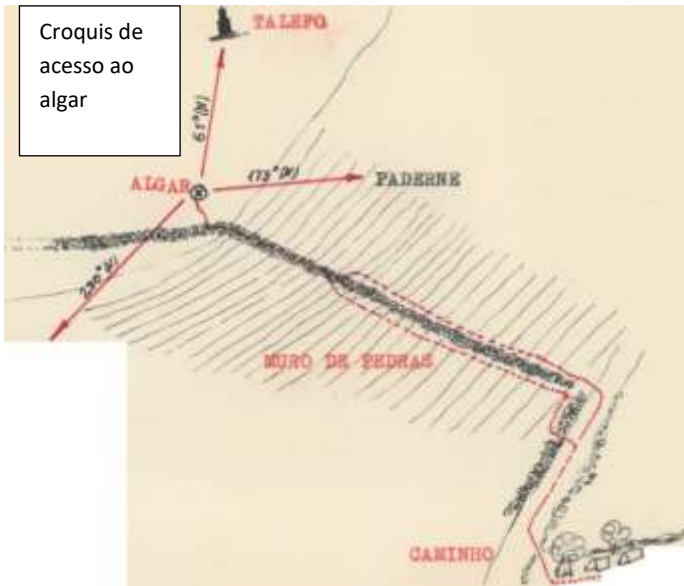


Fig. 2

Esquema do acesso ao algar, a partir do local do acampamento.

Foto-6 Descendo para o 2º troço do algar.



Foto-7 Formações em couve Flôr.



Conclusão

Esta exploração ficou um pouco aquém das nossas expectativas, uma vez que quando da primeira avaliação no ano anterior, nos pareceu que o algar poderia ter um desenvolvimento maior. De qualquer modo, esta saída revelou-se interessante por ter possibilitado ao grupo a prática de uma descida em rappel livre, assim como a subida por escadas sem apoio, o que implica o uso de uma técnica correcta, para evitar a flexão e rotação da escada. Por outro lado, a maioria dos participantes, nunca tinha usado escadas nestas circunstâncias, nem nunca tinham descido a esta profundidade. Embora

possamos considerar os trinta metros uma dimensão modesta, não é comum encontrar no Algarve, algares com dimensões muito superiores a esta e que se desenvolvam em vertical “directa”. Para além deste facto, pela primeira vez procedemos ao registo de dados usando material específico para o efeito. Foi assim possível o registo de temperaturas e grau higrométrico, assim como a utilização de uma bússola azimutal permitiu o levantamento topográfico, embora com as falhas que reconhecemos.

Como sempre acontece, mais uma vez os jovens elementos do CES tiveram a possibilidade de empregar os seus conhecimentos e ligar à prática da espeleologia o gosto pelo desporto pela ciência e pela natureza. Todos contribuíram com notas que foram expressas no relatório final. Destaque para o trabalho apresentado pelo Luís Cochofel e José Águas.

Dados técnicos

MATERIAL NECESSÁRIO PARA A EXPLORAÇÃO:

- 4 troços de escada (de 10m cada)
- 30m de cabo de segurança
- 10m de cabo de segurança
- 30m de cabo para rappel
- Cordão para autossegurança (Prussik)
- 6 mosquetões
- Cabos de fixação
- 2 telefones

MATERIAL UTILIZADO PARA RECOLHA DE DADOS GEOFÍSICOS:

- *Bússola azimutal "Wilkie"*
- *Termómetro de máximas e mínimas*
- *Higrómetro*

Conforme os gráficos que acompanham este relatório, podemos concluir que a temperatura no interior do algar se manteve mais ou menos constante sendo o grau de humidade bastante elevado.

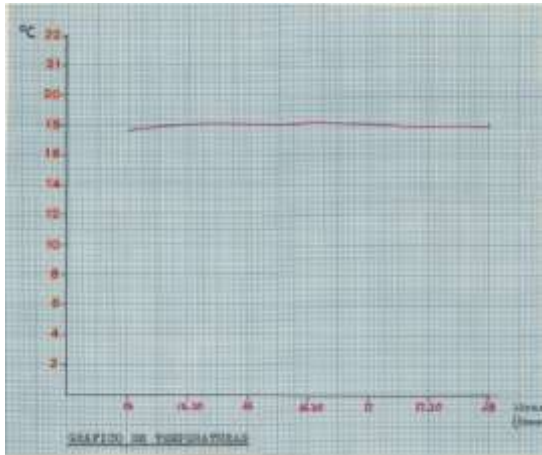
Foram notadas correntes de ar no interior do algar, possivelmente geradas pelas correntes de convecção..

MATERIAL UTILIZADO NA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:

Máquina fotográfica Yashica TL Electro-35 Objectivas de 50 e 28mm + Flash eletrónico

Registo de temperatura

Data: 15/08/80



- Valores colhidos na base do algar a 2m do solo.
- Profundidade: 28m
- Grau higrométrico: 99% (máximo)
- Temperatura exterior: 25°C (média)
- Estação do Ano: Verão
- Condições meteorológicas: Bom tempo (quente e seco)

Pela leitura do gráfico, verifica-se uma fraca variação da temperatura ambiente, que oscilou entre os 18°C +/- 2°C. Comparativamente com o exterior, cerca de 28°C, a diferença de temperatura era significativa sendo o ambiente fresco e húmido. Foram registados fenómenos de condensação após termos permanecido algum tempo na base do algar.

Registo de humidade

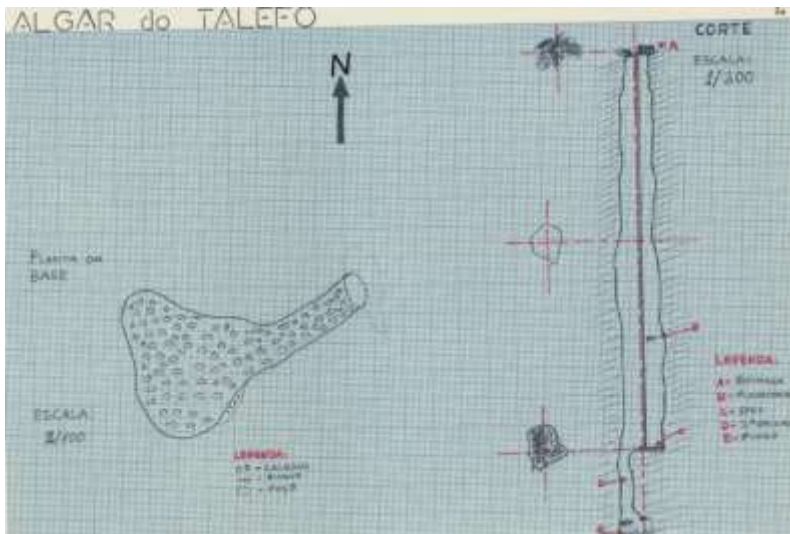
Data: 15/08/80



- Valores colhidos na base do algar a 2m do solo
- Profundidade: 28m
- Temperatura média: 18°C
- Temperatura exterior: 28°C (média)

Pela leitura do gráfico, verifica-se um aumento do grau higrométrico motivado pela permanência dos espeleólogos na gruta. Sendo o valor de 98% à hora da primeira leitura (15h) subiu para 98,5% meia hora depois e de seguida, lentamente, até atingir os 99% às 17h. Trinta minutos depois atinge os 99,5%, mantendo-se este valor até à última leitura (18H). Embora não figure no gráfico, este valor não se alterou até à saída dos espeleólogos da gruta. Nesta altura, o ar apresentava-se já com um elevado grau de saturação, com formação de uma densa neblina.

Planta e corte



SINONIMIA: Algar do Talefo.

COMPRIMENTO TOTAL EXPLORÁVEL: Aproximadamente 34m.

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Baixo.

INTERESSE TÉCNICO: Técnica de escada e rappel.

ESTADO DE COLMATAÇÃO: Obstrução predominantemente clástica.

HIDROLOGIA: Sem águas paradas ou correntes. Humidade relativa de 99%.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Não encontramos vestígios de anteriores explorações.

Existência de concreções quebradas possivelmente devido a pedras atiradas para o seu interior.

GRAU DE POLUIÇÃO: Apenas foram encontrados detritos de origem orgânica.

FAUNA: Observados dois morcegos sem, no entanto, ter sido possível identificar a sua espécie.

FLORA INTERIOR: Ausência macroscópica.

FLORA EXTERIOR: Predomínio de plantas rasteiras e arbustos de pequeno porte, com vegetação típica dos maciços calcários algarvios.

GRUTA DA AMARELA

Abril de 1981

SAÍDA de 10 a 13 de ABRIL de 1981

Cód. 03/81



GRUTA DA AMARELA

RELATÓRIO

DATA: 10,11,12 e 13 de Abril de 1981

DESTINO: Amarela (Rogil)

FREGUESIA: Rogil

CONCELHO: Aljezur

DISTRITO: Faro

GRUTA: Amarela

OBJECTIVOS DA SAÍDA:

-Colheita de dados climatológicos. - Levantamento topográfico.



Foto 1- Vista parcial do local onde se encontra a gruta fotografada da estrada da Azia (1977).

Partimos de Lagos no dia 10 de Abril de 1981 por volta das 14:15 h, utilizando como meio de transporte a carrinha da Câmara Municipal de Lagos. Tínhamos como objectivo principal, o levantamento topográfico da gruta e a colheita de dados climatológicos. Embora não fosse a primeira vez que

iríamos colher registos topográficos, era a primeira em que utilizaríamos uma bússola azimutal com possibilidade de obter dados mais rigorosos.

Seguimos em direcção a Aljezur, vila que dista de Lagos cerca de 30 km. Aí chegados, tomamos a direcção da Igreja Nova pela estrada do Carrascalinho que se dirige para Maria Vinagre (povoação situada a seguir ao Rogil para quem segue pela estrada nacional N120 em direcção a Lisboa). Esta estrada Municipal, apresenta boas condições de circulação em qualquer época do ano e permite chegar com transporte até muito perto da gruta sem ser necessário ir por caminhos velhos com menos condições. O que teria acontecido se tivéssemos optado por ir pelo Rogil, o que seria obrigatório caso se use transporte público.

Seguindo por essa estrada, passamos por diversos lugares conhecidos por (Cabeça Calva, Inferno, António Carvalho) e chegamos por fim à denominada Seiceira⁴ ou sítio da Amarela sinónimo pela qual é conhecida a gruta. Este local encontra-se assinalado no esquema das vias de acesso.

⁴ *(Sinceira - Gruta da, in: "Antiguidades Monumentais do Algarve" de Estácio da Veiga-1891)*

Após termos descarregado o material, transportamo-lo para



Foto - 2 Entrada da gruta da amarela.

perto da entrada da gruta que se situava a uns 400 metros. A carrinha da CM Lagos ficou no local de onde foi tirada a

fotografia da capa.

Para chegar à gruta, foi necessário atravessar uma ribeira, na altura com pouca água, o que não ofereceu qualquer dificuldade.

Montado o acampamento muito perto da entrada, ficamos prontos para iniciar a exploração.

Assim, nessa mesma noite iniciamos o levantamento topográfico começando pela sala de entrada. Constituídas as brigadas, uma ocupou-se da topografia, indo a outra continuar a desobstrução numa galeria mais a norte. Começamos por fazer o levantamento da galeria que está obstruída e na qual já o CES (ex. - GIAE) trabalhou na tentativa de poder avançar mais alguns metros. No entanto, tal não foi possível por termos encontrado um grande bloco de rocha maciça que bloqueou completamente a progressão.

Esta sala de entrada, tem dimensões razoáveis de tal modo que permite a permanência em pé particularmente na zona central. A entrada é de fácil acesso, em forma de laminador com

cerca de 1m de altura e 2 de largura sendo ligeiramente inclinada em direcção à sala. No solo, encontram-se grandes blocos que se “encaixariam” no tecto de onde, seguramente, deveria ter sido a sua origem. Nos escritos de Estácio da Veiga não são referidos, mas certamente que já deveriam ter caído muito antes da descoberta da gruta nos finais do séc. XIX. Neste local não se encontram quaisquer espeleolitos o que é uma característica desta cavidade, muito pobre em formações calcárias. Considerando as características geológicas do local onde esta gruta se situa (calcário com grande percentagem de argila) e ainda pelo facto de grande parte do tecto se encontrar com argila (deixada possivelmente quando da evaporação lenta de águas) as formações calcárias não abundam.

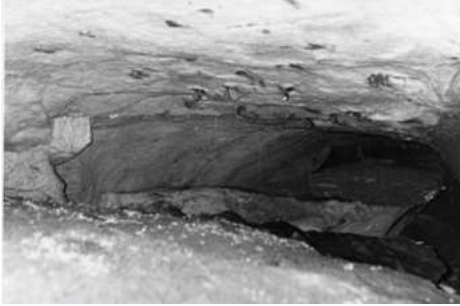
Partindo desta sala junto à entrada e seguindo a direcção norte, chegamos à sala do guano. Assim chamada, pela grande quantidade de excremento de morcego que aí se encontram.



*Foto 3- Sala da
Entrada.*

Esta sala, não é mais que a continuação da galeria principal. Daí, que não seja propriamente uma sala característica. No entanto, sendo esta zona da gruta o local que marca a origem de duas outras importantes galerias é referido como sala, até porque contrariamente ao que acontece na restante galeria, foi

aí que encontramos o maior número de morcegos, principalmente *Rhinolophus Mehelyi* (Foto-4), em 1977.



*Foto 4- Sala do guano
(foto obtida nas primeiras
explorações do grupo em 1977.
Ainda são visíveis os morcegos no
teto. Atualmente, encontram-se
recolhidos em zonas mais
profundas da gruta).*

Relativamente às explorações anteriores, notamos uma diminuição acentuada no número da colónia que habitualmente aí se encontrava (Gráfico nº3). Aliás, temos verificado este decréscimo de ano para ano. Vários factores podem influenciar esta ocorrência, nomeadamente o facto da gruta por ser de fácil acesso e possibilitar a entrada a qualquer "explorador", o que poderá fazer com que os morcegos procurem locais mais seguros no interior. No entanto, o surgimento de eventuais doenças ou efeitos tóxicos indirectos, podem igualmente explicar esta diminuição ou ainda simples fluxos migratórios que explicam muitas vezes as suas deslocações para escolha de



novos abrigos ou zonas para se alimentarem. Por último, não nos podemos esquecer que os quirópteros apenas têm uma cria anual o que também não contribui para a rápida reposição da colónia.

Foto 5- Morcego Rhinolophus Mehelyi suspenso do tecto (foto GIEA, 1977) na "sala do guano".

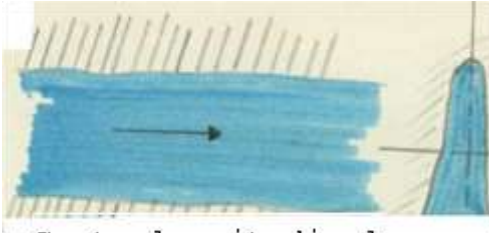
No final da sala do guano, a gruta toma duas orientações, uma ligeiramente para a esquerda e em forma ligeiramente ascendente que acaba em fundo de saco, obstruída por grandes quantidades de terra solta. Outra, para a direita, conduz-nos por uma pequena passagem em forma de laminador que nos obriga a rastejar para conseguir ultrapassá-la, e que após cerca de 6-7 metro vira em angulo recto para a esquerda dando lugar à galeria mais emblemática desta cavidade a “galeria em garrafa”. Esta galeria, de maiores dimensões, que já nos permite a marcha em pé, apresenta a particularidade de “em corte”, ter a forma de uma garrafa. Tipicamente uma conduta forçada, esta galeria formou-se seguramente em duas fazes, uma inicial em que o volume de água corrente ocupou toda a galeria de cima a baixo, e outra, possivelmente mais longa, em que a água circulou a um nível inferior, indo progressivamente provocar a erosão das paredes laterais e conseqüentemente aumentando a largura da galeria. Tal como se observa na fotografia 7.



Foto 6- Sala do Guano. Trabalhos de topografia.

GALERIA EM GARRAFA - ESQUEMAS DA SUA POSSIVEL EVOLUÇÃO

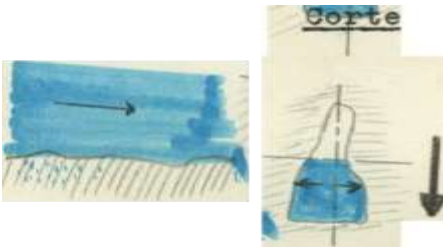
1ª FASE:



Numa fase inicial, a galeria foi totalmente ocupada por água com circulação rápida e intensa.

Corte longitudinal

2ª FASE:



O nível de água baixou e permaneceu assim durante um longo período de tempo.

3ª FASE: (Actual)



A galeria foi progressivamente secando, tendo-se verificado o depósito de enormes quantidades de argila no solo.



Foto 7- Galeria "em garrafa" na atualidade.

O desnível das águas teria condicionado a erosão lateral das paredes da galeria, dando assim origem ao seu alargamento em relação à parte superior que só sofreu acção erosiva numa primeira fase. Antes do estado actual, seguramente que a galeria ainda conheceu um período de circulação lenta que foi progressivamente diminuindo ao longo de milhares de anos, mantendo zonas de água em circulação, que diminuiu progressivamente de intensidade, acabando por ficar retida em forma de lago, evaporando depois, muito lentamente.

A abundância de argila nos tectos nas paredes e no solo, estão de acordo com esta hipótese, pois muito possivelmente a água existente nessa altura nas galerias estaria saturada de argila.



Foto 8- A abundância de argila no solo é evidente por toda a gruta.

No final desta galeria, com cerca de 5 metros de largura, encontra-se um laminador onde se pode observar o maior aglomerado de estalactites e estalagmites existentes nesta cavidade.

Este laminador, formado por duas lajes que distam cerca de trinta centímetros uma da outra (*Fotos 9 e 10*) o que não permite uma exploração fácil. Embora já tivesse sido tentado, empregando todo o cuidado para não quebrar os pequenos tubiformes pendentes do teto, um dos elementos mais novos conseguiu alcançar o extremo da laje inferior, mas sem grandes resultados. Não se observou qualquer possibilidade de continuidade da galeria (*mesmo em tentativas posteriores de desobstrução nesta zona da gruta*). Nesta galeria, encontramos igualmente grande quantidade de guano, o que de acordo com o já referido, indica a presença de morcegos neste local mais afastado da *sala do guano* e naturalmente, da entrada.



Fotos 9 e 10- Laminador existente no final da galeria em garrafa.

No que respeita à outra galeria (direcção 310º N) que igualmente se prolonga a partir da sala do guano, as suas características são idênticas a muitas outras existentes nesta gruta ou seja: elevada quantidade de argila no solo, paredes secas, sem formações calcárias. A sua posição mais elevada face à galeria principal, explicará o facto de se encontrar ainda menos húmida. Seguramente, ficou sem água corrente muito mais cedo que a zona da sala do guano. Com um comprimento aproximado de 22 metros possui uma altura média de 60 cm e uma largura de 3 metros. Estes valores são relativos já que a galeria por possuir muita argila não nos permite chegar à parede lateral esquerda para uma medição mais precisa. Nesta zona, a acumulação de argila quase toca o tecto. Encontra-se muito seca e não possui formações.

Em várias galerias nesta zona, foram feitas tentativas de desobstrução, sendo por vezes possível a progressão por mais alguns metros, mas acabávamos sempre por encontrar grandes



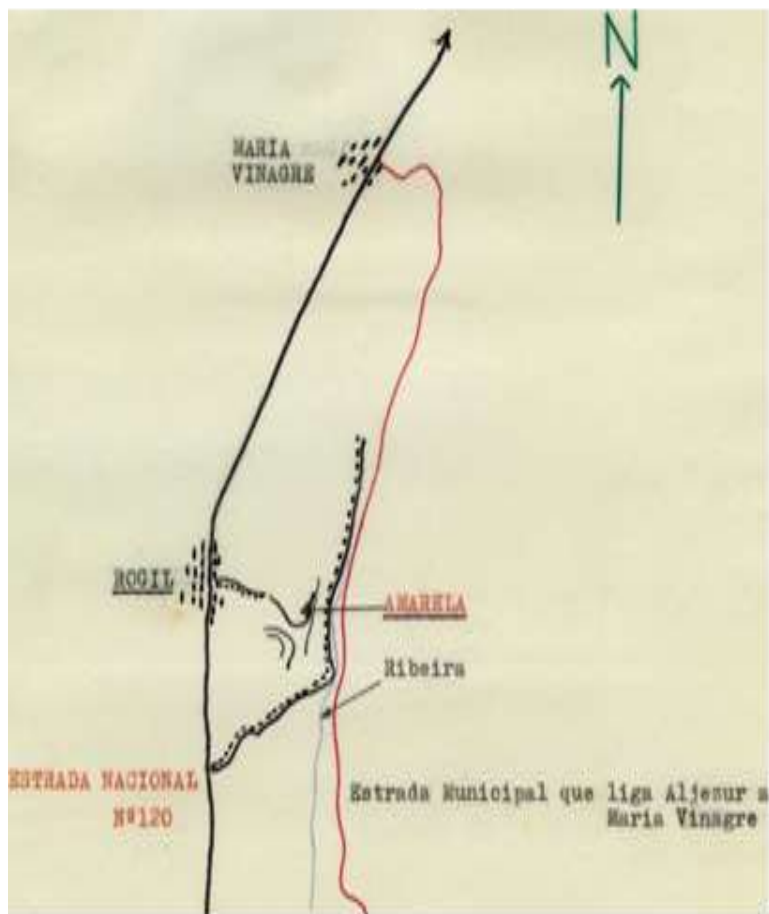
aglomerados de argila e rocha, impossibilitando a progressão. Na fotografia 11 mostramos uma fase desse trabalho onde se nota uma enorme camada de argila depositada em rampa.

Foto 11- Trabalhos de desobstrução.

Da parede esquerda da sala do guano, a um nível inferior das lajes que se desprenderam do tecto, parte igualmente uma outra galeria mais ou menos a 290°N, que nos leva a uma pequena sala na qual se destaca uma outra galeria de pequenas dimensões, com uma inclinação de cerca de 30°, em rampa descendente, no final da qual também efectuamos escavações com o objectivo de encontrar uma eventual continuação. No entanto, apenas conseguimos progredir poucos metros, tendo conseguido chegar a uma pequena sala onde registamos a presença de guano e podemos observar algumas estalactites, bandeiras e um tubiforme dos maiores que encontramos na gruta. O seu acesso faz-se a partir da base da galeria em rampa através de uma outra de dimensões muito reduzidas onde a técnica de rastejamento terá obrigatoriamente de ser usada.

Esta galeria, apresenta igualmente uma característica interessante relacionada com a presença de pequenos seixos incrustados no seu tecto. Estas pedras de origem não calcária, abundantes nos leitos dos rios e riachos, são sinais indirectos da intensa erosão provocada pelas águas que circularam no interior da gruta. Estes seixos, podem igualmente ser encontrados no leito da ribeira que circula perto da gruta. Este fenómeno, bastante curioso, evidencia toda a dinâmica hídrica desta cavidade.

ESQUEMA DE ACESSO À GRUTA PELA ESTRADA DO CARRASCALINHO



Registo de temperaturas

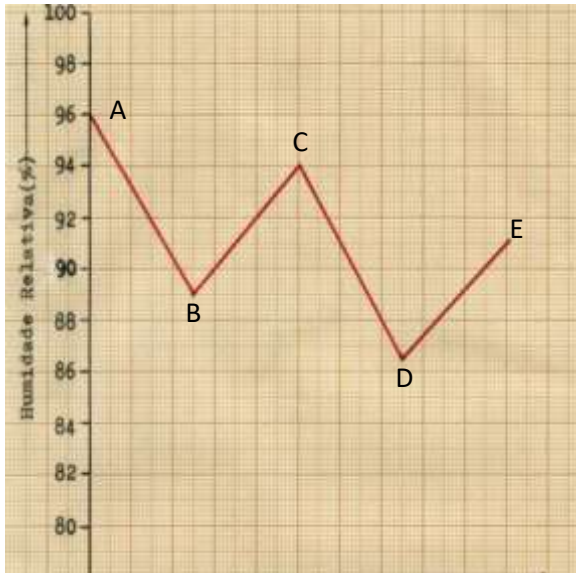


- A- Sala da entrada
B- Sala do Guano
C- Galeria em conduta forçada
D-E Zona seca
(Locais assinalados na planta da gruta)

Comentário:

Com uma média de 22,5º C, a gruta apresenta de início uma temperatura relativamente baixa, possivelmente devido influência do ar exterior. À medida que se caminha para o interior, a temperatura sobe, atingindo o seu máximo na "Sala do Guano". Este facto pode ser devido à decomposição orgânica da grande quantidade de guano que aí se encontra. Na galeria em conduta forçada, a temperatura volta a descer para tornar a subir quando se atinge as zonas mais secas da gruta. Aí a oscilação é menor e situa-se à volta dos 25ºC. Com base nestes valores e noutros colhidos pelo CES, em anteriores explorações (23/08/78), podemos concluir que a temperatura nesta gruta, tal como noutras, não varia grandemente ao longo de todo o ano.

Registo grau higrométrico



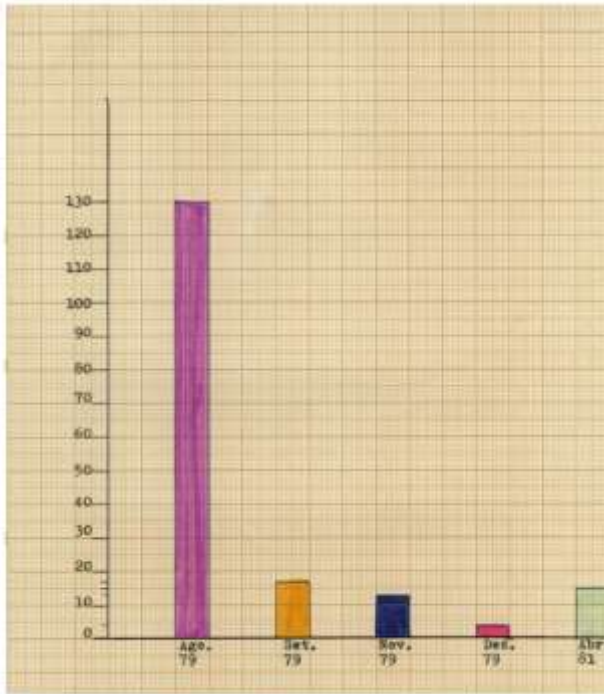
A- Entrada B- Sala do Guano C- Galeria em Garrafa D e E- Galerias secas

Comentário:

Com uma humidade relativa média de 91,3%, a gruta tal como acontece com a temperatura, apresenta no início valores que certamente estão relacionados com as condições meteorológicas exteriores. Como facilmente se observa pelo gráfico, a humidade é menor na zona mais seca da gruta, onde não se atingiu os 87% contrariamente ao que aconteceu em todos os outros locais. Pela leitura do gráfico, pode concluir-se que a variação da humidade não é contínua. À medida que nos deslocamos para o interior, verificam-se variações de acordo com as condições físicas dos locais. Em relação a outras grutas exploradas, esta apresenta um grau de humidade relativamente baixo o que, no entanto, poderá estar relacionado com a data dos registos.

Registo de quirópteros

**NÚMERO APROXIMADO DE MORCEGOS OBSERVADOS NA GRUTA
DESDE AGOSTO DE 1979 ATÉ DEZEMBRO DO MESMO ANO E
NÚMERO APROXIMADO OBSERVADO POR NÓS EM 11 DE ABRIL
DE 1981(*)⁵**



(*)Extraído de: Dias, (D.); Ramos, (M.J.) 1979-INVENTARIO DA FAUNA DE QUIRÓPTEROS DO ALGARVE— Laboratório Zoológico e Antropológico da Faculdade de Ciências de Lisboa.

⁵ Trabalho para o qual o CES colaborou.

Dados técnicos

MATERIAL NECESSÁRIO PARA A EXPLORAÇÃO:

- Material individual.
- Rádios (se constituídas várias brigadas).

MATERIAL UTILIZADO PARA RECOLHA DE DADOS GEOFÍSICOS:

- Bússola azimutal "Wilkie".
- Termómetro de mercúrio.
- Higrómetro.
- Fita métrica.

MATERIAL UTILIZADO NA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:

- Máquina fotográfica Yashica TL Electro-35.
- Objectiva de 28mm.
- Flash electrónico (de fraca potência).
- Tripé.

MATERIAL DE ACAMPAMENTO:

- Duas tendas.
- 6 Bidões p/ água.

MATERIAL PARA DESOBSTRUÇÃO:

- Um balde.
- Três pás.
- Duas picaretas.
- Um machado.
- Uma colher de pedreiro.

SINONÍMIA: Gruta da Amarela ou Seiceira.

COMPRIMENTO TOTAL EXPLORÁVEL: Aproximadamente 111,40 m.

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Baixo.

INTERESSE TÉCNICO: Emprego da técnica de rastejamento.

ESTADO DE COLMATAÇÃO: Obstrução predominante: argilas e clástica.

HIDROLOGIA: Sem águas paradas ou correntes.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Os poucos espeleolitos não se encontram grandemente danificados. No entanto, em zonas com o tecto baixo e onde possivelmente teriam existido alguns, encontramos vários tubiformes com cerca de 5cm espalhados no solo já quebrados, possivelmente por visitantes pouco cuidadosos (que são em maior número face a outras grutas de acesso mais difícil).

GRAU DE POLUIÇÃO: Foram encontradas pilhas rebentadas, cubo-flash, pontas de cigarro, paus de fósforos e outros detritos. De qualquer modo, por enquanto, o grau de poluição não é muito elevado.

FAUNA: Foram observados cerca de 15 morcegos (que presumimos serem *Rhinolophus Mehelyi* estando alguns em hibernação. Foram igualmente observados insectos e aracnídeos não classificados.

FLORA INTERIOR: Observamos alguns focos de bolor sobre os excrementos de morcego.

FLORA EXTERIOR: Terrenos cultivados. Arbustos junto à entrada e árvores de médio porte. Perto do local há igualmente alguns pinheiros. A flora não é característica do karst.

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR:

Carlos Filipe

Com a participação de:

Luís Cochofel

José Águas

Francisco Castelo

Viriato

Ana Filipe

Paula Cristina (acompanhante)

BRIGADAS DIRIGIDAS POR:

Carlos Filipe (topografia)

José Águas (desobstrução)

NESTA EXPLORAÇÃO O C.E.S. CONTOU COM O APOIO DE:

- CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS

Agradecemos a atenção dispensada pelo seu presidente Dr. José Baptista assim como ao condutor da carrinha da CML Sr. António Veríssimo.

Lagos, 9 de Maio de 1981

O Pr. do CES

Carlos Filipe

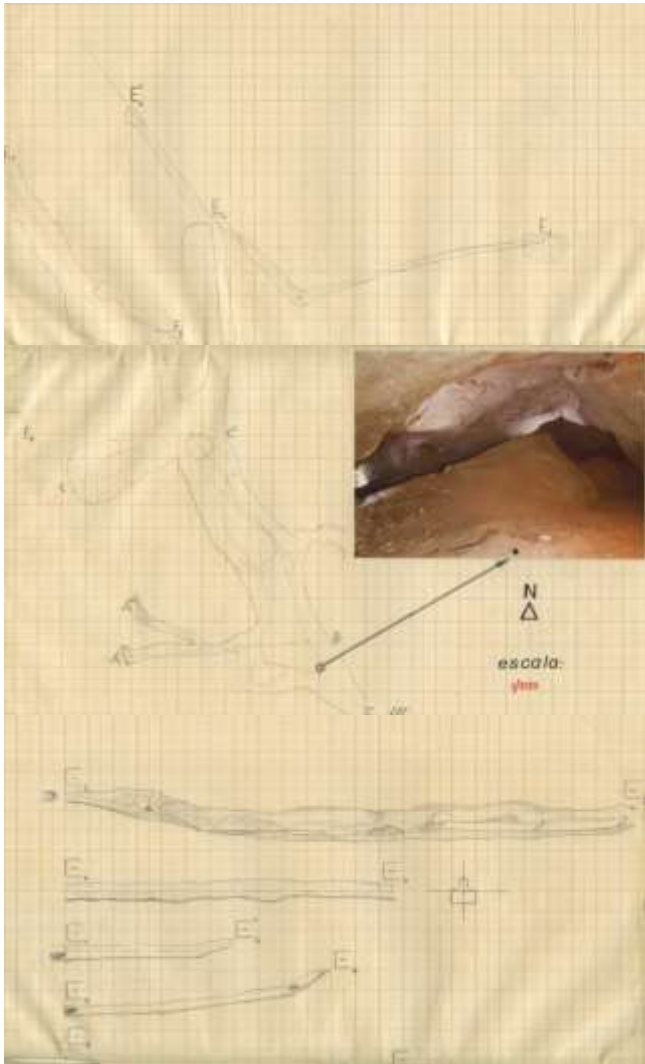
Notas finais

Tal como havia sido planeado, recolhemos uma série de dados com interesse não só para o filme que tencionamos realizar nesta gruta no próximo mês de Agosto, como também em relação à presença de morcegos que comparando com outras observações, permite concluir que o seu número tem vindo a diminuir. Foi igualmente notado o interesse na elaboração dum estudo estratigráfico e climatológico para avaliar a circulação hídrica no seu interior. Trabalho este, que tencionamos efectuar em próximas explorações.

Embora as tentativas de desobstrução tenham sido infrutíferas, não é de modo algum para desistir. As características da gruta fazem com que a possibilidade de continuação seja muito grande e ainda a de encontrarmos achados de eventual interesse.

ANEXOS:

Planta e Cortes da gruta



RELATÓRIO 04/81

SAÍDA DE: 7,8,9 e 10 de AGOSTO DE 1981

FILME À DESCOBERTA DA AMARELA



Descarregando o material, durante a rodagem do filme, perto do local da gruta.

DATA: 7, 8, 9 e 10 de Agosto de 1981

LOCAL: Gruta da Amarela

FREGUESIA: Rogil

CONCELHO: Aljezur

DISTRITO: Faro

OBJECTIVO DA SAÍDA: Realização de um filme sobre a gruta e algumas fases de exploração.

INTRODUÇÃO

Na sequência dos resultados obtidos com a realização do filme sobre a gruta da Mexilhoeira Grande, o CES decidiu levar por diante a continuação deste tipo de atividades.

Julgamos não só serem do interesse do grupo, ficando como registo histórico, como também para possibilitar a observação do seu interior a quem não tiver possibilidade de visitar estas cavidades.

Para além deste interesse, poderemos ainda salientar o carácter pedagógico dos filmes e a valorização do cinema amador.

Este projecto, tal como o anterior, foi promovido com a participação do “PHOCO” (Grupo de Cinema Amador de Lagos) na pessoa do seu presidente José Duarte a quem expressamos o nosso agradecimento pela preciosa colaboração na elaboração do guião e na rodagem do filme.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: “À DESCOBERTA DA AMARELA “

REALIZAÇÃO: C.E.S. (Centro de Estudos Subterrâneos)

ANO DE PRODUÇÃO: 1981

PARTICIPANTES: (Membros do CES)

Carlos Filipe

Ana Beatriz

Luís Cochofel

José Águas

Francisco Castelo

Viriato Canelas

Paula Cristina

DIRECÇÃO DE IMAGEM: Carlos Filipe

OPERADOR DE CAMARA: Duarte Silva (PHOCO)

SOM: Francisco Castelo

José Águas

Carlos Filipe

TEXTO: Ana Beatriz

Carlos Filipe

ILUMINAÇÃO: Maria Manuela

Viriato Canelas

José Manuel

MONTAGEM: Carlos Filipe

Luís Cochofel

José Águas

PRODUÇÃO: FAOJ

(Fundo de Apoio a Organismos Juvenis) delegação regional de FARO

DURAÇÃO: 20 min. Cadência: 24 ipm.

FILME: "Super 8mm" Color AGFACRHOME

EQUIPA DE FILMAGENS:

Duarte Silva - PHOCO

Carlos Filipe - CES & PHOCO

Viriato Canelas - CES

Maria Manuela- CES

José Manuel- CES

AGRADECIMENTOS

O C.E.S., AGRADECE ÀS SEGUINTE ENTIDADES OFICIAIS E PARTICULARES, O APOIO DADO PARA A REALIZAÇÃO DESTE FILME:

***F.A.O.J.** (Fundo de Apoio a Organismos Juvenis) Delegação Regional de Faro e em particular ao seu Delegado Regional Adérito Barreiros).*

Câmara Municipal de Lagos

***Câmara Municipal de Aljezur** e ao seu Pr. José Ventura*

***Hélder Duarte de Oliveira** (Seiceira)*

***Oficina José da Luz** (Rogil)*

***Manuel Leandro da Silva** (CML)*

Carlos Manuel P. Ramos

O Pr. do CES

LAPA DA PENA

Abril de 1982

RELATÓRIO

SAÍDA DO CES : 2, 3, 4, 5 de Abril de 1982

DESTINO: Pena de Baixo

FREGUESIA: Salir

CONGELHO: Loulé

DISTRITO: Faro

GRUTAS: Algar da Caldeirinha e Lapa da Pena

OBJECTIVOS DA SAÍDA:

- Levantamento topográfico
- Colheita de dados climatológicos
- Reportagem fotográfica
- Exploração completa da Lapa da Pena



FOTO 1- Carrinha Ford Tansit cedida pela CM de Lagos que nos serve de transporte para os locais das grutas. (Foto- CES 1982)

Introdução

Desde que em Dezembro de 1977, visitamos pela primeira vez as duas grutas situadas no maciço da Pena, foi decidido que na próxima oportunidade voltaríamos ao local a fim de efetuarmos um trabalho mais completo e preciso. Foi assim que após termos entrado em contacto com a Junta de Freguesia de Salir, planeamos uma nova "visita" à lapa da Pena e algar da Caldeirinha. Curiosamente, os habitantes da região chamam à Lapa "Algar" e ao Algar "Furna da Caldeirinha". Para evitar confusões, optamos por uma nomenclatura que está de acordo com as características geológicas destas cavidades.



FOTO 2- Local do acampamento (não foi necessário montar tendas por nos ter sido cedido alojamento numa casa local não habitada).

Embora a "Lapa da Pena" não seja um perfeito exemplo de "Lapa" pois grande parte do seu trajecto inicial possui uma inclinação de cerca de 45°, desenvolve-se maioritariamente na horizontal, pelo que não julgamos adequado designá-la por algar. Achamos por bem diferenciá-la do algar da caldeirinha, pelos termos técnicos que na realidade definem estas cavidades. Embora, sempre que possível, respeitemos a denominação dada pelos locais, neste caso, optamos por considerar a sua estrutura geológica e como tal diferenciar "algar" de "lapa".

Foi assim, que mais uma vez com a colaboração da Câmara Municipal de Lagos e FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis) partimos para a exploração das grutas da Rocha Pena.

Descrição

Situado no interior algarvio, fazendo como que fronteira entre os xistos alentejanos e os calcários do litoral, o maciço da rocha da Pena é um vasto planalto com uma cota de cerca de 420 metros de altura, do cimo do qual se vislumbra uma excelente vista sobre a bonita paisagem algarvia a sul e para norte os montes ondulantes e mais despídos de vegetação, bem representativos dos xistos da serra algarvia com uma paisagem completamente diferente da do maciço calcário.

Precisamente porque havia chovido dias antes, não nos foi possível chegar ao cimo pela estrada ⁶, pelo que optamos por montar o acampamento no mesmo local que em 1977. Ou seja; junto à habitação do senhor Manuel Rodrigues, que muito amavelmente e de acordo com o bom relacionamento que sempre mantemos com os habitantes das zonas onde se situam as grutas, nos cedeu uma casa não habitada, mas ainda em muito bom estado para nos proteger, melhor que as tendas, de possíveis chuvadas.

Foi assim, que utilizando um animal de carga, conseguimos com algum esforço, transportar todo o material para o acampamento. Uma vez que não nos foi possível subir até ao cimo do maciço com a carrinha Ford Transit da C.M.L., optamos por ficar o mais perto possível do acampamento e daí, transportamos todo o material distribuindo as tarefas pelos diferentes membros do grupo.

Embora de difícil acesso o local escolhido possui excelentes condições. Para além do importante facto de existir no local uma fonte que fornece água potável durante todo o ano, a vista é deslumbrante e ficamos relativamente perto do cimo do maciço. No entanto, para chegarmos lá, ainda temos que subir cerca de 100-200 metros de encosta, bastante inclinada, o que não é tarefa fácil nem aliciante. Para quem opte por acampar no cimo do maciço⁷, embora fique mais perto das grutas, tem o problema de aí não existir água.

⁶ *Contrariamente ao que acontecia naquela época, existe atualmente uma estrada transitável até ao cimo do maciço. Excetuando a época de Inverno é transitável para qualquer veículo automóvel.*

⁷ *Naquela época, era possível acampar do topo do Maciço da Pena.*

Cerca das 15 horas da tarde do dia 2 tínhamos finalmente todo o material no local definitivo e achamos por bem almoçar, antes de proceder à sua arrumação.

Às 19 horas do mesmo dia, iniciamos a primeira exploração. Só com uma brigada, partimos rumo ao cimo do maciço munidos dum rádio emissor-receptor ficando o outro com os elementos que ficaram no acampamento.

Atendendo à hora e ao tempo que dispúnhamos ainda com luz, apressamos o passo para conseguirmos chegar, ainda antes do por do sol, ao local onde se situa a lapa da Pena e daí seguir para o algar para montar as escadas. Acabamos este trabalho cerca das 21 horas.

Salpicado de vegetação de pequeno e médio porte, o topo da rocha da Pena, é característico do karst algarvio. No entanto, possui em grande parte da sua extensão, muros de pedras que segundo informações colhidas, foram feitos por camponeses para assim limparem as terras e dividirem os terrenos.

Para localizar as grutas, não é muito fácil, particularmente para quem as visita pela primeira vez. No entanto, pode dizer-se que para quem chegue ao cimo do caminho existente actualmente, voltado para norte, deverá dirigir-se para a esquerda na direcção do poente.

Depois de andar cerca de 150 metros, mais ou menos a meia distância entre a vertente norte e sul do maciço, visualizam-se algumas alfarrobeiras de maior porte que se destacam da restante vegetação junto a uma pequena depressão do terreno.

Caminhando nessa direcção, facilmente se encontra a entrada da lapa da Pena (foto da capa do relatório). A entrada é caracterizada por uma ampla reentrância na rocha que

possivelmente se formou devido ao abatimento de alguma sala. Cremos pelas características da entrada e zonas circundantes, ser esta a hipótese mais provável. As diaclases existentes em redor de toda a depressão na qual se encontra a entrada da gruta, assim como a forte colmatação clástica existente na mesma, são um argumento a favor da hipótese anterior assim como a ocorrência de fenómenos sísmicos que deram a esta gruta as características actuais.

A entrada propriamente dita, fica situada no fundo



Foto 3- Entrada para a gruta (Foto CES 1982).

de uma rampa com cerca de 45° de inclinação (na planta, pontos 1 a 3). Esta, faz-se através dum pequeno poço com cerca de 3-5m de profundidade a partir da base do qual a gruta continua em rampa por mais cerca de 27 metros (pontos 4 a 8). Desde a rampa inicial, é conveniente a utilização dum cabo para prevenir eventuais quedas, particularmente quando o solo se encontrar molhado.

Para a descida do poço inicial, não é necessária a utilização de escadas, bastando para o efeito empregar a técnica de escalada com as devidas precauções. A galeria que parte da base deste poço, dirige-se para norte por cerca de mais 16 metros, terminando numa pequena sala.

Esta galeria, permite uma progressão fácil sem ser necessário rastejar. Progressivamente a galeria vai diminuindo de dimensões sendo ao nível do ponto 7 (ver planta) necessário rastejar para atingir as galerias inferiores. Em todas estas galerias encontramos numeros calhaus de diversas dimensões que dificultam a progressão.

Entre os pontos 5 e 7 da planta, visualizam-se paredes relativamente apumadas, constituídas por um muro de pedras perfeitamente alinhadas o que faz suspeitar uma origem em mão humana.

Quando e o porquê da sua execução, não nos foi possível descobrir, embora algumas explicações nos tenham sido dadas, mas com um pouco de lenda à mistura.



Foto 4- Entrada vista do interior a partir da 1ª rampa descendente (Foto CES 1982).



Esquema da parede que evidencia o alinhamento das pedras, seguramente motivado por intervenção humana.

A partir do ponto assinalado com o número 7 na planta, a galeria diminui consideravelmente de dimensões sendo necessário rastejar sobre um solo coberto de pedras soltas durante cerca de seis metros. Finalmente, deparamos com uma sala de dimensões consideráveis, comparável à existente na Igrejinha de Sócios.

Com um comprimento máximo de cerca de 24 metros e uma largura de 18 a sala é uma das maiores existentes nas grutas do barlavento algarvio. O ponto mais alto do tecto fica a cerca de 8 metros do solo. Isto, é em relação à zona média da sala pois teremos de ter em conta a sua característica particular (ver corte esquemático da sala).



Zona mais baixa

(Corte esquemático da sala principal da lapa da Pena)

O solo da sala, encontra-se coberto por centenas de blocos de pedra de várias dimensões, obrigando a uma progressão cuidadosa. Do tecto, pendem numerosas estalactites e outras concreções que embelezam em muito esta sala (ver zonas assinaladas com o sinal Y na planta). Neste local da gruta, poderemos observar tubiformes, micro gouris, excêntricos, colunas, bandeiras, estalactites e estalagmites e ainda zonas com pequenas formações em cascata.

Esta é sem dúvida alguma uma sala de grande importância não só pelas suas dimensões como também pelo número de concreções que possui e ainda pelo facto de servir de abrigo a uma colónia considerável de morcegos. Em relação a estes pequenos mamíferos, convém assinalar que apenas foram vistos cerca de 50 elementos o que contrasta muitíssimo com a observação feita em 1979 pelas biólogas Deodália Dias e Maria João Ramos da Faculdade de Ciências de Lisboa que nesta data observaram na sala cerca de 2000 "*Miniopterus Schreibersi* e *Myotis Blythi*". Esta enorme diferença, pode perfeitamente ser explicada pelo facto de nos últimos tempos a gruta ter sido muito visitada. Sendo os morcegos animais extremamente sensíveis à presença humana é bem possível que tenham procurado outras zonas da gruta menos frequentadas ou até procurado outro abrigo.

No solo encontramos grande quantidade de guano do qual colhemos uma pequena quantidade para amostra (Foto nº 10). Todo o guano se encontra espalhado pelo solo, embora existam zonas desprovidas do mesmo e outras onde a sua espessura atinge alguns centímetros.

De acordo com os registos efectuados, a temperatura no interior desta sala era de 13º C e o grau higrométrico atingiu os 87%.

Planta da lapa da Pena e foto do tecto da sala principal

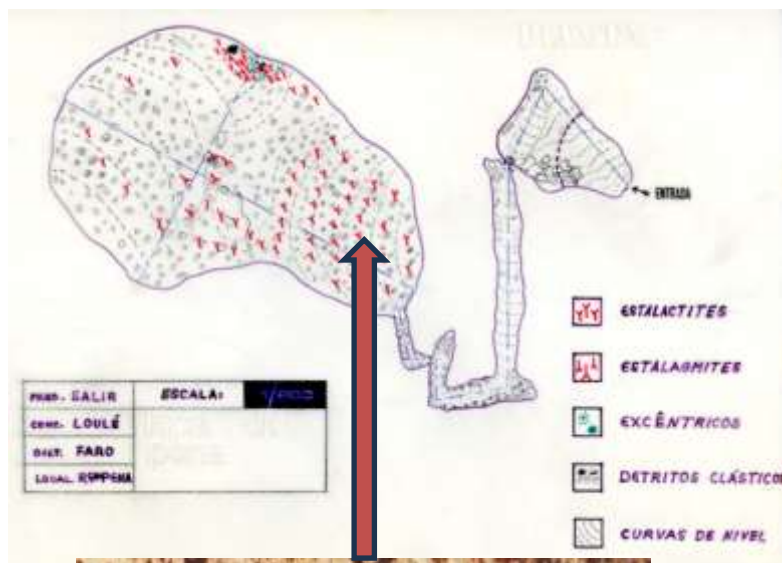




Foto 5- Galeria descendente para acesso à sala principal (Foto CES 1982).



Foto 6- Vista parcial da sala (Foto CES 1982).



*Foto 7- Micro-lago
(sala principal)*



*Foto 8- Exploração da
sala.*



*Foto 9- Técnica "open
flash" na sala
principal.*



Foto 10- Recolha de guano.

Ficha da gruta

NOME: Lapa da Pena **SINÓNIMIA:** Algar da Rocha da Pena

DISTRITO: Faro

CONCELHO: Loulé

FREGUESIA: Salir

LUGAR: Rocha da Pena (Aldeia da Pena de Baixo)

DESCOBERTA POR?

INDICADA POR: Carlos Lopes em Outubro de 1977

CARTA DOS SERVIÇOS COROGRÁFICOS DE PORTUGAL 50-C

Alportel Escala:1/50 000

COORDENADAS DA ENTRADA: X= 8° 02' 1"

Y= 37° 15' 2" Z= **Altitude:** 470m

EXPLORAÇÕES:

- GIAE (CES) 26-28/12/77
- CES 03-06/04/82

ESPELEOMETRIA:

- Dimensões da abertura: Max. 90cm Min. 40cm
- Desnível máximo? (não foi calculado por falta de material apropriado)
- Desenvolvimento máximo: 72metros (a partir do ponto assinalado c/uma seta na planta)

HIDROLOGIA:

- Sem águas correntes ou paradas. Apenas foi detectado um micro lago na sala, na zona dos excêntricos assinalado na planta.

METERIOLOGIA:

- Temp. na sala: 17°C -Grau Higr. 87%
 - Temp. junto à entrada: 17°C -Grau Higr. 60%
 - Temp. exterior: 20°C -Grau Higr. 59%
- (Registos efectuados no mês de Abril, às 15h)

GÁS CARBÓNICO:

- Não foi detectado

BIOLOGIA:

- Foram observados cerca de 50 morcegos na maioria pouco activos.

Espécie: *Miniopterus Schreiberi* e *Myotis Blythi* (?)

-Foram igualmente detectados alguns aracnídeos.

FOTOGRAFIA:

*-Foi feita uma reportagem fotográfica de toda a gruta c/ filme
135mm Kodak Color 100Asa*

INTERESSE EM ESPELEOLITOS:

*-Muito Alto (Na escala: Nulo, Muito Baixo, Baixo, Alto, Muito
Alto, Excepcional)*

MATERIAL NECESSÁRIO À EXPLORAÇÃO:

-Individual

-Cabo auxiliar atado à entrada com pelo menos 30 metros

GRAU DE POLUIÇÃO:

*-Foram encontrados sacos plásticos, pilhas rebentadas e um
cubo-flash, pontas de cigarro e outros detritos.*

*Dum modo geral, pode dizer-se que a gruta por enquanto, possui
um baixo grau de poluição*

*(Na escala: Nulo, Muito Baixo, Baixo, Alto, Muito Alto,
Excepcional)*

ALGAR DA CALDEIRINHA

Situado a cerca de 200 metros da lapa da Pena, junto à falésia sul do maciço, no cruzamento das azimutes tiradas em relação a Salir (115°N), à povoação da Pena de Baixo (150°N) e ao talefo (275°N) com as coordenadas: X-8° 2' 0"; Y-37° 15' 1" e Z- 470 m, O algar da Caldeirinha desce na vertical através do maciço comunicando com o exterior por uma pequena abertura de dimensões reduzidas (Foto 12).



Foto 12- Entrada do algar da Caldeirinha (ou da Rocha da Pena)

Não apresentando características especiais, a sua exploração é relativamente fácil, utilizando para o efeito dois troços de escada de 10 metros cada. A partir da entrada e até cerca de 4-5 metros de profundidade a descida não é difícil e

poderá eventualmente ser feita por escalada o que na nossa opinião é contraproducente. No entanto, segundo informações colhidas, parece que isso foi feito por alguns "exploradores". Este pequeno troço inicial do algar, termina numa pequena plataforma que permite a permanência de dois espeleólogos que deverão previamente fazer-se fixar à escada ou outro ponto de segurança. A partir daqui, é uma vertical directa até à base do algar. Esta, encontra-se completamente entulhada por pedras e são visíveis nas paredes os vestígios dos embates das mesmas, pelo que grande número de formações em bandeira se encontram quebradas. A partir dos 2/3 inferiores do algar, as paredes são constituídas por formações em cascata (Foto 13) que têm resistido aos embates de centenas de pedras que ao longo dos anos têm, seguramente, sido atiradas para o seu interior. Nestas circunstâncias, é bem possível que o algar não terminasse no ponto actual e que continue através do maciço. No entanto, uma tentativa de desobstrução tornar-se-ia perigosa e difícil quer em meios quer atendendo às características do fundo do algar. A impossibilidade de nos protegermos de forma segura na base, tornaria essa opção muito arriscada, para além de difícil do ponto de vista logístico.

Para além do interesse técnico que este algar se reveste na sua descida, pouco mais poderá ter de relevante. O interesse em espeleolitos é baixo e as suas paredes começam já a sofrer a acção corrosiva dos anos. É uma gruta em estado de colmatação (predominantemente clástica) e a humidade das paredes é relativamente baixa (fase de envelhecimento acentuado). A temperatura é semelhante à da maioria das grutas por nós conhecidas (+- 22°C) e um pouco mais alta que a registada na sala principal (salão) da Lapa da Pena.

Quanto à sua génese, cremos que se trata dum algar de infiltração. Embora esta hipótese possa ser contrariada pela quantidade de pedras existente na base, devemos ter em consideração que em princípio, na sua maioria, foram para aí lançadas propositadamente e não tiveram origem em abatimentos verificados no interior do algar.



Foto 13- Formações em bandeira fotografadas a partir da base do algar.



Foto 14-Entrada do algar vista a partir do patamar a seguir à entrada.



Foto 15- Foto obtida a partir da plataforma (situada a 1/3 da sua altura) na direcção da entrada.

Ficha da gruta

NOME: Algar da Caldeirinha

SINÓNIMIA: Furna da Caldeirinha; Algar da Rocha da Pena

DISTRITO: Faro

CONCELHO: Loulé

FREGUESIA: Salir

LUGAR: Rocha da Pena (Aldeia de Pena de Baixo)

DESCOBERTA POR: (Desconhecido)

INDICADA POR: Carlos Lopes em Outubro de 1977

CARTA DOS SERVIÇOS COROGRÁFICOS DE PORTUGAL 50-C

Escala 1/50 000

COORDENADAS DA ENTRADA:

X= 8° 2' 0'

Y= 57° 15' 1'

Z= 470m

EXPLORAÇÕES:

- GIAE 26-28/12/77
- CES (Ex-GIAE) 03-06/04/82

ESPELEOMETRIA:

- Dimensões da entrada: Máx.=70cm Min.=30cm
- Desnível máximo: 21 m
- Desenvolvimento máximo: 22m

HIDROLOGIA:

- Sem águas correntes ou paradas

METERIOLOGIA:

- Temp. interior: 22°C - Grau higrométrico: 78%

GÁS CARBÓNICO: Não foi detetado

BIOLOGIA:-Não foram observados morcegos (troglófilos), troglóbios ou troglóxenos.

FOTOGRAFIA:

-Foi feita a reportagem fotográfica do algar com filme Kodak Color 135mm 100 Asa.

-Neste campo, a gruta apresenta um interesse moderado. Mais em técnicas e na base onde existem as formações em cascata.

INTERESSE EM ESPELEOLITOS:

-Baixo (Na escala: Nulo, Muito Baixo, Baixo, Alto, Muito Alto, Excepcional)

MATERIAL NECESSÁRIO À EXPLORAÇÃO:

-Individual

-Dois troços de escada de 10m cada

-Um cabo de pelo menos 25m p/ segurança

-Um cabo de pelo menos 25m p/ descensor (ou rappel)

-1 Shunt (Prussik mecânico)

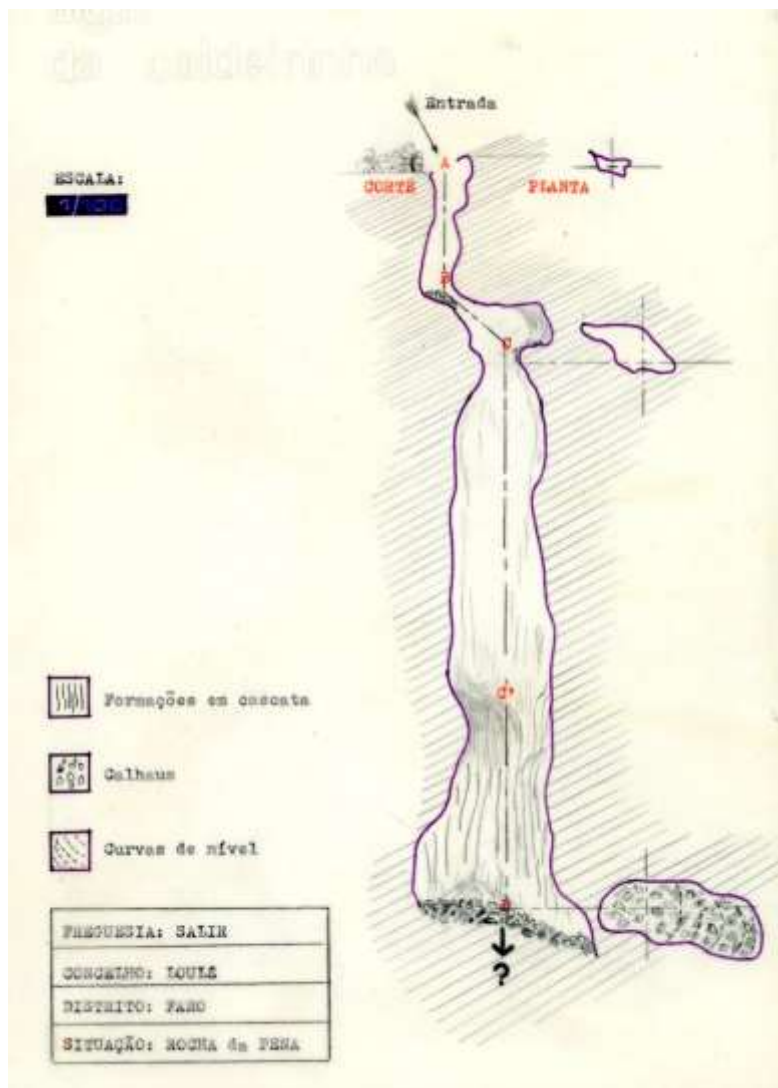
-1 Descensor -1 Bloqueador -Mosquetões

-Eventualmente telefones ou rádios

GRAU DE POLUIÇÃO:

-Baixo (Na escala: Nulo, Muito Baixo, Baixo, Alto, Elevado)

Corte do Algar da Caldeirinha (Rocha da Pena)





Rocha da Pena (1982).



Rocha da Pena, equipa do GIAE com o material existente na altura (1977 -Arquivo).



Equipa do GIAE quando da primeira exploração da lapa da Pena em Dezembro de 1977(Arquivo) juntamente com o morador local.

CONCLUSÃO

Em ambas as grutas foram concretizadas os planos inicialmente previstos. Naturalmente que com algumas falhas, mas atendendo ao material técnico e científico que possuímos não nos foi possível fazer melhor.

Como tantas outras, são mais duas grutas que interessa preservar. O Algar da Caldeirinha, porque o continuar do atirar de pedras para o seu interior, vai danificar ainda mais o que ainda resta e continuar a obstruir a gruta. Quanto à Lapa da Pena, merece igual atenção, para mais que tendo em conta o seu fácil acesso e a relativa facilidade de exploração a ainda o maior número de visitantes que actualmente chegam ao cimo do maciço, poderá contribuir por um aumento considerável de entradas o que a breve prazo se traduzirá num desequilíbrio do seu ecossistema, com todas as nefastas consequências que daí podem advir. Por outro lado, há que ter em conta a existência da colónia de morcegos no seu interior, pelo que há todo o interesse em proteger esta gruta de visitas sem controle. Para mais que segundo constatamos, o número de morcegos diminuiu drasticamente.

Por estes motivos, entendemos por bem o encerramento destas grutas para evitar que as sucessivas "visitas" possam causar sérios danos ao meio ambiente desta cavidade. É evidente que ao tomar tal atitude dever-se-á ter em conta determinados cuidados que referenciamos neste relatório.

NOTA ENVIADA À CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ E JUNTA DE FREGUESIA DE SALIR:

Durante os dias em estivemos na Rocha da Pena, tomámos conhecimento por meio de elementos da Junta de Freguesia de Salir e Câmara Municipal de Loulé, da intenção deste município de proteger estas grutas, procedendo para isso à colocação de grades de ferro à entrada das mesmas.

Tal como na altura demos a conhecer aos referidos elementos da C.M.L. e o seu presidente por carta de 12/4/82, atendendo a que:

1- A colocação de protecções à entrada das grutas desperta muitas vezes ainda mais a curiosidade de indivíduos com menos escrúpulos, que na impossibilidade de entrar, danificam a protecção ou inviabilizam o cadeado (colocando paus de madeira ou argila, na ranhura da fechadura, por exp.), foi proposto a colocação dum cadeado com sistema de fecho magnético.

2- Que em virtude da existência duma colónia de morcegos na lapa da Pena a malha da grade não deverá ser inferior a 25-30cm. Isto, para possibilitar a livre entrada e saída dos animais.

No que respeita ao algar, este problema não se põe, visto não conter qualquer colónia.

Finalmente, queremos fazer referência ao facto de termos sido informados por um elemento da CML, que no maciço existiriam para além das duas grutas por nós estudadas, ainda mais três. No entanto, ninguém soube informar a sua localização precisa. Um habitante local ainda nos indicou uma zona onde existia uma diaclase com cerca de 1m de altura por

cerca de 30cm de largura que afunila progressivamente. No entanto, através dela, constatamos a saída de uma corrente continua de ar quente que segundo informações, só se manifestava no Inverno e de ar frio no Verão. Atendendo a esta particularidade, tencionamos efectuar um estudo mais aprofundado para caracterizar melhor esta corrente de ar e a partir daí, concluir se haverá alguma possibilidade da mesma ter origem em alguma gruta existente no interior do maciço. Desde já pedimos a colaboração da CML e da Junta de Freguesia de Salir para a execução deste trabalho.



Foto 16- Prontos para o regresso.



Foto 17- Junto à entrada da gruta ((Foto CES 1982).

1-Carlos Filipe; 2- José Águas; 3- Francisco Castelo; 4- Habitante local; 5-Jorge





Foto- 18 Dois elementos do grupo enrolando uma escada no local do acampamento (Castelo e Francisco).

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR:

1 Carlos Filipe

Com a participação de:

2 José Águas

3 Francisco Castelo

4 Ana Filipe

5 Francisco Quitério

6 Jorge

7 José Manuel

TOPOGRAFIA: Carlos Filipe

José Águas e Francisco Castelo

C/ Colaboração dos restantes elementos

FOTOGRAFIA: Carlos Filipe

C/ Colaboração de José Águas

DACTILOGRAFIA: Carlos Filipe e José Águas

AGRADECIMENTOS

NESTA EXPLORAÇÃO O C.E.S. CONTOU COM O APOIO DE:

-CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS

-FUNDO DE APOIO A ORGANISMOS JUVENIS (Delegação
Regional de Faro)

-JUNTA FRGUESIA SALIR

**Agradecemos igualmente a colaboração e boa vontade
prestada pelos seguintes particulares:**

Manuel Leandro (Condutor da carrinha da CML)

Manuel Rodrigues (Rocha da Pena)

Lucinda Rodrigues (Rocha da Pena)

Alguns elementos da população da aldeia da Pena de Baixo

Lagos, 14 de Maio de 1982

**ALGAR DA PORTELA DA
NAVE DE BARÃO**

Agosto de 1982

RELATÓRIO

SAÍDA DO CENTRO EM: 26,27,28,29 e 30 de Agosto de 1982

DESTINO: Portela da Nave de Barão

FREGUESIA: Salir

CONCELHO: Loulé

DISTRITO: Faro

GRUTAS: Algar da Portela da Nave

OBJECTIVOS:

- Reconhecimento da gruta
- Levantamento topográfico
- Colheita de dados climatológicos
- Reportagem Fotográfica



Foto 1- Alguns elementos do CES com o condutor da carrinha da C.M. de Lagos (Sr. Verfssimo).

Introdução

Na sequência dos trabalhos desenvolvidos no concelho de Loulé, deslocámo-nos na data acima indicada à gruta da Portela da Nave. Situada no Cabeço da Areia, daí, ser também conhecida por este nome.

Esta gruta, segundo nos informou a Sra. D. Luísa de Gusmão, residente na Portela da Nave, foi descoberta em Março de 1980 por um grupo de rapazes da Funcheira(?) (*João Paulo, Rui e Rogério*) que ao deslocaram as pedras que se encontravam à entrada do pequeno algar, que segundo a referida senhora, tinham aí sido colocadas por ela, por *"pensar que se tratava de um buraco de raposas"(sic!)*. Dada a divulgação desta descoberta, dezenas de curiosos acederam ao seu interior com as consequências que adiante referiremos.

Ao tomar conhecimento destas acções, a Câmara Municipal de Loulé, *"teria enviado ao local um espeleólogo(?)"*, o qual numa reportagem apresentada pelo programa *"País País"* na RTP no dia 2 de Novembro de 1981, teria afirmado *"que se tratava de uma descoberta importante dadas as características e dimensões da gruta..."*.

Numa tentativa de travar "esta romaria", a entrada foi fechada com uma grade de ferro. De acordo com a nossa opinião, ou estas fechaduras são preparadas para dificultar a sua inutilização, ou acabam por ser vandalizadas deixando de cumprir o seu objectivo. Mais uma vez foi o que aconteceu neste caso, pois a grade que tinha sido colocada à entrada, foi destruída, o cadeado desapareceu e a entrada encontrava-se livre. Não foi por isso necessária a chave que o funcionário da

Junta de e Freguesia de Salir levava consigo. Também ele desconhecia este facto.



Foto 2- Entrada da gruta (inicialmente protegida com uma grade de ferro que na altura já tinha sido vandalizada, sendo inútil a chave cedida pela Junta de freguesia).

Relativamente a este problema, cremos que a sensibilização dos habitantes das redondezas seria talvez o melhor processo de evitar a destruição sistemática das grutas. Muitas vezes a falta de conhecimento leva os curiosos a trazer "recordações" que pouco a pouco contribui para a destruição progressiva de espeleolitos mais acessíveis nas grutas. No entanto, nem sempre os visitantes são da zona, e tudo acaba por ser um problema de consciência cívica e ambiental.

Poderíamos colaborar com a Câmara Municipal de Loulé ou Junta de Freguesia de Salir. Cremos que a projecção de

filmes e diapositivos assim como a realização de uma exposição fotográfica na sede do concelho, poderiam em muito ajudar a sensibilizar as populações para a necessidade imperiosa de proteger as grutas calcárias.

Esperamos que este relatório ao ser lido pelas entidades competentes, desperte a sua atenção para esta problemática. Pena é que não possamos por nossa inteira iniciativa, realizar tal projecto. Infelizmente, dificuldades económicas impedem-nos de o fazer.



Foto 3- Formações danificadas por visitantes.

Vias de acesso:

Situada a cerca de 400 metros da aldeia da Portela da Nave, o seu acesso é relativamente fácil. Seguindo pela estrada que liga Benafim Grande a Salir e passando pela povoação da Pena de Cima, voltamos à direita a cerca de um quilómetro desta última, na direcção a uma povoação denominada Almarginho. A partir daqui, segue-se por uma estrada não asfaltada, mas em boas condições, que nos conduz até à aldeia da Portela da Nave. Ao chegarmos a esta aldeia, voltamos à direita (conforme o mapa de acesso) por um caminho relativamente largo que segue até muito perto da entrada da gruta.

Convém assinalar, que o acesso pelo lado da povoação da Nave de Barão é muito mais difícil, visto o caminho não ter condições para a circulação de trânsito (referimo-nos como é óbvio à estrada que liga a Nave de Barão à Portela da Nave).



Fig. 1 -Croquis do local do acampamento entrada.

Acampamento:

Junto à aldeia existem boas condições para montar um acampamento com uma ou várias tendas. Uma zona plana à direita do caminho para a gruta a cerca de 100 metros da aldeia, permite a montagem das tendas sem grandes problemas. No nosso caso, montamos cinco em círculo, conforme a foto-4.



Foto 4- Vista noturna do acampamento.

Abastecimentos:

A água nas redondezas é escassa. Daí, que nos tivéssemos apoiado nos habitantes da aldeia que nos forneceram água das suas cisternas. Curiosamente, durante este acampamento, fomos surpreendidos por fortes chuvadas

de verão que dada a intensa precipitação, fez com que as cisternas enchessem de tal modo, que nos deixaram de colocar obstáculos com o fornecimento de água (o que não tinha acontecido à chegada). Quanto a alimentos, podem ser adquiridos na Nave de Barão.

Descrição da gruta

Situada à quota de cerca de 350 metros de altitude, a sua entrada faz-se através de um pequeno algar com 2,80 metros de profundidade com uma abertura de 60x50 cm (conforme croquis de entrada, fig-2).



Fig. 2 -Croquis da entrada.

A descida inicial é facilmente efectuada por escalada, embora tivéssemos utilizado escadas, como medida acrescida de segurança. Logo por baixo, encontramos uma pequena plataforma que dá acesso a uma sala com cerca de 5,70 metros de comprimento por 2 metros de largura com uma altura máxima de 2,5 metros (planta da sala de entrada). Nesta sala, na zona média, junto à parede, existe um poço com cerca de 6 metros que nos conduz a uma plataforma inferior. Na sua extremidade esquerda (estando voltado de frente para a

abertura do poço após a descida) parte uma galeria que nos conduz igualmente a níveis inferiores. Esta, poderá até nem ser considerada como uma galeria, mas sim como uma passagem estreita, uma vez que toda esta zona da gruta se desenvolver em forma de diaclase. Esta passagem, com cerca de 70 cm de altura por 50 de largura, é facilmente ultrapassada após o que se segue uma rampa quase vertical, componente essencial da parede da diaclase.

Após descermos esta rampa o que pode ser feito por escalada ou usando segurança com shunt (processo que nós adoptámos), chegamos a uma plataforma que serve de base ao poço que acima referimos e da qual parte outra galeria em sentido descendente com cerca de seis metros que nos conduz a outro pequeno poço (ou desnível) com pouco mais de um metro da base do qual partem duas galerias. Uma para a direita que após uma passagem estreita em forma de diaclase, e outra para a esquerda que após poucos metros acaba por terminar em fundo de saco. É no fim desta galeria que podemos igualmente contemplar, outro quadro lamentável de destruição de bandeiras e estalactites onde são nítidos os golpes de martelo.

Com um comprimento máximo de cerca de 60 metros de galerias, a gruta é bastante labiríntica, apresentando algumas zonas mais interessantes em espeleolitos, embora toda a sua estrutura reflita as características das grutas da região: colmatção avançada, sem presença de água, abundância de clastos e infelizmente bastante danificada, embora ainda possua zonas mais preservadas que permitem contemplar formações ainda intactas (Fotos 5 e 6 da página seguinte).



Foto 5-Tubiformes com cerca de oito centímetros.



Foto 6- Cascata de calcite pura.

Ficha da gruta

NOME: Gruta da Portela da Nave

SINONIMIA: Algar do Cabeço da Areia

DISTRITO: Faro

CONCELHO: Loulé

FREGUESIA: Salir

LUGAR: Portela da Nave de Barão ou Portela da Nave

DESCOBERTA POR: João Paul, Rui Rogério (Grupo de rapazes da Funcheira (?))

INDICADA POR: Junta de Freguesia de Salir

CARTA MILITAR DE PORTUGAL N^{os} 588 e 597 Escala: 1/25 000
(dos Serviços Cartográficos do Exército)

COORDENADAS DA ENTRADA:

X- 37° 13' 18"

Y- 10° 4' 16"

Z- 370m

EXPLORAÇÕES:

Grupo de espeleólogos de Faro em (?)

-CES:26-30/8/82

ESPELEOMETRIA: Estalactites, estalagmites, bandeiras, colunas, cascatas, gours e microgours.

-**Dimensões da entrada:** Máx. 60cm Mín. 50cm

-**Desnível máximo:** Não calculado

-**Desenvolvimento máximo:** Apróx. 40m

-**Total de galerias:** Apróx. 60m

-**HIDROLOGIA:** Sem águas correntes ou paradas.

METERIOLOGIA:

-Temp. interior: 24°C

- Temp. exterior (à mesma hora): 28°C

-Grau Higrométrico. 60%

(valores registados a cerca de 10 metros da entrada por volta das 16 horas)

BIOLOGIA:

-Não foram detectados morcegos. Junto à entrada encontramos alguns aracnídeos.

FOTOGRAFIA:

-A reportagem foi feita com filme Kodak 100 Asa de 135mm.

-Câmara: Yashica TL-electro35

-Objectiva: Vivitar 28mm

AGRADECIMENTOS

-Câmara Municipal de LAGOS

-F.A.O.J. – Fundo de Apoio a Apoio Organismos Juvenis

(Delegação Regional de Faro)

-Junta de Freguesia de Salir

Agradecemos igualmente a colaboração e boa vontade prestada pelos habitantes da Aldeia da Portela da Nave e ainda ao Sr. António Veríssimo, condutor da carrinha da C.M.L. assim como o apoio prestado pela Junta de Freguesia de Salir (o que aconteceu pela primeira vez a este nível) pelo que expressamos os nossos agradecimentos ao seu Presidente e ainda ao funcionário (Sr. Carlos) que conduziu a carrinha.

O Pr. do CES

Carlos Filipe

Setembro de 1985

**LAPA DA SOLESTREIRA
MENOR**

Março 1983

RELATÓRIO

SAIDA DO CENTRO EM: 28,29. 30, e 31 de Março de 1983

DESTINO: Fonte de Benévola

FREGUESIA: Querença

CONCELHO: Loulé

DISTRITO: Faro

GRUTAS: Solestreira Menor

OBJECTIVOS:

- Reconhecimento das grutas
- Levantamento topográfico das mesmas
- Colheita de dados climatológico
- Reportagem fotográfica
- Reconhecimento de outras grutas existentes no cerro da cabeça para uma posterior exploração



FOTO 1- Execução da topografia da entrada.

Introdução

Ao longo da sua existência o C.E.S tem vindo a explorar uma série de grutas calcárias, existentes na região Algarvia. A localização destas cavidades, é obtida a partir de bibliografia existente onde são mencionados os nomes de algumas grutas (caso de Estácio da Veiga ou Bernardim Machado) ou, noutros casos, colhendo informações junto de entidades ou moradores das zonas onde pretendemos desenvolver a atividade (preferencialmente caçadores e camponeses mais idosos).

No caso destas grutas, sabíamos da sua existência por referências bibliográficas e por informações fornecidas pela junta na Freguesia de Querença.

Planeamos assim a “saída de campo” às gutas da Solestreira Menor e Solestreira Maior, que ficam situadas a cerca de 300 metros da fonte de Benémola Freguesia de Querença.

A partida do centro ocorreu às 11:00h do dia 28 de Março. Decorridas cerca de duas horas e meia, chegamos ao local de destinado. Depois da de montado o acampamento, procedeu-se ao reconhecimento das grutas contando para isso com a preciosa ajuda do sr. António, funcionário da junta de Freguesia de Querença.

Estas cavidades, situadas numa cota superior acima da base do monte, têm as suas entras relativamente perto uma da outra, tendo características de desenvolvimento e estrutura muito semelhantes. Ambas se encontram significativamente degradadas uma vez que o seu acesso fácil, o que promove a sua destruição por visitantes não espeleólogos.



FOTO 2- Entrada da Solestreira Menor (1983).

No caso específico da Solestreira Menor, a sua destruição é tal que é raro podermos observar uma concreção intacta.

Até nos seus mais ínfimos recantos se nota a acção destruidora dos visitantes.

Este é um problema grave, que se verifica em numerosas gutas cujo acesso á mais fácil. A sensibilização dos habitantes das redondezas poderá contribuir para combater este fenómeno, mas na maioria dos casos, não são os locais os responsáveis. A divulgação desta atividade, poderá de algum modo contribuir para prevenir este problema. Temos testemunhado isso mesmo nas exposições fotográficas que temos promovidos nos últimos anos.



Foto-3 Grupo de estalagmites totalmente quebradas por visitantes pouco conscientes. (Cenas como esta, são infelizmente muito frequentes nesta gruta).

Neste sentido, poderia o nosso Centro colaborar com a Câmara Municipal de Loulé ou Junta de Freguesia de Querença, desde que solicitado por qualquer um destes organismos. Cremos que a projecção de filmes e diapositivos assim como a realização duma exposição fotográfica na sede do concelho, ou juntas de freguesia, poderiam em muito ajudar a sensibilizar as populações para a necessidade imperiosa de proteger as grutas calcárias.

Esperamos que este relatório ao ser lido pelas entidades competentes, desperte a sua atenção para o problema e pena é que não possamos por nossa inteira iniciativa realizar tal projecto. Infelizmente, dificuldades económicas impedem-nos de fazê-lo.

Vias de acesso

Situada a cerca de 300 metros da fonte de Benémola o seu acesso é bastante fácil. Seguindo pela estrada 524 que liga Salir a Querença encontra-se a seguir e à esquerda da quinta da Várzea um ramal de terra batida cujo acesso vai dar à fonte de Benémola. Já na zona da fonte existe um pequeno carreiro à direita do monte que sobe até à zona das grutas.

De salientar que o caminho de terra batida, de que falamos anteriormente, é perfeitamente transitável até à zona da fonte onde montamos o acampamento.

Acampamento

Junto a um pequeno riacho que tem a sua origem nesta fonte, por nós já tantas vezes referida, existem as condições perfeitas para a montagem de um acampamento. A proximidade de água potável, a enorme variedade de pequenos seres que habitam as proximidades do lago o coaxar das rãs e a sombra acolhedora das árvores, fazem deste local um recanto muito acolhedor, sendo um dos melhores locais onde o grupo já acampou⁸.

Abastecimentos

Como já foi referido existe água potável em abundância fornecida pela fonte, assim como água da ribeira, ainda corrente em pleno verão, pelo que esta não é preocupação. Quanto aos alimentos, será prudente adquiri-los previamente na povoação de Querença.

Descrição da gruta (Solestreira Menor)

Situada à altitude de 200 metros num maciço de 230, a sua entrada é facilmente visível assim que nos acercamos. Com uma largura de seis metros e meio, por cerca de um e oitenta de

⁸ *Atualmente a zona da Fonte Benémola é considerada local de paisagem protegida, pelo que o acesso a viaturas está restringido, sendo o local hoje existente, significativamente diferente do encontrado pelo grupo nos anos 80 do séc. passado. Hoje, não seria possível a montagem de um acampamento naqueles moldes.*

altura, proporciona aos numerosos visitantes uma curiosidade natural. Talvez por isso o estado lastimável em que se encontra.

A gruta é uma lapa, não necessitando para a sua exploração não mais que simples material individual e uma simples lanterna de mão. A sua primeira “sala” tem as dimensões de seis metros de comprimento por cinco de largura com uma altura média de um metro e sessenta. A luz do sol ainda penetra no seu interior com bastante facilidade (foto-2).

No ponto onde a gruta muda de direcção existe um bloco de pedra de dimensões apreciáveis cuja superfície polida, é reveladora da quantidade de visitantes que por aí passou. Continuando pela direita, ao longo de cerca de doze metros, vai estreitando progressivamente até atingir cerca de um metro. Neste ponto, toma duas direcções. Uma, sensivelmente à frente, continua ao longo de cerca de nove metros ora numa configuração tipo laminador, ora em forma de goteira, e termina em fundo de saco numa pequena sala totalmente destruída (foto-3). Outra, para a esquerda, prolongando-se ao longo de onze metros, sendo bastante larga (cerca de 6 metros) notando-se particularmente nesta zona a repercussão da demolidora força das águas que em “conduta forçada” provocaram as exuberantes erosões visíveis em toda a gruta e nesta zona em particular. A lapa acaba com um laminador horizontal (para a direita) com cerca oito metros de comprimento por dois e meio de largura e um e meio de altura, terminando por fim em fundo de saco.

Com um desenvolvimento máximo de 38 metros, esta gruta apresenta um grau de poluição baixo, na escala: nulo-muito baixo-baixo-alto e elevado. O seu grau de destruição tem, um índice elevadíssimo. Os espeleolitos na sua totalidade, encontram-se quase na sua totalidade muito danificados.



FOTO 4- Nota-se nesta fotografia, dois bandos de morcegos (cantos superior esquerdo e inferior direito) , Que esvoaçavam no momento do "open flash".



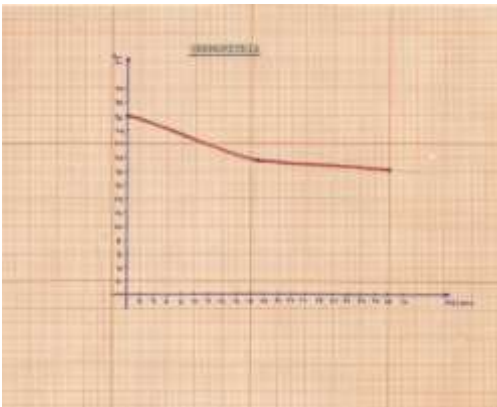
FOTO 5- Coluna em contraluz que, talvez pelas suas dimensões, tem resistido aos "assaltos" que a gruta tem sofrido.

Registos de humidade e temperatura



Neste gráfico está representado a evolução da humidade desde a entrada.

Com um registo de 33% à entrada, a gruta tem no seu ponto mais extremo a humidade de 68%. Desde a entrada até cerca de 20 metros a humidade sobe abruptamente, vindo depois a estabilizar.



Este gráfico representa a evolução da temperatura, desde a entrada. Inicialmente, nota-se uma descida brusca, (de 26°C para 19°C, apenas decorridos cerca de 18m), vindo depois a estabilizar. No ponto mais afastado da entrada a temperatura registada foi de 18 °C.

Ficha da gruta

NOME: Solestreira Menor

SINONIMIA: Desconhecida

DITRITO: Faro **CONCELHO:** Loulé

FREGUESIA: Querença Lugar: Junto á fonte de Benémola

DESCOBERTA POR: não se sabe ao certo

INDICADA POR: Junta de freguesia de Querença

COORDENADAS DA ENTRADA: Norte-37 12; Oeste-7 59 ;

Altitude: 200m

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: nQ597 escala 1/25000

ESPELEOMETRIA:

Dimensões da entrada- 7 metros **Desnível máximo:** não calculado. **Desenvolvimento máximo:** 38 metros **Total de galerias-** 47 metros

METERIOLOGIA:

Temperatura interior- 18c às 18 horas **Humidade interior-** 68% às 18 horas **Temperatura exterior-** 26,2 às 17h30m

Humidade exterior- 33% às 17h30m

HIDROLOGIA: Sem águas correntes ou paradas

BIOLOGIA: Foram detectados morcegos assim como alguns aracnídeos

MATERIAL UTILIZADO: Devido à facilidade de exploração apenas foi utilizado material individual

TOPOGRAFIA:

- Bússola azimutal
- Clinómetro
- Metro

CLIMATOLOGIA: - Termómetro - Higrómetro

GRAU DE POLUIÇÃO: Baixo

GRAU DE DESTRUIÇÃO: Elevadíssimo

SOS:

Telefone possível numa pequena quinta, junto à estrada, a cerca de 1000 metros da fonte de Benémola.

Bombeiros de Loulé: 62702

G.N.R. de Loulé: 62782

Hospital de Faro: 22133

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR:

Carlos Filipe

Com a participação de:

-José Águas -Luís Cochofel -Jorge Marques -António José -
Francisco Quitéria -António Augusto

TOPOGRAFIA ELABORADA POR:

Jorge Marques

Com a participação de:

-António José (azimutes)
-Francisco Quitéria
-António Augusto

FOTOGRAFIA:

-Carlos Filipe

Com a participação de

-José Águas
-Luís Cochofel

RELATORIO ELABORADO POR:

-Jorge Marques
-Carlos Filipe

LAGOS, 21 de Abril de 1983

O PRESIDENTE DO C.E.S.



Anexos



Carta militar

Croquis da gruta



**LAPA DA SOLESTREIRA
MAIOR**

Março de 1983

RELATÓRIO

COD.- 08 83

SAÍDA DO CENTRO A 28,29,30 e 31 de Março de 1983

DESTINO: Ponte Benémola

FREGUESIA: Querença

CONCELHO: Loulé

DISTRITO: Faro

GRUTAS: -Solestreira Maior

-Igrejinha dos Moiros

-Algar do Forjão

OBJECTIVOS DA EXPLORAÇÃO:

-Levantamentos de esboços topográficos.

-Colheita de dados climatológicos.

-Observações de ordem biológica, geológica e climatológica.

-Reportagem fotográfica.

-Reconhecimento de outras grutas situadas na zona do cerro da Cabeça Gorda.



Foto 1- Autocarro da C.M. de Lagos utilizado pelo CES.

Introdução

Em reunião geral de dezanove Março de 1983, foi decidido continuar a exploração de grutas existentes no concelho de Loulé.

Assim, com base em informações colhidas no livro do Prof. António de Barros e Bernardino B. Machado ("Inventário das Cavernas de Portugal"), decidimos explorar as grutas da Solestreira Maior e Menor, assim como outras (caso tivéssemos apoio no transporte) situadas no cerro da Cabeça Gorda em Moncarapacho.

Partimos de Lagos no dia vinte e oito de Março às dez horas e trinta minutos. Contrariamente ao que tem sido habitual, não foi possível a cedência da carrinha "*Ford transit*" por parte da C.M. de Lagos. Recorremos assim, pela primeira vez, ao autocarro "*Toyota*". Este, apresenta a vantagem de tornar a viagem mais cómoda e rápida, mas em contrapartida obriga ao pagamento do combustível de acordo com as normas da CML para cedência deste transporte o que vai elevar bastante os custos das saídas. Outro eventual inconveniente seria o arrume do material dada a sua quantidade. No entanto, constatou-se que é facilmente arrumado uma vez que o número de elementos que sai é sempre inferior à lotação do autocarro. De notar que embora com o autocarro nunca poderemos transitar por caminhos em mau estado, o que nos obrigará em alguns casos a ficar mais longe do local do acampamento. No entanto, desde que haja apoio financeiro, este transporte é preferível.

Chegamos a Salir por volta das doze horas. Aí, estabelecemos contacto com o Sr. José Gregório presidente da Junta de Freguesia de Salir, com o qual trocamos algumas

impressões sobre os nossos projectos. Destes, salientamos o que respeita à realização de novo filme "super 8" que inclui cenas em grutas da zona. Por parte desta entidade, foi-nos prometida a cedência de um gerador assim como o transporte entre os locais de filmagem.

Ficámos então de contactar a Junta de Querença e a Câmara Municipal de Loulé, igualmente no mesmo sentido.

Daí, dirigimo-nos a Querença, onde chegámos por volta das treze horas. Aguardava-nos um funcionário da Junta uma vez que o seu Pr., por motivos de força maior, teve de se ausentar.

Por este funcionário, foi-nos indicado o caminho até à fonte Benémola perto da qual se encontram as grutas a explorar. Após termos descarregado o material e enquanto um elemento do Centro, acompanhado pelo funcionário da Junta



(Sr. António) foi saber a localização das grutas, os outros elementos ficaram a montar o acampamento.

Foto 2- Alguns elementos do grupo junto ao acampamento.

Vias de acesso

Situada quase no cimo do monte que se situa a norte da fonte Benémola, as grutas de Solestreira Maior e Menor, são

sem dúvida alguma, duas lapas das mais importantes exploradas pelo CES. O seu acesso é relativamente fácil (Esquema-1). Seguindo pela estrada M524 de Salir para Querença, encontramos a seguir à "Quinta da Passagem" um ramal que está assinalado com uma placa indicando: "Ponte Benémola 1,5Km). Este ramal embora não seja asfaltado, permite a perfeita circulação de um veículo motorizado em qualquer época do ano, graças aos recentes melhoramentos que sofreu. Seguindo por esta estrada, chegamos, após cerca de 1,5Km, ao lugar onde se situa a fonte.

Em virtude de no lugar se realizarem anualmente festejos promovidos pela Junta de Freguesia de Querença, o local foi dotado de duas mesas e bancos de cimento, tendo sido a fonte protegida por um tanque que se encontra sempre cheio



devido às nascentes existentes no seu interior (Foto-4).

Foto 3- Tanque onde se encontram algumas das nascentes da Fonte Benémola.

A partir do local mostrado na fotografia três e seguindo por uma pequena vereda (croquis-2) que sobe a encosta do monte, chegamos com facilidade à entrada das duas grutas depois de caminhar cerca de 300 metros.



Croquis-1 Acesso ao local do acampamento..



Croquis -2 Acesso as grutas a partir do acampamento.

Acampamento

Este, é um dos melhores locais onde até hoje acampamos. Tendo em conta o facto de não necessitarmos de transportar o material, haver bastante espaço para montar as tendas, água corrente a poucos metros e potável a cerca de cem metros, faz com que este local tenha as condições ideais para acampar. Daí, que o tivéssemos escolhido este para montar o

acampamento base quando da realização das filmagens nesta zona no próximo verão.

Abastecimentos

A água é abundante, pelo que não há problemas de qualquer espécie neste campo. Antes de chegar ao tanque de cimento, existe uma fonte de água potável que corre durante todo o ano (croquis-2). Em relação aos alimentos, o problema já será maior, uma vez que teremos de nos deslocar a Querença. Caso o grupo tenha transporte próprio ou apoio logística esta questão não se levanta. Desconhecemos a existência de um local onde se possam comprar alimentos nas proximidades sem ser em Querença que fica a cerca de 4Km do acampamento.

Descrição

Situada no maciço que se ergue na margem esquerda da ribeira da Menalva (ou fonte Benémola) e na base do qual se situa a Fonte Benémola a NO de Querença, esta gruta dista cerca de vinte metros da sua "vizinha" Solestreira Menor e cerca de trezentos metros da fonte.

Desenvolvendo-se por completo na horizontal, é por isso classificada como "lapa". De dimensões razoáveis faz parte do grupo de grutas de maiores dimensões até hoje exploradas pelo Centro na zona do Barlavento Algarvio. A sua entrada faz-se através duma passagem perfeitamente visível a vários

metros da gruta (Foto da capa) com as dimensões de um metro e oitenta de altura por um metro e sessenta de largura.

A partir da entrada, a exploração não é difícil uma vez que a altura média do tecto não ultrapassa os dois metros, pelo que podemos caminhar sem dificuldade. A galeria, dirige-se inicialmente para a esquerda, formando poucos metros depois uma

pequena sala. A partir desta, a gruta continua por uma galeria que segue em frente. Nesta zona (assinalada na planta com o ponto 3) existe uma passagem em forma de "U" escavada na rocha que nos parece ter sido feita pelo homem. De facto, o seu aspecto e o modo como está escavada não nos parece natural. Examinando as paredes laterais encontramos em ambos os lados dois orifícios com cerca de quatro ou cinco centímetros de profundidade e três de diâmetro encontrando-se o direito a um nível superior em relação ao esquerdo. Pelas suas características e posicionamento, parecem ter servido de suporte a alguma grade ou cancela (⁹).

⁹ *Suspeitas que foram confirmadas mais tarde e estão de acordo com as referências dadas por Estácio da Veiga (Ver: "História da Gruta").*



*Foto 4- Galeria que nos conduz à "sala da estalactite".
(fotografada na direcção da saída).*

Logo após esta passagem a gruta dirige-se para diante dando lugar a uma nova sala. No entanto, existe à esquerda uma pequena galeria com cerca de 4,80m que termina em fundo de saco (letra A na planta). Esta sala, mais larga à direita que à esquerda possui um tecto baixo em relação à restante parte da gruta. No entanto, com uma altura média de 1,40m, não oferece problemas na sua exploração. O solo encontra-se coberto de calhaus com uma distribuição heterogenia, mas poupando a zona central formando como que uma espécie de corredor.

Esta sala estende-se por uma ampla galeria (Foto-5) que nos conduz a nova sala formada por um novo alargamento. Nesta zona (Foto-6), o tecto é bastante mais alto e apresenta uma série de "marmitas invertidas" características desta cavidade. Aqui, encontramos igualmente uma estalactite com cerca de 1m, seca, bastante degradada e sem brilho. Pelo

aspecto, o seu crescimento parece ter cessado há muito e demonstra a idade da gruta.



Foto 5- "Sala da estalactite" A maior estalactite da gruta é visível à direita.



Foto 6- A sala anterior noutra perspetiva. No tecto são evidentes as “marmitas”.



Foto 7- *Aspecto da sala principal. A luz do fundo provém de um camping usado quando do levantamento topográfico.*



Foto 8- Marmitas de grandes dimensões no tecto da gruta assinaladas com setas.

Desta "sala principal", parte uma outra galeria de dimensões bem mais modestas que se dirige para a esquerda e depois em frente. Inicia-se a um nível superior (1,5m) em relação ao solo da sala. Tem um comprimento máximo de 17 metros e uma altura média de 1,7m. As paredes são igualmente lisas, o tecto possui também marmitas e o solo está coberto de argila. Termina por uma colmatação tipo argilosa onde tentamos desobstruir alguns metros, mas sem resultado. Analisando as paredes desta galeria, parece haver indícios da permanência de águas paradas neste local da gruta, o que é compatível com a sua dinâmica hidrológica desde a sua génese. Não foram observados espeleolitos em fase activa de crescimento. A foto 10 mostra o início desta galeria.



Foto 9- A zona iluminada mostra o início da galeria que parte da sala principal.

Examinando o solo da "sala principal" comprovamos a existência de guano que segundo registos, existiu em grande quantidade nesta cavidade. Actualmente, a sua espessura não é relevante (máx.5cm). Na zona central existe um aglomerado de calhaus de várias dimensões, uns soltos outros cobertos parcialmente por argila e guano. À direita podemos encontrar um maior número de calhaus soltos e de pequenas dimensões. Estes detritos, clásticos e argilosos, conferem ao solo uma superfície irregular. Salientamos o facto de nos parecer que a disposição dos blocos de pedra é um tanto artificial. Muito provavelmente feita no passado por quem explorou o guano existente nesta gruta.

Na foto 11, podemos observar a abundância de blocos existentes no solo das galerias.



Foto 10- Solo e do tecto da "sala principal".

Continuando em frente, chegamos a uma zona onde se encontram numerosos blocos amontoados que sobem até atingirem o tecto. Curiosamente se escalarmos sobre estes blocos soltos, poderemos encontrar na extremidade, mesmo junto ao tecto, um pequeno laminador de dimensões muito reduzidas que comunica com o exterior. Esta passagem foi testada e confirmamos que poderá funcionar como uma possível entrada alternativa. Passando através deste laminador, depois de subir uma pequena rampa de calhaus e argila com cerca de seis metros, saímos para o exterior num local que observado de fora, ninguém diria que poucos metros adiante se encontrava uma galeria de dimensões consideráveis. Na

verdade, apenas se observa uma pequena fenda na base do tronco de uma alfarrobeira que à primeira vista nem parece ter passagem possível.

Observa-se igualmente em todo o tecto da gruta o efeito do fumo proveniente de fogueiras feitas no seu interior. As formações calcárias (espeleolitos) são raras. As poucas que existem estão muito degradadas ou encontram-se destruídas. As suas características geológicas e a facilidade de acesso contribuem para tal aconteça. Como foi referido no relatório, da gruta vizinha (Solestreira Menor), existe uma sala que embora de dimensões reduzidas e de acesso não muito fácil, foi mesmo assim "assaltada" e destruídas a maioria das formações nela existentes. Infelizmente, o vandalismo nas grutas continua a ser uma realidade!

Situada acerca de duzentos metros acima da ribeira que passa na base do maciço, esta cavidade em estado fóssil, muito pobre em espeleolitos, mostra, no entanto, toda a dinâmica geológica relacionada com a formação das grutas calcárias. Por elas já foi possível passaram torrentes de água que na sua fase de juventude, estariam relacionados com características geológicas totalmente diferentes das de hoje. Todos os fluxos de águas subterrâneas na base, evidenciadas pelas surgências na fonte, refletem certamente toda a dinâmica hídrica do interior dos maciços calcários.

Relativamente a achados de interesse arqueológico, não foram encontrados. De qualquer modo, para possíveis interessados, esta gruta reúne condições para ter sido habitada. Será interessante ler as "Notas Históricas da Gruta" que contêm referências a este assunto.

Notas históricas da gruta

A única referência bibliográfica que encontramos referente a esta cavidade, encontra-se na obra: "Antiguidades Monumentais do Algarve" do grande arqueólogo e escritor algarvio que foi *Estácio da Veiga*.

Vejamos o texto original da 1ª Edição de 1891:

"Occupa esta caverna uma extremidade da formação jurássica no contacto da rocha triássica entre Salir e Querença, freguezias pertencentes ao concelho de Loulé. (1) Dizem várias pessoas, que a visitaram, ser uma das maiores d'esta provincia. Estive mui perto da sua entrada n'uma occasiao em que não era possivel pernoitar n'alguma das duas referidas freguezias,(...).(2) Obtive comtudo umas informações, que me deixaram presumir a possibilidade de se poderem alli encontrar seguros vestigios de antiga habitação.

(3) Descobriu-se haver no interior da caverna um espesso deposito de guano de grande utilidade para as terras cultivadas, proveniente da residência immemorial que alli hão tido os morcegos e tendo sido extrahida grande quantidade d'aquella fertilisante substancia, disseram alguns informadores que por vezes se achavam pedaços de louça de barro muito grosseira, que bem mostrava ter alli sido levada por pessoas antigas, que se tivessem refugiado n'aquelle logar em tempos de guerra ou por outros motivos, e que além disto havia noticia de já anteriormente se terem achado na caverna da Solestreira algumas cousas de valor.

(4) *Corre tradição local de que esta caverna tem comunicação com a do Poço dos Mouros na serra da Pena; o que não é verosímil, porque tendo a faxa triassica, ao norte de Salir, apenas 1 kilometro de largura aparente, logo um tando a oeste, estende para sul uma ponta com mais de 4 kilometros, internando-se no jurássico superior, cortando e dividindo em duas secções distinctas a grande massa jurassica, a qual por esta causa parece não poder deixar communicaveis as duas cavernas. Além da Solestreira, diz Carlos Bonnet haver nas montanhas entre Salir e Querença, um grande numero de cavidades naturaes, pequenas cavernas, fracturas e fendas mais ou menos largas.*

(5) *Tudo isto devêra ser cuidadosamente explorado em devida regra. (...) Addiciono agora a este artigo que escrevi em 1883, uma noticia, de todo o ponto importante, que vem inteiramente confirmar as minhas precedentes presumpções com um facto assaz positivo, que prova ter, com effeito, sido utilizada a caverna da Solestreira em tempos prehistoricos.*

(6) *Encontrei-me em Faro no anno de 1884 com uns distinctos naturalistas inglezes e allemães ,sendo um d'elles o dr.Gadow, professor da universidade de Cambridge, a quem communiquei varias noticias respectivas à paleoethnologia do Algarve ,e, notando que se interessava pelo conhecimento das cavernas, affirmei-lhe a convicção que tinha, havia muito tempo, de que ellas deviam revelarmos mais antigos critérios das primeiras raças que viveram na região algarviense, e a proposito citei o facto de terem apparecido na caverna da Solestreira alguns fragmentos de louça antiga sob as espessas camadas de guano alli deixadas pelos morcegos.*

Ao que parece, o sr.Gadow ligou alguma importância a esta informação, e anunciou-me logo que no anno seguinte voltaria ao Algarve para visitar as cavernas, e não faltou, porque em 1885, estando eu ausente, constou-me ter sido procurado por aquelle naturalista, que, não me encontrando, foi fazer um reconhecimento na Solestreira, onde achou um esqueleto humano, contas da chamada calaite e outros objectos, cujo descobrimento communicou ao eximio naturalista sr.Alfredo Bensaude, a quem sou devedor d'estes obsequiosos esclarecimentos. Escrevendo-lhe, porém, o sr.Bensaude e eu posteriormente, pedindo informações mais desenvolvidas, o sr.Gadow não continuou a tratar d'este assumpto, reservando-o mui provavelmente para alguma memória que se propunha escrever.

(7) Está portanto provado, que a caverna da Solestreira foi utilissada para deposito mortuário, mui provavelmente no periodo neolithico, ou na epocha da transição d'esse periodo para a idade do bronze, em que também apparecem no Algarve as celebres contas de calaite nos depositos mortuários,(...)"

VEIGA, Sebastião Filipe Martins Estácio da "Antiguidades Monumentais do Algarve", Vol.I Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1891 1ª Edição, (pág. 79-82).

(Pesquisa efectuada na Biblioteca Nacional de Lisboa)

Comentários

Não há dúvida que a maioria das observações apontados por Estácio da Veiga no século passado, são ainda hoje actuais. Isto, nem sempre acontece com observações que faz no mesmo livro em relação a outras grutas algarvias. Porém, salientamos o facto deste autor se referir muitas vezes às grutas com base em informações orais, o que como se sabe, não correspondem frequentemente à realidade. De qualquer modo, o seu trabalho foi importantíssimo, diríamos mesmo único. Daí, que mereça a atenção que lhe dispensamos.

Analisemos, pois, as suas informações e comparemo-las com as observações por nós feitas cem anos depois.

(1) *-De facto é uma das maiores até hoje exploradas pelo CES.*

(2) *-Embora não tivéssemos encontrado qualquer indício da gruta ter sido habitada, as suas características são próprias do tipo de cavernas escolhidas para servirem de abrigo. Escavações no seu interior darão de certeza resultados positivos.*

(3) *-A quantidade de guano em relação à altura referenciada pelo autor, é muito menor. No entanto, saliente-se que as suas observações em relação à utilização do guano como fertilizante, estão de acordo com informações orais por nós colhidas.*

(4) *-A tradição ainda hoje se mantém. Mas tal como o autor refere, isso seria completamente impossível atendendo à geologia do terreno.*

(5) *-Já nesta época o autor refere a importância da exploração*

cuidadosa das grutas. Passados cem anos, pouco ou nada se tem feito neste sentido. Nós, dentro das nossas possibilidades tentamos contribuir para que se faça esse estudo.

(6) *-Tal como ainda hoje acontece em muitos casos, também nessa altura os estudiosos estrangeiros, por terem mais possibilidades que nós, estudavam e muitas vezes "arrecadavam" espolio que nos pertence.*

(7) *-Eis um alerta para os grupos ligados à arqueologia.*

Como conclusão: *Sublinhamos o facto de contribuímos ainda que minimamente para o melhor conhecimento das grutas do Algarve, facto que 100 anos atrás já era tema de preocupação para estudiosos como Estácio da Veiga...*

Observações finais

Em relação ao programa previamente estabelecido, foi-nos possível concretizar todas as tarefas com excepção do reconhecimento das grutas situadas no cerro da Cabeça Gorda.

No segundo dia de acampamento, fomos visitados pelo Sr. presidente da Junta de Freguesia de Querença, o qual, ficou de tentar contactar a Junta de S. Clemente no sentido de nos ser cedido transporte. No entanto, este contacto não foi possível, pelo que adiamos a nosso projecto para o próximo mês de Agosto. De acordo como com o Sr. Joaquim (Pr. da J.F. de Querença), escolhemos este local para montar o acampamento base no próximo Verão, ficando a Junta em colaboração com a C.M. de Loulé (com a qual entraremos em contacto) de nos ceder transporte na zona de acordo com as nossas necessidades.

Nesta exploração, visitámos ainda as grutas "Igrejinha dos Moiros" e "Algar do Forjão". Pelas suas reduzidas dimensões e relativa pouca

importância, não foram incluídas neste relatório. Após completarmos alguns dados nelas colhidos, elaboraremos um relatório relativo às mesmas.

Pelas suas características a Solestreira Maior e Menor, revelam-se de grande importância e apresentam particularidades únicas. Daí, que se nos possibilitarem os meios necessários, tentaremos incluir imagens do seu interior no próximo filme a realizar pelo CES.

Para finalizar, referimos um trabalho que executamos pela segunda vez e que consiste na projecção exterior das grutas após o levantamento topográfico. Dado o desenvolvimento horizontal da Solestreira Maior, fizemos a sua projecção à superfície o que teve bastante interesse uma vez que provou que o levantamento estava correcto. Conseguimos localizar a segunda entrada (sem grande margem de erro).

Ficha da gruta

NOME: Gruta da Solestreira Maior **COD.:** 0883

SINONIMIA: Desconhecida

TIPO: Lapa

DISTRITO: Faro

CONCELHO: Loulé

FREGUESIA: Querença

LUGAR: Fonte Benémola ou Benévola

DESCOBERTA POR: (Desconhecido)

INDICADA POR: "Antiguidades Monumentais do Algarve" -
Estácio da Veiga

CARTA MILITAR DE PORTUGAL N2 597 - Escala 1/25 000
(Serviços Cartográficos do Exército)

COORDENADAS DA ENTRADA: 37° 12 N 7° 59'W

ALTURA MÉDIA DA ENTRADA: 1,80 m

LARGURA MÉDIA DA ENTRADA: 1,60 m

ALTURA MÁXIMA DO MACIÇO: 230 m

ALTURA A QUE FICA A ENTRADA: 200 m

DESENVOLVIMENTO MÁXIMO: 87m

TOTAL DE GALERIAS: 109 m

EXPLORAÇÕES: -Numerosos visitantes têm entrado nesta gruta. No entanto, desconhecemos quaisquer estudos recentes ou antigos feitos por grupos de espeleologia, ou outros. Se existem, são igualmente do desconhecimento da Junta de Freguesia de Querença. Saliente-se, no entanto, que as primeiras referências escritas a esta gruta, datam do século passado (*Carlos Bounet-1847; Estácio da Veiga-1883 e Dr. Gadow-1895*).

BIBLIOGRAFIA: -*VEIGA, Sebastião Filipe Martins Estácio da* "Antiguidades Monumentais do Algarve", Volume I Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1891 (1ªEd., pág. 79-82).

HIDROLOGIA: -S/ águas correntes ou paradas. -SECA

METERIOLOGIA:

-Temp. exterior: 14° (29/3/83 às 21h 05min.)

-Grau Higrométrico: 43%

-Temp. interior: 16,9°C (média)

-Grau Higrométrico: 59,4% (média)

BIOLOGIA:

-Foram observados morcegos cujo número total poderá rondar os 30 ou 40 exemplares. Espécie *Rinolophus mehelyi*.

-Foram igualmente observados pequenos insectos e aracnídeos junto às entradas e junto ao guano.

-Foi observado guano na "sala principal" com uma espessura de cerca de 5cm particularmente na porção central da sala.

Não se observaram excrementos de outros animais.

-Encontramos um morcego em hibernação. Os restantes, movimentavam-se normalmente.

-De noite, observámos um movimento normal de entradas e saídas destes animais.

GRAU DE POLUIÇÃO: Valor: Alto

(Na escala: Nulo, Muito baixo, Baixo, Alto, Elevado)

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: -Muito Baixo.

(Na escala: Nulo, Muito baixo, Baixo, Alto, Muito alto, Excepcional)

MATERIAL NECESSÁRIO Á EXPLORAÇÃO: - Individual (Não é necessária qualquer espécie de material colectivo)

TOPOGRAFIA:

-Bússola azimutal

-Fita métrica de 20m

-Clinómetro

-Tripé

FOTOGRAFIA: -Câmara: YASHICA TL-Electro 35

-Objectiva: Vivitar 28mm -Flash: Starblitz

-Filme: Kodakcolor/135 100 Asa

SOCORROS: -Telefone mais próximo:

Sítio do Pirinéu, Sr. Manuel Guerreiro de Sousa Telef. 62553

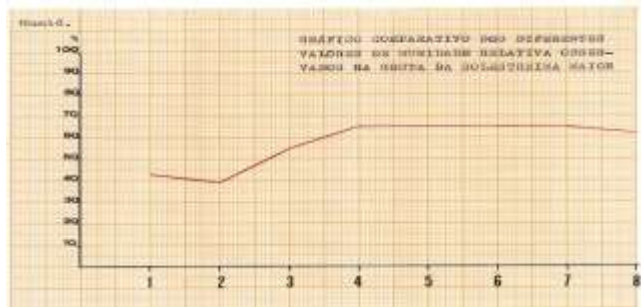
-Bombeiros de Loulé: 62702

-G.N.R. Loulé: 62782

-Hospital de Faro: 22133

OBSERVAÇÕES: Nesta gruta foi colocada à entrada uma placa de alumínio com o nº de código (0883) e referências mais importantes da gruta assim como informações relativas ao modo como contactar com o CES.

Registo de temperatura e humidade



ORDENADAS: Temperatura em graus centígrados.

ABCISSAS: Locais onde foram feitas as leituras:

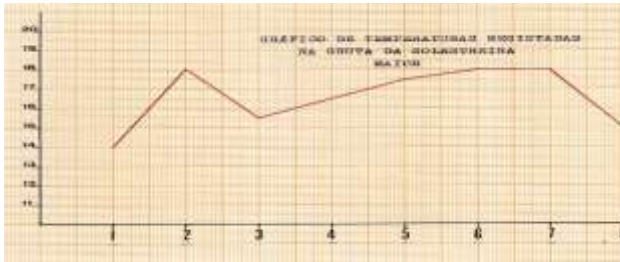
- 1- Exterior junto à entrada.
- 2- Ponto "3" na planta.
- 3- Ponto "5" na planta.
- 4- Ponto "6" na planta.
- 5- Ponto "7" na planta.
- 6- Ponto "8" na planta.
- 7- Ponto "9" na planta.
- 8- Junto à entrada "E"

CONCLUSÃO:

Pela análise do gráfico, verificamos que as temperaturas no interior da gruta oscilam entre 15,5°C e 18°C. Os valores mais altos verificam-se a cerca de 10m da entrada principal. Estes valores estão de acordo com outros registados noutras grutas em idênticas épocas do ano. Os valores mais baixos, registaram-se junto à entrada(1).

Os valores foram colhidos em: 29-03-83 entre 20 e 23h.

Temp. média: 16,9°C Exterior: Tempo seco, s/chuva.



ORDENADAS: Humidade relativa em %.

ABCISSAS: Locais onde foram feitas as leituras:

- 1- Exterior junto à entrada.
- 2- Ponto "3" na planta
- 3- Ponto "5" na planta
- 4- Ponto "6" na planta
- 5- Ponto "7" na planta
- 6- Ponto "8" na planta
- 7- Ponto "9" na planta
- 8- Ponto "E" na planta (entrada norte)

CONCLUSÃO:

Humidade média da gruta: 59,4 %

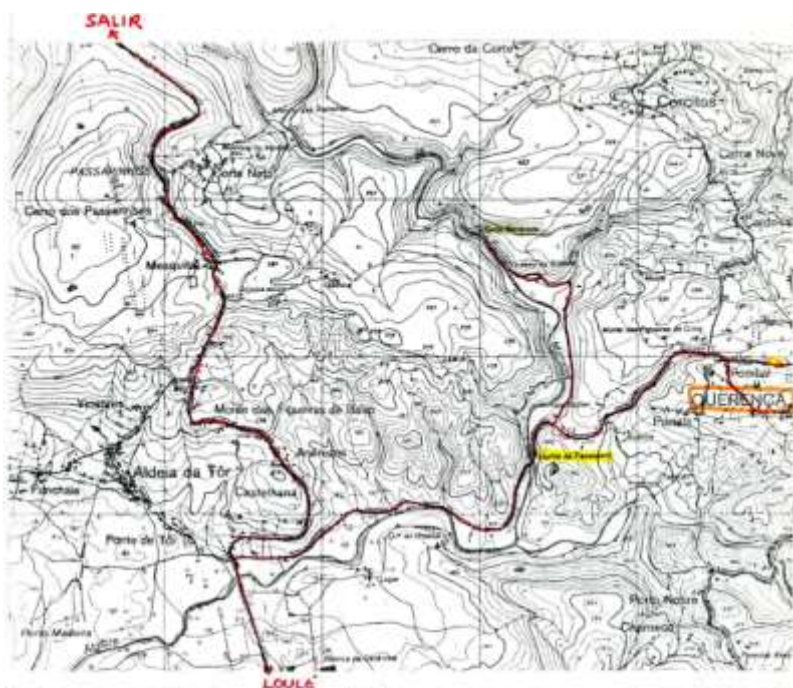
Os valores observados mostram uma ligeira descida logo após a entrada verificando-se a partir daí uma subida progressiva atingindo a cerca de 35m da entrada principal o valor máximo, mantendo-se até ao final da gruta sem oscilações significativas. Perto da segunda entrada, sofre de novo uma ligeira diminuição.

A humidade média da gruta é significativamente mais baixa, relativamente a outras grutas onde avaliamos este parâmetro (59,4%). No entanto, este valor está de acordo com as características geológicas e topográficas da gruta.

Será interessante registar os valores observados nos mesmos locais, mas noutras épocas do ano.

Observações efectuadas a 29-03-1983

Condições climatéricas no exterior: Tempo seco, sem chuva.

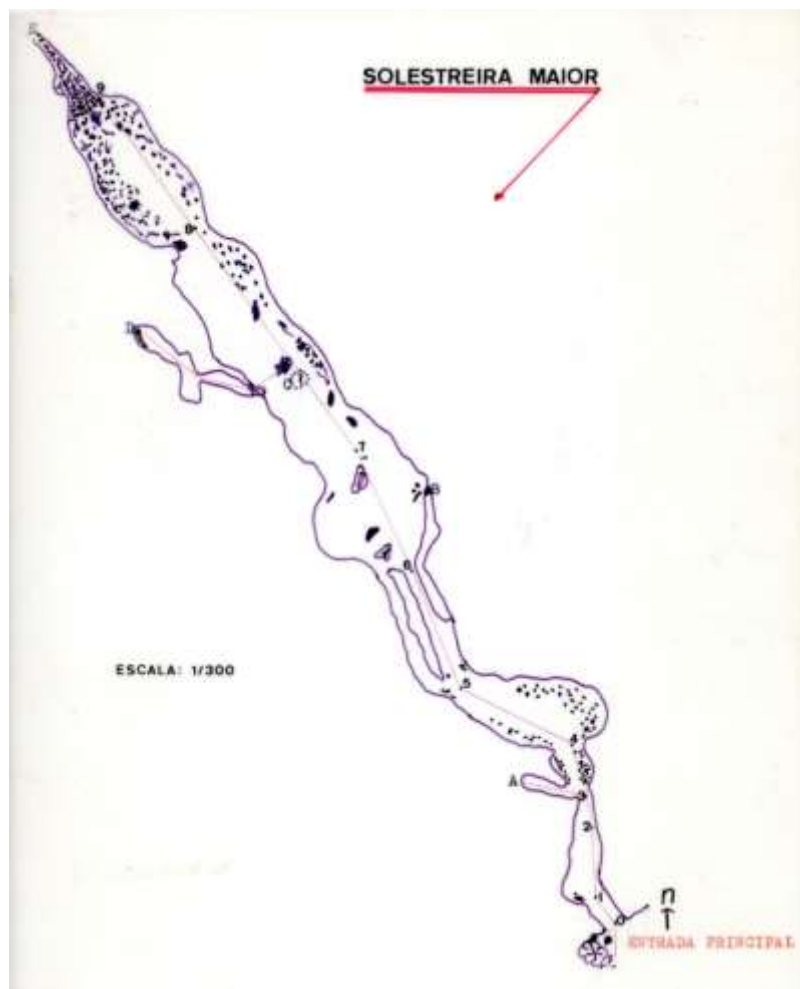


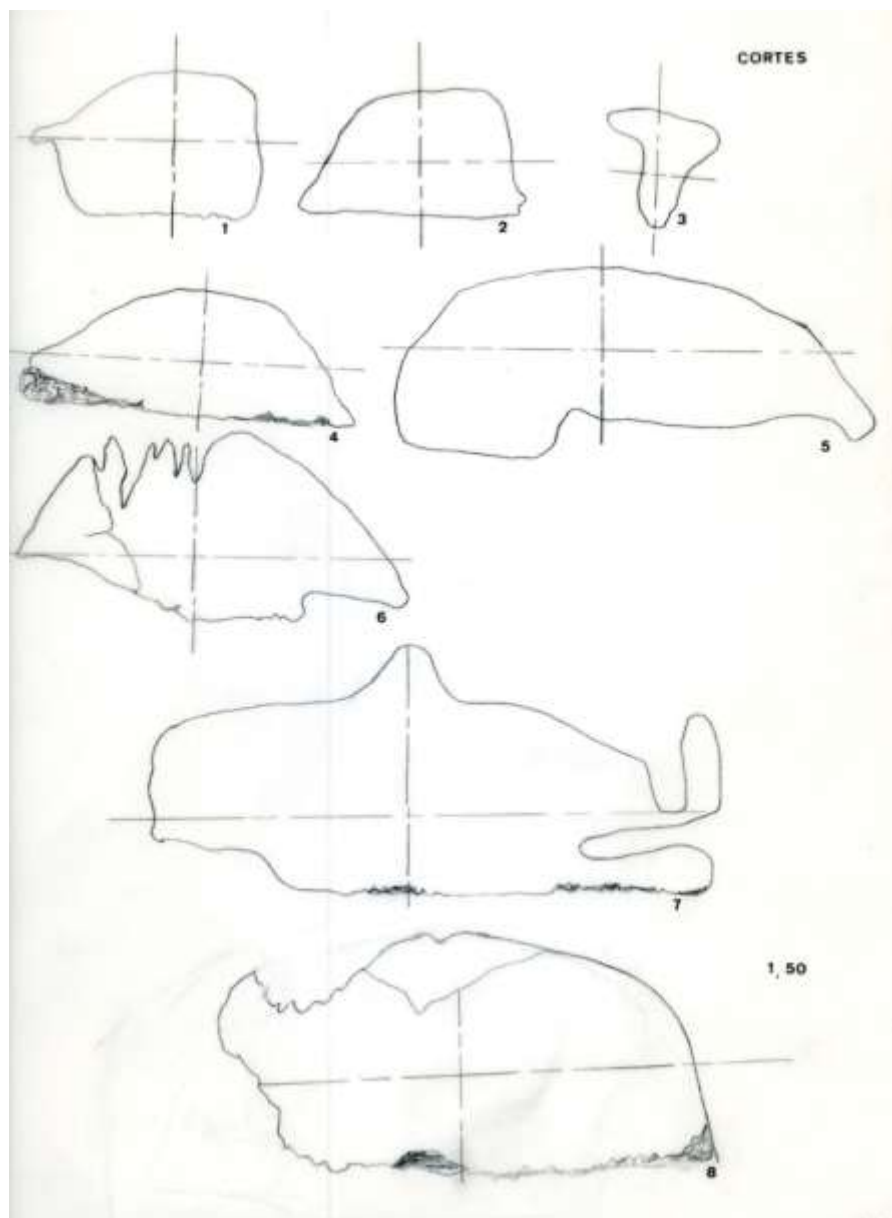
DATA: ANO: 1983 Dia: 28-11 Mes: MARÇO		CES CENTRO DE ESTUDOS SUBTERRANEOS			DESENHO Nº Um
DISTRITO:	PARO	GRUTA	SOLESTRIBIRA MAIOR	TIPO	LAPA
CONCELHO:	LOULÉ	LEGENDA			PIANTA
FREGUESIA:	QUERENÇA	C- Estação topográfica (entrada principal) 1- " " 2- " " 3- " " 4- " " 5- " " 6- " " 7- " " 8- " " 9- " "			ESCALA: 1/300 CORTES
LOCAL:	PORTO BENEFICOLA	E)- Entrada secundária.			ESCALA: ORG.
Comprimento Máx.:	87 met.	A)- Galeria B)- Estalactite e zona de sarmitas C)- Sarmitas gigantes não exploradas D)- Fim da galeria que parte da sala principal			TÉCNICOS
Total de Galerias:	109 met.				TOPOGRAFIAI
					G. Filipe
					DESENHO:
					A. José

Carta topográfica do exército com a localização da gruta.

Planta da Gruta

(CES 1983)





AGRADECIMENTOS

- CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS
(Cedência do autocarro c/pagamento de combustível por n/
conta)

- FUNDO DE APOIO A ORGANISMOS JUVENIS (F.A.O.J. -
Faro) (Subsídio)
- JUNTA DE FREGUESIA DE SALIR (Colaboração)
- JUNTA DE FREGUESIA DE QUERENÇA (Colaboração)

Agradecemos igualmente a atenção dispensada por:

- Sr. Sequeira (Condutor do autocarro da C.M.L.)
- Sr. António (Funcionário da Junta de Freguesia de
Querença)
- Sr. José Gregório (Pr. da Junta de Freguesia de Salir)
- Sr. Joaquim Martins (Pr. da Junta de Freguesia de
Querença)

E a todos aqueles que directa ou indirectamente colaboraram
connosco

A DIRECÇÃO



Foto 11- Brigada do CES que efetuou a exploração (1-Carlos Filipe; 2-Luís Cochofel; 3-António José;4-Jorge Marques;5-António Augusto; 6-Francisco Quitéria; 7-Sr. Sequeira (condutor da CML);8-José Águas; 9- Sr. António (funcionário da Junta Freguesia de Querença).

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR:

-Carlos Filipe

-Luís Cochofel

-José Águas

-António José

-Jorge Marques

-Francisco Quitéria

-António Augusto

TOPOGRAFIA: Jorge Marques; António José; Carlos Filipe

FOTOGRAFIA: Carlos Filipe (Com a colaboração de todos os elementos)

DOCUMENTÁRIO: Realização: C.E.S.

Operadores de Imagem: Carlos Filipe ;José Águas; António José

Filme: Agfa Super "8" Color -3min. - 18 ips.

FILME EXPEDIÇÃO SUBTERRÂNEA

CÓD. - 10 83

SAÍDA DO CENTRO EM: 12,13,14,15,16,17,18 e 19 de Agosto de 1983

DESTINO: Fonte Benémola

FREGUESIA: Querença

CONCELHO: Loulé

DISTRITO: Faro

OBJECTIVO DA SAÍDA:

Realização dum filme "Super 8" nas seguintes grutas:

-Algar da Pena

-Lapa da Pena

-Solestreira Maior

-Solestreira Menor

-Lapa da Mexilhoeirinha



Foto 1- Autocarro da C.M. Lagos tendo por fundo o maciço da Pena.

RELATÓRIO

Tendo em conta os resultados obtidos com anteriores produções realizados pelo Centro, planeámos para o presente ano a realização de um terceiro filme, desta vez com o objectivo de incluir cenas filmadas em diversas grutas do Algarve.

Considerando os elevados encargos que este projecto implicava, decidimos pedir apoio financeiro a diversas entidades oficiais a fim de não sobrecarregar apenas uma. Por outro lado, para a realização deste filme, tivemos também de considerar todos os gastos prévios relacionados com explorações feitas nas diferentes grutas, durante as quais foram colhidos uma série de dados indispensáveis para a planificação das filmagens.

Por último, consideramos ainda todo o material colectivo e individual que foi necessário adquirir e consequentemente importar, uma vez que não existia à venda no mercado português.



Foto 2- Rocha da Pena - Preparativos para o início das filmagens

Descrição

Tal como em projectos anteriores, contamos com a colaboração da Câmara Municipal de Lagos, que para o efeito nos cedeu o autocarro Toyota nas condições impostas por este município.

Chegámos a Salir por volta das quinze horas do dia doze. Após termos contactado com o Pr. da Junta de Freguesia, seguimos para Querença na direcção da Fonte Benémola, onde foi montado o acampamento.

Dois elementos dos CES, ficaram em Salir para tentar resolver um problema surgido devido ao facto de a Junta de Freguesia possuir um gerador com a potência de apenas 400W o que era insuficiente para usar com o projector de 1000W usado nas filmagens. No entanto, com a colaboração de particulares e dos próprios elementos do CES (um com conhecimentos de mecânica), foi possível resolver o problema. Devido a este atraso, só às doze horas do dia seguinte é que nos foi entregue o gerador já devidamente montado e afinado. Assim, só a esta hora nos foi possível partir para o maciço da Pena a fim de iniciarmos as filmagens na Lapa da Pena e Algar da Caldeirinha. Para o efeito, utilizamos como transporte um jeep cedido pela Câmara Municipal de Loulé e conduzido por um funcionário da Junta de Freguesia de Salir.

Dado que o material ficou a algumas centenas de metros da entrada da gruta, somente por volta das 17h se iniciaram as filmagens.

Devido a este atraso, já que o início das filmagens estava previsto para a parte da manhã, não nos foi possível filmar nas condições desejáveis. Fomos assim obrigados a proceder a alterações e suprimir algumas cenas inicialmente previstas. Já com cerca de duas horas de atraso sobre a hora



Foto- 3 Aspecto das filmagens no alto do maciço da Pena

programada para o regresso, voltámos ao acampamento num jeep da Câmara Municipal de Loulé conduzido voluntariamente pelo Sr. José Carlos, funcionário da Junta de Freguesia de Salir.

No dia seguinte, continuamos as filmagens na lapa da Pena. Uma vez que partimos do acampamento por volta das nove horas, ficámos com mais tempo disponível, mas mesmo assim, tivemos de respeitar o horário previsto para o regresso a fim de não se repetir o atraso do dia anterior. Isto fez com que as filmagens embora decorressem com menos stress, tivessem um ritmo que não permitiu grandes apuros e impossibilitou o

transporte para a principal sala da Lapa da Pena do material necessário a uma boa captação de imagens.

No dia quinze, iniciamos as filmagens nas grutas das Solestreiras. Dado que estas se encontravam perto do acampamento, apenas foi necessário estender os cabos que conduziram a corrente do gerador desde o acampamento às grutas. Tarefa nem sempre fácil e que nos obrigou ao uso de uma longa extensão.

Atendendo às suas características, estas grutas apresentam alguns problemas uma vez que as suas paredes absorverem muita luz, pelo que algumas cenas ficaram pouco iluminadas. Nestas grutas, foram filmados morcegos em pleno voo, assim como as aspectos das suas galerias que evidenciam o seu passado de circulação hídrica em conduta forçada.

O dia dezasseis foi dedicado à limpeza e verificação do material das filmagens.

Dia dezassete, data inicialmente prevista para a deslocação à gruta da Mexilhoeirinha, foi inteiramente perdido devido a uma falha por parte da Câmara Municipal de Lagoa. Por contacto directo com o vereador da cultura desta CM, efectuado na semana anterior, foi-nos assegurado o transporte (para o dia 17) do acampamento até à gruta da Mexilhoeirinha e regresso ao acampamento após as filmagens nesta gruta. Assim, para facilitar o encontro com o condutor que viria de Lagoa, solicitamos à J.F. de Salir o transporte de todo o material e elementos da equipa até à estrada a cerca de 1,5Km do acampamento.

A espera saldar-se-ia em cerca de dez horas a aguardar. Só por volta das 19h foi possível o regresso ao acampamento no jeep da CM de Loulé. Entretanto, depois de uma longa caminhada, conseguimos ter acesso a um telefone e contactar o

vereador da CM Lagoa, que por lapso, havia esquecido que quarta era o dia de folga do condutor. Considerando a logística envolvida, conseguimos remarcar as filmagens para o dia seguinte.



Foto 4- Elementos do CES (Equipando-se na zona do acampamento. Sem equipamento, um cineasta amador, José Fernandes (estudante de medicina) que colaborou com o grupo na rodagem do filme como um dos operadores de câmara

No dia dezoito, tal como o acordado no dia anterior com o Sr. vereador, o transporte da CM de Lagoa conseguiu chegar ao local do acampamento ainda bem cedo. Por volta das oito e trinta iniciamos os preparativos para a deslocação a Hibern'Ammar pelo que conseguimos chegar a esta gruta por volta das dez horas da manhã.

Pelas suas características esta gruta merecia mais tempo e disponibilidade para as filmagens. No entanto, mais uma vez fomos obrigados a filmar com algum ritmo uma vez

que tínhamos de cumprir horários. Por este motivo, ficaram por filmar cenas para as quais não tivemos tempo. Por outro lado, dado que o lago sofre variações com o nível das marés e na altura se encontrava com um nível de água muito baixo, não nos foi possível utilizar os barcos de borracha como havíamos planeado.

Regressamos ao acampamento por volta das dezanove horas. Mesmo assim, nesse mesmo dia, à noite, efectuámos uma projecção pública dos filmes: "Expedição Subterrânea" e "À Descoberta da Amarela" numa sala da Junta de Freguesia de Salir. Apesar da pouca divulgação do evento, a sala esteve cheia e os filmes tiveram a habitual aceitação por parte do público.

De acordo com o previsto, o acampamento terminou no dia 19 e regressamos a Lagos no autocarro da C.M. de Lagos.



*Foto 5-
O cameraman José Fernandes
durante a rodagem do filme, no
topo do maciço da Rocha da Pena.*



*Foto 6-
Transporte do gerador.*

Considerações finais

Mais uma vez chegamos à conclusão que a execução destes projectos exige por parte dos que a eles se propõem, um enorme esforço e força de vontade. Os contratempus e dificuldades de toda a ordem, poem à prova todos aqueles que em Portugal decidem fazer um filme de espeleologia.

Mesmo com base na experiência que obtivemos com a realização dos filmes anteriores, surgiram novas situações, cujos resultados não poderiam ser previstos. De qualquer modo, esforçamo-nos por fazer o melhor, tendo em conta os meios de que dispúnhamos. Mais uma vez salientamos o problema da falta de tempo provocado por problemas logísticos que não dependiam do nosso controle e que limitou a filmagem de várias cenas do guião.

Salientamos, no entanto, a boa vontade e colaboração do Sr. José Gregório, presidente da Junta de Freguesia de Salir e de alguns dos seus funcionários que tiveram papel importante nas resoluções de alguns destes de apoio logístico. A C.M. de Loulé não levantou nunca obstáculos ao nosso projecto e merece referência dada a colaboração que prestou por intermédio da Junta de Freguesia de Salir.

Dado que a realização deste filme foi inteiramente planeada e executada por nós (desde a planificação à sonorização), não nos podemos comparar a equipas profissionais. Como tal, este filme não é comparável a uma produção desse tipo. No entanto, salientamos aqui o facto de na recente “Amostra Nacional de Cinema Espeleológico”, promovida por um clube da cidade de Almada, poucos terem sido os trabalhos portugueses apresentados. Dos participantes,

inteiramente da autoria de amadores e com cenas de interiores, apenas foram apresentados os filmes do CES. Embora a sonorização ainda não estivesse totalmente terminada, o filme “Mundo Subterrâneo” foi exibido e colheu o aplauso dos grupos participantes.

Após a visualização da montagem provisória do filme, foi decidido repetir algumas cenas e incluir outras do algar do Talefo, que acabaram por ser terminadas posteriormente por problemas surgidos com o gerador.

Ficha técnica

REALIZAÇÃO: C.E.S. (Centro de Estudos Subterrâneos)

TÍTULO: " Mundo Subterrâneo "

ANO DE PRODUÇÃO: 1983

DIRECÇÃO DE IMAGEM: Carlos Filipe

CÂMARAS: -João Fernandes -Carlos Filipe -José Águas

ILUMINAÇÃO: -Maria Manuela -Paula Cristina -Francisco Quitério
-Francisco Castelo

ASSISTÊNCIA TÉCNICA: -José Manuel Nicolau

MONTAGEM: CES

TEXTO: -Carlos Filipe -Ana Beatriz

SOM: CES

LOCAIS DE RODAGEM: -Algar da Pena -Lapa da Pena

-Gruta da Solestreira Menor -Gruta da Solestreira Maior -Gruta da Mexilhoeirinha (Hibn'Ammar) -Algar do Talefo

DURAÇÃO: 30 min.

CADENCIA: 24 i.p.s.

PROCESSO: -Kodakchrome 40 -Ektachrome 160

SOM: Banda magnética sem pista de compensação

COMPRIMENTO: 200m

SUBSÍDIOS E APOIOS:

-FAOJ (Fundo de Apoio a Organismos Juvenis) Delegação R. de Faro

-Assembleia Distrital de Faro

-Governo Civil de Faro

-Fundação Calouste Gulbenkian

-Câmara Municipal de Lagos

-Câmara Municipal de Loulé

-Câmara Municipal de Lagoa

-Junta de Freguesia de Salir



Foto 7- Toda a equipa das filmagens num momento de descanso.

1- Carlos Filipe; 2-José Águas; 3-Francisco Castelo; 4-Francisco Quitéria; 5-António José; 6-António Augusto; 7-Ana Beatriz; 8-José Manuel ; 9-Maria Manuela ; 10-Paula Cristina; 11-João Fernandes; 12-Sónia Nicolau.

TOTAL DE HORAS DE FILMAGEM: 19 h

ENCARGOS TOTAIS: 90 000\$00 ⁽¹⁰⁾

Lagos, 24 de Janeiro de 1984

O Presidente do CES

Carlos Filipe

¹⁰ (450€)

**CENTRO DE ESTUDOS SUBTERRÂNEOS
LAGOS**



ALGAR DA FURNA

CÓD 1.4843

RELATÓRIO

CÓDIGO: 14843

CADASTRO: /VBP/60 205/01

DATA: 04/03/84

TIPO DE ACTIVIDADE: Exploração

FREGUESIA: Budens

CONCELHO: Vila do Bispo

DISTRITO: Faro

LOCAL: Vale de Boi

OBJECTIVOS: -Levantamento topográfico / Registo de dados climatológicos

Introdução

Embora tenhamos visitado esta gruta em ocasiões anteriores, ainda não tínhamos tido a possibilidade efectuar a sua topografia, nem de recolher dados climatológicos. A falta de equipamento mais adequado para registos mais rigorosos e a prioridade dada a outras cavidades, motivou este atraso.

Partimos de Lagos pelas 8:30 e chegamos à entrada da gruta por volta das dez horas, depois de termos percorrido os cerca de 15 Km que separam Lagos da povoação de Vale de Boi. Como meio de transporte, foi utilizada a viatura de um elemento do grupo (Castelo).

Dos quatro elementos que compunham a brigada, apenas um conhecia a gruta. No entanto, alguns anos se tinham

passado desde a sua primeira visita, o que contribuiu para o esquecimento das habituais referências visuais. Assim, levamos cerca de uma hora para encontrar a entrada da cavidade.



Foto 1- Zona onde se situa a gruta (observada da base do monte).

Descrição

Localizada a meio da encosta de um pequeno maciço que se estende à esquerda de quem, seguindo pelo acesso da povoação de Vale de Boi, se dirige para sul. Dadas as características da sua entrada, é difícil a sua localização sem ser indicada por quem já a conhece.

Trata-se de uma gruta tipo mista, possuindo três salas separadas entre si por diversas passagens estreitas. Integrada na mesma faixa etária das restantes grutas do Barlavento Algarvio. Esta gruta apresenta um avançado estado de colmatação, provocado principalmente por acumulações de

argilas e obstruções litogónicas. No entanto, nela podem ser observadas uma série de concreções tais como: Estalactites, estalagmites, colunas, cascatas e ainda numerosas formações em couve-flor que proliferam por toda a gruta.

A coloração destes espeleolitos atesta um elevado teor das argilas que compõem o solo onde esta cavidade se situa.

Relativamente aos poços, apenas nos merece referência especial a primeira galeria vertical, que forma um algar com seis metros de profundidade e uma largura média de sessenta centímetros.

Esta gruta encontra-se bastante destruída, especialmente a última galeria (nível 3) que apresenta formações em cascata muito danificadas por actos de vandalismo, o que infelizmente é vulgar em muitas das cavidades que conhecemos. Observamos ainda, a existência de inscrições generalizadas em muitos espeleolitos o que dá a esta gruta um aspecto mais degradado.

Os trabalhos realizados no seu interior foram sobretudo relacionados com o levantamento topográfico e



anotação de dados sobre higrimetria e temperatura, cujos registos neste relatório se encontram sob a forma de gráficos.

Foto 2- Entrada do algar (preparativos para a descida).

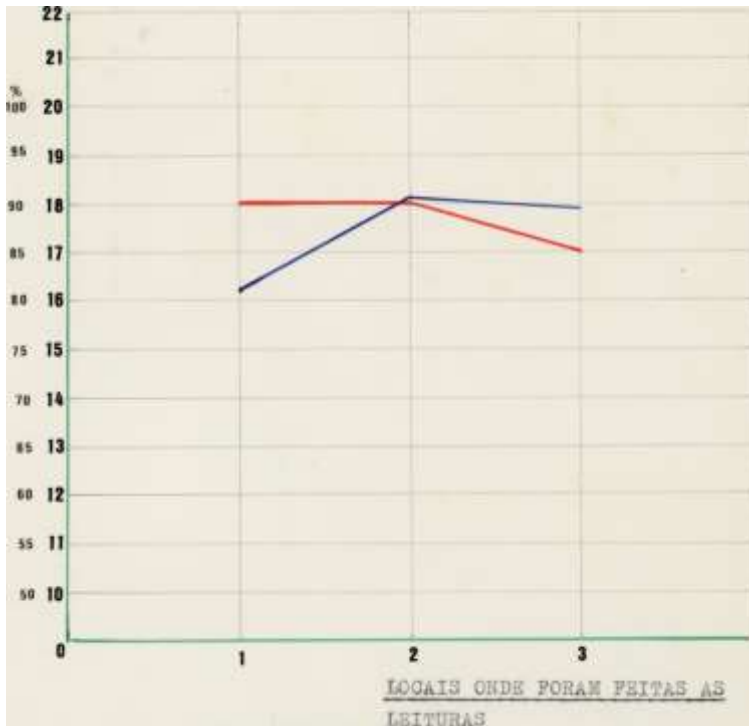


Foto 3- Descida do algar.



Foto 4 e 5 - Diversas fases do levantamento topográfico (António Augusto, Francisco Quitéria e José Águas).

Gráfico de temperatura e humidade



A VERMELHO: Variações de temperatura

A AZUL: Variações da humidade

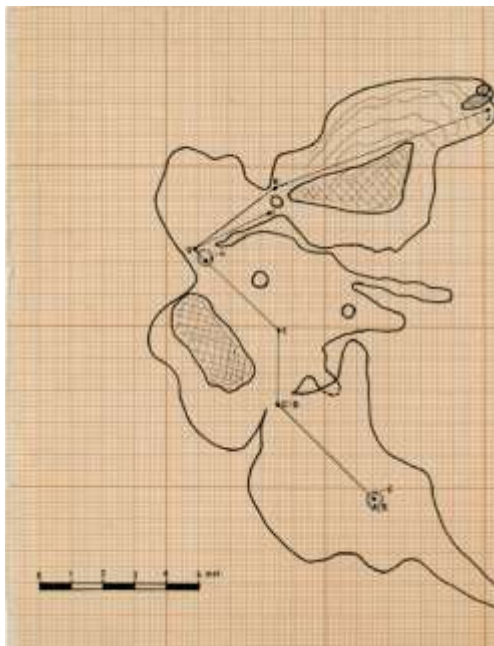
LOCAIS ONDE FORAM FEITAS AS LEITURAS:

1-Junto à entrada (nível 1)

2-Nível 2

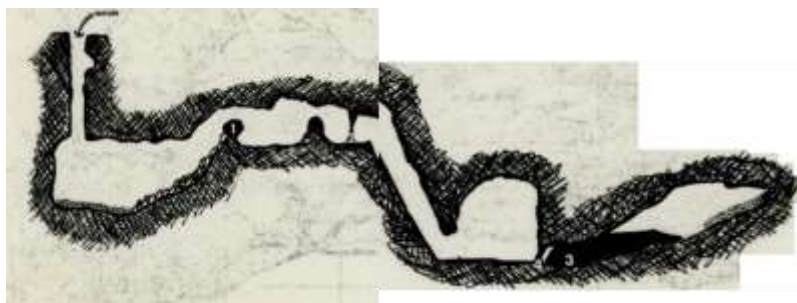
3-Nível 3

Planta (Algar da Furna - Vale de Boi)



*Mapa dos serviços
Cartográficos do Exército.*

CORTE (Algar da Furna - Vale de Boi)



Ficha da gruta

NOME: Algar da Furna

SINONIMIA: Gruta de Vale de Boi

CÓDIGO: 14843

CADASTRO:

TIPO: Mista

DISTRITO: Faro

FREGUESIA: Budens

CONCELHO: Vila do Bispo

LUGAR: Cerca de 1Km da povoação de Vale de Boi

DESCOBERTA POR: ?

INDICADA POR: Referenciada por Estácio da Veiga

CARTA MILITAR: (Página anterior)

LOCALIZAÇÃO NO QUADRANTE: NP

COORDENADAS LAMBERT: x- 17,75 / Y- 4,525 /z- 30

ALTURA MÉDIA DA ENTRADA: 50m

LARGURA MÉDIA DA ENTRADA: 65x50cm

ALTURA MÉDIA DO MACIÇO:

ALTURA A QUE FICA A ENTRADA: 50m

DESENVOLVIMENTO MÁXIMO: 20m

TOTAL DE GALERIAS:

NÚMERO DE POÇOS: 1

EXPLORAÇÕES JÁ EFECTUADAS PELO C E S: 2

HIDROLOGIA: Sem águas correntes ou paradas

CLIMATOLOGIA: Gráficos anexos

BIOLOGIA: Foram observados cerca de uma dezena de morcegos, por volta das 11.40 h. Numa das galerias, encontramos ainda um pequeno sapo com cerca de 5 cm.

GRAU DE POLUIÇÃO: Nulo — Muito baixo - Baixo — Alto —
Muito Alto

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Nulo — Muito baixo - Baixo
— Alto — Muito Alto-Excepcional

Material Necessário: CORDA DINÂMICA 2x 7m (para
seguranças) /CORDA LINHO 10m para amarrações

1 ESCADA DE 10m

4 CORDOLETAS/2 PROTECTORES DE CABOS/

4 SHUNT's/ 5 BLOQUEADORES/1 ÇROLL/ 10 MOSQUETÕES/

1 FITA MÉTRICA

1 BÚSSOLA AZIMUTAL/ 1 TERMÓMETRO/ 1 HIGRÓMETRO/

1 GARRAÇÃO para ÁGUA/ 1 LATA DE CARBITE.

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR:

- José Águas
- Francisco Castelo

COM :

- António Augusto
- Francisco Quitéria

Topografia de:

José Águas

Francisco Castelo

António Augusto

Francisco Quitéria

Relatório de: José Águas; Francisco Castelo

Revisão: Carlos Filipe

Lagos, 1 de Julho de 1984



GRUTA DA MEXILHOEIRA GRANDE

Abril de 1984

RELATÓRIO

CODIGO: 15844 **CADASTRO:** XG/594/6/01

SAÍDA DO CENTRO: Em 27 e 28 de Abril de 1984

DESTINO: Serro de Algarve

FREGUESIA: Mexilhoeira Grande

CONCELHO: Portimão

DISTRITO: Faro

GRUTA: Mexilhoeira Grande

OBJECTIVOS DA EXPLORAÇÃO:

- Levantamento topográfico
- Colheita de dados climatológicos
- Observações de ordem geológica
- Observações de ordem biológica



Foto 1- Equipa junto à entrada da gruta em 1977(Foto de Arquivo).

Descrição

Situada no serro da mulher morta, a gruta da Mexilhoeira Grande (MG) foi uma das primeiras visitada pelo CES. Possui esta cavidade a particularidade de ser bastante visitada por grupos não espeleólogos, mas apesar disso é uma das que se encontra mais intacta.

Esta circunstância, deve-se ao facto da zona mais rica em espeleolitos se encontrar inacessível à maioria dos visitantes. Um segundo poço cujo acesso exige alguma perícia e material adequado, protege a sala a que apelidamos “catedral” dos exploradores curiosos.

Com uma entrada de pequenas dimensões cerca de um metro e cinquenta de largura por setenta e oito centímetros de altura, é classificada como mista, uma vez que possui galerias que se desenvolvem na horizontal e outras na vertical. Com dois poços principais, um com cerca de 9 e outro de 7 metros de profundidade, contem galerias com dimensões e características muito variáveis. Esta cavidade, tornou-se desde muito cedo, ponto de passagem obrigatório para todos os que permanecem algum tempo no CES.

Logo após a entrada, encontramos uma pequena sala com cerca de quatro metros de altura máxima, a partir da qual partem duas galerias uma que se dirige para diante e outra ligeiramente à direita, no sentido sul e que progride de forma descendente formando como que um afunilamento no solo da sala.

É através desta pequena galeria, por onde só é possível rastejar, que alcançamos o cimo do primeiro poço. Por sua vez, a galeria que segue em frente, desenvolve-se na horizontal e

apenas possui um pequeno declive antes de terminar numa sala de dimensões muito inferiores à da entrada. Com cerca de doze metros de comprimento e uma altura média de metro e meio, possui o solo coberto de calhaus soltos sem características especiais.

A sala de entrada, cujo solo está bastante seco e com muita terra, não possui formações em actividade e as poucas que podem ser observadas são já fósseis. Das paredes e do teto, pedem finas raízes que contribuem para a degradação da estrutura rochosa. A partir da base, mais abaixo à direita, inicia-se uma pequena galeria com cerca de seis metros, que dá acesso ao primeiro poço. Como havíamos referido, é muito estreita e a sua altura ronda os 50cm. O solo está igualmente coberto de terra solta e com alguns calhaus soltos ou fracamente presos à terra.

Quando nos encontramos nesta galeria, há que ter todo o cuidado com o desprendimento de pedras, uma vez que têm tendência a cair da sala da entrada, dada a inclinação do solo. A posição incómoda a que obriga a permanência nesta galeria é igualmente um factor a ter em consideração. Todas as manobras efectuadas no topo deste poço, para fixação de escadas ou cabos, obrigam-nos a permanecer deitados, sendo impossível permanecer em pé ou mesmo sentado. Quando fizemos as primeiras explorações nesta gruta (1977) ainda podíamos encontrar uma pequena reentrância à esquerda que embora bastante pequena, facilitava os movimentos. No entanto, progressivamente, o pequeno laminador que lhe dava acesso foi ficando obstruído com os detritos provenientes da sala de entrada motivados pela sucessiva passagem dos visitantes.

Dado que os locais de fixação nesta zona não são naturais, colocamos dois spits para a fixação da escada e dos cabos. Antes da colocação dos spits as fixações eram feitas por intermédio de cabos que vinham até à sala da entrada e daí ao exterior. Embora não sendo o ideal, era o mais seguro em função do material que dispúnhamos na altura.

Nas primeiras explorações, encontramos um tronco de madeira e um tubo em ferro que serviam para atar os cabos de anteriores "exploradores". Uma vez que não ofereciam segurança, nunca os utilizamos como fixação principal. Ultimamente resolvemos retirá-los assim como uma rocha instável que o prendia por se tornar perigosa durante as decidas e subidas do poço.



Foto 2 e 3- Manobras de descida e subida no 1ºpoço (À esquerda Joaquim Azevedo, à direita Carlos Filipe).

A descida por este poço faz-se com relativa facilidade. As manobras iniciais são mais difíceis pelo facto de a galeria

de acesso ser bastante baixa, pelo que devemos deslizar para o poço em decúbito ventral e já com a segurança instalada. Após esta manobra, apoiar um pé no degrau da escada (que facilita em muito a descida) ou usar um cabo para descer em rappel. Com esta opção, será preferível usar os spits de fixação para evitar a fricção dos cabos no rebordo do poço. Neste sentido, foram colocados pontos de fixação no topo.

Após uma descida com cerca de nove metros, vamos encontrar na base uma série de blocos soltos formando um pequeno patamar do qual partem duas galerias que nos conduzem ao local de acesso ao segundo poço. Estas duas galerias, tem características diferentes. A que fica a um nível superior, a cerca de metro e meio da base do poço, é tipicamente uma conduta forçada, sendo a sua forma oval (+/- 60x60cm), de paredes lisas, cujo solo está coberto de argila fina e onde só se pode progredir por rastejamento.

Esta galeria desenvolve-se na horizontal e logo a poucos metros após o início, apresenta uma curva em cotovelo para a esquerda e depois outra para a direita para terminar numa pequena rampa em forma de meandro que dá acesso à pequena sala onde se encontra o segundo poço. Esta galeria com cerca de seis metros e setenta é bastante característica e poderemos ter uma ideia do seu aspecto no filme "Expedição Subterrânea" realizado pelo CES nesta gruta em 1978.

A segunda galeria encontra-se a um nível inferior e acompanha como que uma extensa diaclase que permite a marcha em pé, mas cuja largura é reduzida. Para além das duas galerias principais, poderemos ainda percorrer algumas



outras galerias em labirinto que nos conduzem sempre à mesma sala e não apresentam características especiais.

Foto 4 e 5- Galerias superior e inferior que partem da base do 1º poço.

Estas galerias vão terminar no que poderemos chamar uma pequena sala, cujo solo, em rampa ascendente, se dirige para uma zona de passagem estreita onde se encontra o cimo do 2º poço.



Foto 6- Acesso ao 2º poço.



*Foto 7-
Fazendo
segurança
para a
descida do
2ºpoço nas
primeiras
explorações
do grupo a
esta gruta
em 1977
(Foto de
Arquivo).*

Curiosamente, foi nesta zona seca que numa das últimas expedições encontramos uma salamandra, o que demonstra a capacidade destes animais em se movimentar no interior das grutas.

A partir desta zona, as dificuldades de exploração aumentam significativamente. Isto, porque os locais de fixação dos cabos e escadas não são os melhores e o espaço para manobras também é muito reduzido. Assim, resolvemos aplicar também dois spits para fixação da escada e dos cabos. Aconselhamos vivamente a utilização de escadas sempre que se pretenda descer este poço. A entrada para o mesmo faz-se através de uma passagem muito estreita, entre rocha maciça, através de uma diaclase com cerca de 70 cm de comprimento e

50 de largura. Esta passagem dá acesso directo a uma outra sala de maiores dimensões, ficando a escada suspensa, sem apoios, uma vez que o topo do tecto se eleva ainda mais. As manobras para ultrapassar esta passagem estreita, são morosas e exigem boa condição física. Nem todos conseguem ultrapassá-la.

Logo após a passagem deste laminador, a descida faz-se com toda a facilidade para a sala que fica por baixo. Não havendo assim, propriamente um poço. No entanto, para facilidade descritiva e de estudo da gruta optamos por referi-lo como 2º poço.

Para facilitar a descida (ou subida) devemos estar de frente à escada e desviar o corpo ligeiramente para a nossa direita enquanto, lentamente, e com muita calma vamos deslizando pela passagem estreita. Por vezes, para facilitar, temos que levar só o equipamento indispensável. Tanto na descida como na subida, devemos manter sempre um pé apoiado na escada mantendo a segurança bem fixa.

Depois de ultrapassar a entrada inicial, a descida é fácil e basta utilizar o descensor. No entanto, como já referido, dada dificuldade que esta passagem apresenta, por vezes é necessário retirar do *baudrier* todo o material que não seja essencial para a descida. Depois desta, chegamos a uma sala de dimensões razoáveis cujo solo está coberto de pedras e argila (Foto 8).



Foto 8 Base do 2ºpoço. A seta assinala o local onde se encontra o poço que dá acesso a esta zona da gruta.

Contrariamente ao que observamos em explorações anteriores, em que toda a zona baixa da sala estava inundada, o solo estava agora coberto de argila húmida e calhaus, muitos deles soltos. Apresenta igualmente uma inclinação descendente para a direita terminando numa zona labiríntica e cheia de pequenos lapiás internos.

Em frente e a um nível inferior, encontramos um lago com cerca de seis metros de comprimento por uns quatro de largura. Não nos foi possível avaliar exactamente a sua profundidade, mas cremos que não será muito profundo. Possivelmente teve origem nas infiltrações provenientes do exterior e o seu nível variará de acordo com a pluviosidade anual. No lado esquerdo deste lago, existem pequenas galerias de forma labiríntica, em conduta forçada, com paredes muito

húmidas, mas sem formação de espeleolitos. Até esta zona, todos os espeleolitos encontrados são de calcite impura e pouco exuberantes.

É por esta zona que poderemos chegamos à sala mais importante da gruta. Uma opção é tentar escalar uma pequena galeria que se desenvolve quase na vertical, com cerca de quatro ou cinco metros, mas cujas paredes são muito lisas pelo que não oferecem suficientes pontos de apoio. Ou, outra opção, será dirigimos um pouco mais para a esquerda e subimos através dos lapiás aí existentes, chegando a um ponto onde poderemos observar o início de uma pequena galeria situada a um nível superior. Neste local existe um cabo de apoio em nylon que foi aí colocado muito provavelmente pelos primeiros exploradores desta sala. Embora não danificado, não apresenta um ponto de fixação muito seguro. Daí que tivéssemos sempre grande relutância em o utilizar. Logo, a tentativa de escalada deverá sempre ser feita com um espeleólogo a um nível inferior para dar apoio ao que escala. Assim, e com algum cuidado, conseguimos alcançar os bordos do poço e aceder à galeria que nos conduz à “sala da catedral”.

Tencionamos numa próxima exploração *spitar* também esta zona para acabar com este problema de segurança. Depois da subida do primeiro espeleólogo, aconselhamos a montagem duma escada através do poço anteriormente referido e que comunica também com esta galeria. A subida com escada, por este poço, será seguramente mais fácil.

Depois desta escalada e seguindo pela pequena galeria, chegaremos finalmente ao antro da “sala da catedral”. Há, no entanto, que tomar cuidado já que algumas zonas do solo desta galeria são pouco sólidos e podem eventualmente ceder à passagem dos espeleólogos.

A sala que antecede a principal está igualmente bastante colmatada e é igualmente muito húmida e contém bastante argila. Aliás, é notório no solo e em alguma formação, vestígios dos anteriores exploradores que foram menos cuidadosos neste aspecto. É nesta sala que a gruta da Mexilhoeirinha evidencia todo seu esplendor.

Nela será possível a contemplação de numerosas formações calcárias, que pela sua pureza, nos revelam um espetáculo de veras gratificante para quem fez todo esforço



para chegar até este local. De todos os lados brilham cristais de calcite pura. À nossa esquerda uma enorme cascata de calcite branca, com cerca de oito metros de altura, pende sobre um enorme bloco cuja posição e características, se desprende da mesma há seguramente muitos milénios.

Foto 9- Formações em bandeira gigantes, observando-se a zona onde o bloco se desprende.

A sua cobertura por bandeiras e formações calcárias, provam que todo o processo litigénico já também foi posterior a esse desprendimento.

Bandeiras de grandes dimensões, cascatas de calcite pura, assim como estalactites, estalagmites, tubiformes, e

excêntricos podem ser contempladas nesta sala. É na verdade bastante difícil descrever toda a sua beleza.

No filme do CES "Expedição Subterrânea", esta sala é mostrada com todo o seu esplendor.



Foto 10- Excêntrico.

Foto 11- Parede de calcite pura em forma de cascata com numerosas bandeiras.

É seguramente a sala mais espetacular que observamos até hoje em grutas do Algarve. Felizmente as dificuldades de acesso tem preservado a sua beleza.

Pelo contrário, a fauna desta gruta é pobre. Pelo menos no que respeite a morcegos. Nunca observamos mais que cinco ou seis exemplares. Nela já foram observados troglóxenos, tais como uma salamandra e uma raposa que inclusive a escolheu para sua maternidade. No fim da galeria horizontal que se desenvolve a partir da sala de entrada, já fomos confrontados com crias de raposa que emanavam pequenos guinchos chamando a mãe. Não nos aproximamos para evitar que o nosso odor fizesse com que a mãe não regressasse. Junto à entrada, encontramos igualmente números aracnídeos.



Foto 12- Cascatas gigantes de calcite pura.

Foto 13- bandeiras fotografadas em contraluz.



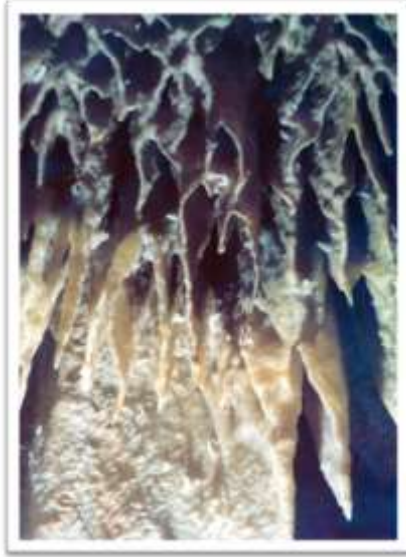


Foto 14- Bandeiras com excêntricos laterais.

Observações históricas

Tal como tem acontecido em relação a outras cavidades do Algarve, umas das poucas referências bibliográficas que encontramos respeitante a esta gruta, encontramos-la em "Antiguidades Monumentais do Algarve" de Estácio da Veiga. Outros autores também a ela se referem como António de Barros Machado e Bernardino de Barros Machado em "Inventário das Cavernas Calcárias de Portugal".

Estácio da Veiga diz o seguinte (texto original):

"Está situada quasi no cabeço do serro d'este nome, a 3-8Km a nordeste da igreja da Mexilhoeira Grande e distante pouco mais de 2 km da necrópole de Alcalá. Logo á entrada acha-se o

visitante sob um arco proximadamente ogival e n'um atrio de fôrma quasi circular, coberto de abobada levantada em diversas ondulações, cujas paredes apresetam um compacto revestimento assás cupioso de aranhas (Phdcus phalangioides, Walk.), que brandamente se balanceiam em suas oscillantes teagens(1). Dizem alguns camponezes da Mexilhoeira Grande, que na parede, á esquerda de quem entra, se viam pintadas figuras representando os mouros que habitaram esta caverna. Não ha porém taes pinturas, mas uma combinaçã caprichosa da rocha jurassica com a infiltração estalactitica, produzindo veios, cores e fôrmas de tal modo dispostas que com effeito parecem, até certo ponto, delinear vultos humanos.

Já se vê, pois, que a tradição local aponta a caverna do Serro do Algarve como tendo sido habitada pelos mouros, porque aos mouros refere o conceito popular quanto há mais antigo. Da entrada ao fundo do atrio mede-se a extensão de 6 metros e ahi se bifurca em duas passagens.

A direita, na orientação sul e a 8 metros da entrada, ha uma cavidade á feição de poço, de fôrma aproximadamente circular, obstruída por uma tão grande quantidade de pedras, segundo se diz, lançada alli pelos pastores serranos, que não permite reconhecer-se se tem seguimento para alguma parte. A oes-sudoeste outra pequena abertura, também similhante a gargalo de poço, está obstruída de pedras soltas, mostrando porém um seguimento, cuja profundidade e direcção não é possível calcular, e pega com uma passagem ainda aberta, de pouca altura e pouco extensa, em cujo fundo as stalactites já formam columns com as stalagmites.

A caverna termina aparentemente bifurcando-se em dois ramaes, um apontando para nordeste e o outro para noroeste. No primeiro é visível uma grande fenda, actualmente intransitável,

mas que pôde ter sido praticável antes do desenvolvimento que tem alli tido o solo stalagmitico já assás espesso. O ramal que corre para noroeste seria, porém, transitável, se não estivesse obstruido por grandes e numerosas pedras. A este ramal pertence uma pequena camara, em que se pôde estar de pé sem constrangimento, de cujo tecto pendem cardumes de stalactites em sucessiva formação.

O espaço em que se bifurcam os dois ramaes, assim como o plano do que segue no sentido de noroeste manifesta coprolithes antigos e recentes de um carnivoro do genero Felis ,o gato bravo vulgar, podendo também ser o lynce, ou gato cravo(...), que mui provavelmente poderá penetrar por algumas fendas em espaços mais largos e recônditos, agora defesos ao ingresso do visitante.

(...)Outra circunstância emfim recommenda esta caverna ao exame de futuros exploradores, e é ser a unica que se conhece como central a uma infinidade de pontos em que são frequentes os instrumentos de pedra lascada e polida, e não haver vestígios de habitação pré-histórica na área limitada por esses pontos, além de algumas cavernas artificiaes escavadas no solo. "

In:

VEIGA, Sebastião Filipe Martins Estácio da "Antiguidades Monumentais do Algarve",

Vol.I (pág. 62- 64) Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda,1891 - 16ed.

(Pesquisa efectuada na Biblioteca Nacional de Lisboa) Cotas: HG 5732-35V ou HG 2717-20V

ALGUNS COMENTÁRIOS COM BASE NAS NOSSAS OBSERVAÇÕES:

(1) De facto, pela descrição do autor, parece-nos ser a sala de entrada a que fazemos referência na descrição da gruta. Quanto às "figuras", nunca observamos quaisquer vestígios de

pinturas nas paredes. Tal como Estácio da Veiga, cremos que se trataria de imaginação dos visitantes de então.

(2) É provável que esta seja uma referência à galeria que dá acesso ao primeiro poço. Muito embora o autor ainda faça referência a uma outra abertura que diz obstruída por pedras soltas. Futuramente, tentaremos confirmar se haveria hipótese de encontrar algum poço na galeria que segue em frente.

(3) É possível que o autor se esteja a referir à pequena sala onde termina a galeria que segue em frente. No entanto, actualmente, poucas são as formações visíveis. E as que existem são fósseis.

(4) Nunca encontramos nesta gruta qualquer vestígio que pudesse indiciar que tivesse sido habitada. No entanto, tal não significa que não o tivesse sido. Os nossos conhecimentos neste domínio não são os indicados para estas pesquisas.

- 0- Entrada
- 1 -Sala da entrada
- 2 -Galeria superior
- 3-4 -Continuação da galeria superior
- 5 -Cimo do 1º poço
- 6 -Base do 1º poço
- 7-11 -Galeria em conduta forçada que dá acesso ao 2ºpoço (por rastejamento)
- 12-13 -Pequena sala na base do 1º poço
- 14-16 -Galeria em forma de meandro que permite circular em pé e dá acesso à zona do 2º poço
- 27 -Zona de acesso 2º poço
- 28 -2ªDescida
- 19 -Lago
- 20-24 -Galerias de acesso à “sala da catedral”
- 25 -Entrada na “sala da catedral”
- 26 -Zona de cascatas de calcite pura
- 26 -Zona de blocos com formações em bandeira caídos no solo

Ficha da gruta

NOME: Gruta da Mexilhoeira Grande

SINONIMIA: Caverna do Serro do Algarve; Gruta da mulher morta

CÓDIGO: 15844 CADASTRO: MXG 6-01

DISTRITO: Faro

CONCELHO: Portimão

FREGUESIA: Mexilhoeira Grande

LUGAR: Serro da mulher morta

DESCOBERTA POR: Desconhecido

INDICADA POR: Estácio da Veiga

CARTA MILITAR Nº 2 – Quadrante 6

COORDENADAS LAMBERT: X:14 524 Y: 16 000

ALTURA DA ENTRADA: 78cm

LARGURA DA ENTRADA: 1,5m

ALTURA MÁXIMA DO MACISSO:60m

ALTURA A QUE FICA A ENTRADA: Não calculado

DESENVOLVIMENTO MÁXIMO CONHECIDO: 60m

TOTAL DE GALERIAS CONHECIDAS: 112m

NÚMERO DE POÇOS: 2 (9 e 7 metros)

HIDROLOGIA: Com águas paradas

CLIMATOLOGIA:

FLORA: Raízes na sala de entrada

FAUNA: Observados 2 morcegos (sem possibilidade de verificar espécie, 1 salamandra;1 raposa e vários aracnídeos

GRAU DE POLUIÇÃO: Baixo

GRAU DE POLUIÇÃO: Moderado na entrada; Baixo após o 1º poço; Muito baixo após o 2º

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Muito elevado

GRUTA DO SERRO DA GUINÉ

Agosto de 1984

RELATÓRIO

CÓDIGO: 18 /84

CADASTRO: PAD/596/06/01

DATA: 31 de Agosto a 2 de Setembro de 1984

TIPO DE ACTIVIDADE: Registos para arquivo

FREGUESIA: Paderne

CONCELHO: Albufeira **DISTRITO:** Faro

LOCAL: Serro da Guiné (Aldeia dos Matos)

OBJECTIVOS:

- Exploração da gruta
- Levantamento topográfico
- Colheita de dados climatológicos e biológicos
- Registos fotográficos

Introdução

Embora tivéssemos conhecimento da existência desta gruta desde há vários anos, só agora nos foi possível planear a sua exploração. Referida por Estácio da Veiga na sua obra “Antiguidades Monumentais do Algarve”, a gruta do Serro da Guiné, é bem conhecida pelos habitantes da zona de Tunes e arredores.

Ao que parece, de acordo com informações locais, muitos têm sido os seus visitantes. Mas tal como em relação a tantas outras cavidades, desconhecemos a existência de qualquer relato recente referido à mesma.

Assim, pretendemos com este relatório, registar algumas das suas características, assim como elaborar o seu esboço topográfico.

Vias de Acesso

Situada no Serro da Guiné, o seu acesso é fácil quer seguindo por Tunes ou vindo por Paderne.

A partir de Tunes, será talvez mais fácil dado que a distância que separa esta vila da Aldeia de Matos é relativamente curta (ver mapa de acesso). Assim, a cerca de 2,5Km de Tunes encontramos um desvio à esquerda que nos conduz à referida aldeia. Quem viajar a partir de Paderne ou S.B de Messines, passará pelo Purgatório e encontrará o desvio à direita.

Depois de chegar à aldeia, seguimos por um arruamento que se dirige para a esquerda e percorridos cerca de 100 metros, encontramos o local apropriado para montar o acampamento sob umas oliveiras e alfarrobeiras.

A partir daqui, e para chegar à gruta, devemos tomar a direcção norte e seguir de acordo com o esquema indicado na



Figura 1. Note-se que a entrada da gruta se encontra já na vertente

descendente norte do serro a cerca de 1/3 superior da sua

altura. (Da zona da entrada da gruta é visível o serro do talefo a 3°N e mais à direita, o maciço da Igrejinha de Sóidos).

Acampamento

É possível montar o acampamento perto da aldeia. Será impossível junto à entrada da gruta uma vez que esta se situa já na vertente descendente do serro, num plano bastante inclinado.

Abastecimentos

Tivemos alguma dificuldade em adquirir água, uma vez que estávamos no fim do verão e a água dos moradores provém de cisternas. Não existem poços e ainda não têm rede pública¹¹. Relativamente a alimentos, não há qualquer dificuldade. Existe na aldeia uma pequena loja onde poderão ser adquiridos (mercearia do Sr. David Clemente).

Descrição da Gruta

A entrada faz-se através de uma pequena abertura em forma de goteira com cerca de oitenta centímetros de altura por sessenta de largura.

Logo após a entrada, a cerca de cinco metros, encontramos um poço com aproximadamente seis metros de profundidade, sendo inicialmente mais estreito (aprox. 1m), aumenta progressivamente de largura até um pequeno

¹¹ Em 1984.

patamar a partir do qual poderemos dizer que a gruta toma duas direcções: Para um lado, situa-se o poço mais importante com cerca de vinte metros de profundidade. Para o outro, observa-se ao longo de uma extensa e larga diáclase o desenvolvimento descendente da gruta que acaba por terminar em fundo de saco.

Esta gruta, embora se situe na cota dos 160 - 210 m tal como as Solestreiras, tem um aspecto e características totalmente diferentes. Toda ela parece desenvolver-se ao longo de uma enorme diaclase de forma mais ou menos triangular sendo o poço a altura "desse triângulo". Este poço, se assim lhe poderemos chamar, termina numa pequena galeria em rampa que se afunila e termina em fundo de saco.



Foto 1- Descendo o poço principal da gruta por corda estática com descensor auto-stop.



Foto 2- Parede lateral com numerosas bandeiras.



Foto- 3Pequenas estalactites ainda sob a forma de tubiformes.

Tal como indica a foto-4, poderemos com o auxílio de auto-segurança, descer pela galeria descendente em forma de rampa, e que na realidade faz parte da parede da diaclase.



Foto4- Descendo uma rampa que dá acesso à galeria descendente (onde utilizamos segurança com shunt).

Esta galeria descendente, tem igualmente comunicação com a porção média do poço de vinte metros. Observando o corte da gruta, estas noções serão mais facilmente apreendidas.



*Foto 5
A zona mais afastada da entrada, termina nesta passagem estreita.*



Foto 6- Vestígios de grafismos poluentes visíveis nas paredes.

Montagem do equipamento

Para montar o equipamento de exploração, poderemos utilizar troncos existentes no exterior, junto à entrada, para fixar os cabos de segurança e escadas do primeiro poço.

Para o segundo poço, as fixações deverão ser feitas com o auxílio de "spits". Embora não o tivéssemos feito (por falta de material) esta será a solução mais correcta e segura pela boa estabilidade da rocha envolvente. Optamos por fazer ligações com protecção aos cabos vindos do exterior.

Por último, e em relação à galeria descendente, poderemos utilizar apenas um cabo (dez metros) e auto-segurança.

Ficha da gruta

NOME: Gruta do Serro da Guiné

SINONIMIA: Algueirão; Poço; Algar; Algarocho

CÓDIGO: 18 84 7

TIPO: Mista (zonas na vertical e horizontal)

DISTRITO: Faro

FREGUESIA: Paderne

CONCELHO: Albufeira

LUGAR: Aldeia dos Matos

DESCOBERTA POR: Desconhecido

INDICADA POR: Fonte bibliográfica (Estácio da Veiga;
in "Antiguidades Monumentais do Algarve")

CARTA MILITAR N^o 596

ESCALA: 1 / 25 000

LOCALIZAÇÃO NO QUADRANTE N^o 6

COORDENADAS LAMBERT: X- 67,501 Y- 15,700 z- 142
m

ALTURA MÉDIA DA ENTRADA: 80 cm

LARGURA MÉDIA DA ENTRADA: 60 cm

ALTURA DO MACIÇO: 205 m

ALTURA DA ENTRADA: 142m

DESENVOLVIMENTO MÁXIMO: 30 m

TOTAL DE GALERIAS: 41 m

NÚMERO DE POÇOS: 2

EXPLORAÇÕES JÁ EFECTUADAS PELO CES: 1

HIDROLOGIA: Sem águas correntes ou paradas

CLIMATOLOGIA: Temp. média 20,5°C (horário de Verão)

BIOLOGIA: Não observamos qualquer tipo de flora
ou fauna visível a olho nu.

GRAU DE POLUIÇÃO: Nulo — Muito baixo — Baixo - Alto - Muito Alto.

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Nulo - Muito baixo - Baixo - Alto - Muito Alto - Excepcional

EQUIPAMENTO NECESSÁRIO: 40 metros de cabo 30 metros de escada. Material de fixação e segurança

Socorros mais próximos: Bombeiros Voluntários de S.B. de Messines.

(Existe telefone na Aldeia dos Matos)

Registos de temperatura e humidade

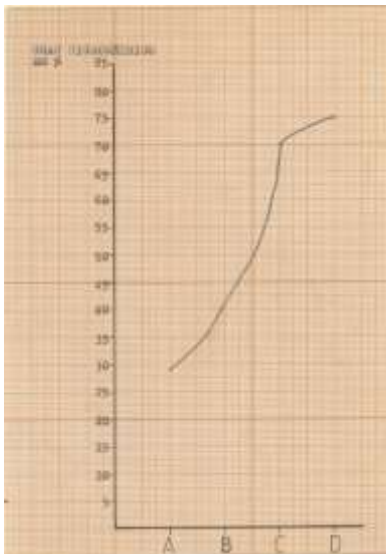


A- Junto à entrada

B- Na base do primeiro poço

C- Na base do segundo poço

D- No ponto mais afastado da entrada



A- Junto à entrada

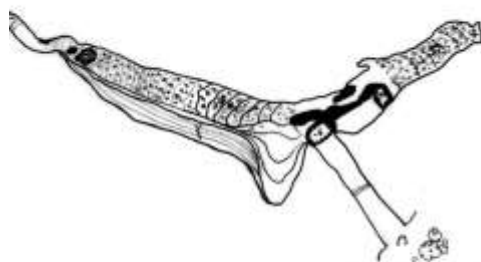
B- Na base do primeiro poço

C- Na base do segundo poço

D- No ponto mais afastado da entrada

Topografia

PLANTA

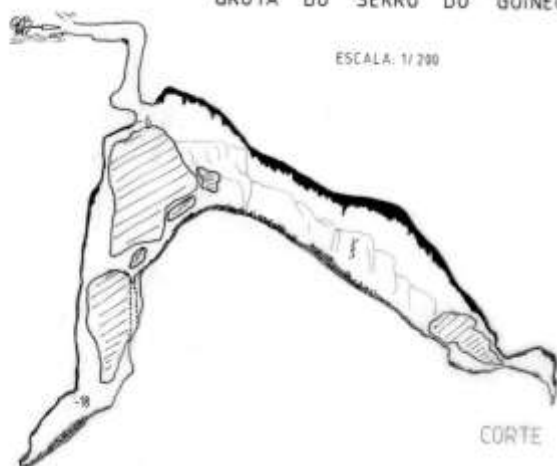


Gruta do Serro do Guiné	CADASTRO	1. Lote nº 10	30°
	PROPOSTA DE	PROPOSTA DE	
PROPOSTA DE		PROPOSTA DE	ESCALA: 1/100
PROPOSTA DE			1

CES
Lagos

GRUTA DO SERRO DO GUINÉU

ESCALA: 1/700



CORTE

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR: Carlos Filipe

COM :

- José Águas
- Francisco Castelo
- António Augusto
- Joaquim Furtado
- Paula Cristina
- José Nicolau
- Maria Manuela

Topografia: C. Filipe; J.Águas; F.Castelo; P.Cristina; A.Augusto;
J.Furtado;

Fotografia; C.Filipe ; F.Castelo ; J.Águas

Cinema:C.Filipe; J.Águas

(Filme "super 8" com a duração de 3' e 20 segundos que mostra diversos aspectos do local onde se situa a gruta assim como a entrada da mesma)

AGRADECIMENTOS:

- Câmara Municipal de Lagos
- F.A.O.J.
- Governo Civil de Faro
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Habitantes da Aldeia dos Matos

Lagos, 10 de Outubro 1984.

C. Filipe

CONTACTOS :

CES(CENTRO DE ESTUDOS SUBTERRÂNEOS)

lagos.ces@gmail.com

ALGAR DOS AMENDOAIS

Abril de 1985

RELATÓRIO

CÓDIGO: 20851

CADASTRO:

DATA: 18 de Abril de 1985

FREGUESIA: Algoz

CONCELHO: Silves

DISTRITO: Faro

LOCAL: Sítio dos Amendoais

OBJECTIVOS:

- Reconhecimento da gruta
- Levantamento topográfico
- Reportagem fotográfica
- Recolha de dados climatológicos

Introdução

Dado que esta gruta já não existe, este é um típico exemplo de como este relatório poderá servir para memória futura, uma vez que esta cavidade deixou de existir.

Soubemos através de um habitante da zona que durante as escavações para construção da estrada nacional N1 que liga a Guia a S. Bartolomeu de Messines, foi descoberta a entrada para um algar num troço da estrada localizada na zona dos Amendoais. Daí, termos optado por atribuir este nome a esta cavidade.

Aproveitando o dia de descanso e acompanhados pelo trabalhador que nos informou desta descoberta, planeamos a

exploração para um domingo, evitando assim o dia de trabalho na obra o que impossibilitaria a nossa tarefa

A foto 1 mostra o corte no solo feito durante as escavações para as fundações da estrada. Toda esta zona foi completamente preenchida por entulho sendo a gruta igualmente soterrada com pedras e terra.

Descrição

Tratava-se de um algar com cerca de onze metros de profundidade, cuja abertura artificial foi feita durante as escavações para a construção da EN que liga Tunes a S.B. de Messines.

A entrada (Foto. 1 e 2) em forma de goteira com cerca de um metro de largura por um e meio de altura, dava acesso a um algar com onze metros de profundidade, cujas paredes irregulares eram formadas por numerosas bandeiras de diferentes dimensões que as cobriam até ao solo (Fotos 3,4,5 e 6).



*Foto-1- Panorâmica do local onde se situava a entrada da gruta.
Ao chegar à base do algar,*



Foto 2- Entrada do algar.

encontramos uma sala de dimensões médias, com aproximadamente 7 metros de largura por 6 de comprimento cujo solo inclinado era na sua maior parte coberto por calhaus soltos e terra (Fotos 5,6 e 7).

As paredes, cobertas por bandeiras e algumas colunas encontravam-se bastante secas. No solo, observamos uma estalagmite gigante (Foto- 8).



Foto 3- Paredes do algar.

Foto 4- Parede do algar.



Foto 5- Formação quebrada, encontra no solo.



Foto 6 Solo do algar coberto por blocos de pedra.

Não foi possível verificar a existência de continuação a partir da base dada a grande quantidade de terra e pedras lançadas do exterior.

Embora de importância global reduzida, esta gruta era semelhante a muitas outras existentes no Algarve.

Nesta gruta, registamos uma temperatura de 22°C e uma humidade de 80%.



Foto 7- Vista parcial da sala na base do algar.



Foto 8- Estalagmite gigante fotografada pela última vez.

Ficha da Gruta

NOME: Algar dos Amendoais

SINONIMIA: Não aplicável

CÓDIGO: 20851

CADASTRO:

TIPO: Algar

DISTRITO: Faro

FREGUESIA: Algoz **CONCELHO:** Silves

LUGAR: Amendoais

INDICADA POR: Habitante da zona

CARTA MILITAR N°- ESCALA:

ALTURA MÉDIA DA ENTRADA: 1,5 m

LARGURA MÉDIA DA ENTRADA: 1 m

ALTURA A QUE FICA A ENTRADA:

DESENVOLVIMENTO MÁXIMO: 17 m

TOTAL DE GALERIAS: 1

NÚMERO DE POÇOS: 0

EXPLORAÇÕES JÁ EFECTUADAS PELO C E S : 0

HIDROLOGIA: Sem águas correntes ou paradas Temp.:

22°C Humidade: 80%

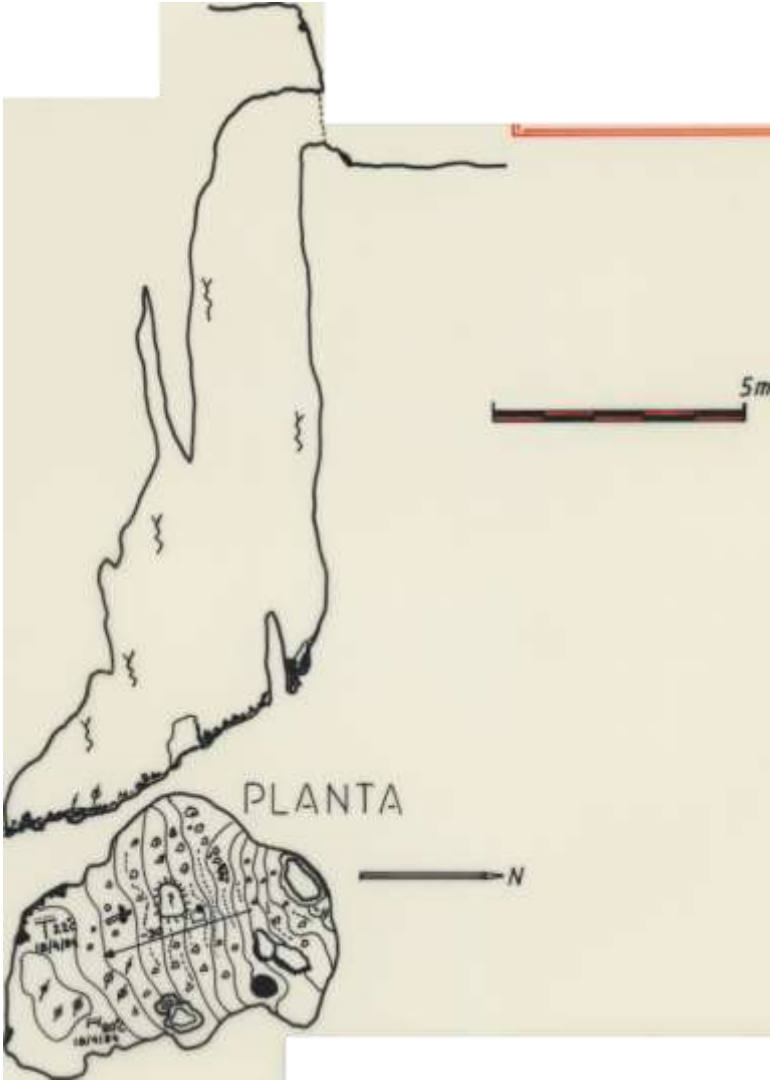
BIOLOGIA: Não se observou qualquer forma de vida macroscopicamente.

GRAU DE POLUIÇÃO: Nulo - Muito baixo - Baixo - **Alto** - Muito Alto (detritos lançados pelos trabalhadores das obras)

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Nulo - Muito baixo - **Baixo** — Alto - Muito Alto - Excepcional

Material Usado: -Individual ; Escada de 10 m; -Cabo de 20m

Croquis do corte e planta



EXPLORAÇÃO DIRIGIDA A POR: Carlos Filipe

COM:

-José Águas

-António Augusto

Fotografia:

Carlos Filipe

YACHICA TL Electro35 Objectiva 28 e 50 mm Flash electrónico 32NG

Filme 120 ASA ILFORD P&B

Topografia: Carlos Filipe; José Águas; António Augusto

AGRADECIMENTOS:

Sr. António João Águas (Algoz)

Lagos, 2 de Setembro de 1985

Relatório: C. Filipe



CONTACTOS:

CES(CENTRO DE ESTUDOS SUBTERRÂNEOS)

lagos.ces@gmail.com

- PORTUGAL

GRUTA DA AMARELA

Junho de 1985

RELATÓRIO

CÓDIGO: 21852

DATA: 21 de Junho de 1985

TIPO DE ACTIVIDADE: -Reportagem fotográfica
-Novo reconhecimento

CONCELHO: Aljezur

FREGUESIA: Rogil

DISTRITO: Faro

LOCAL: Sítio da Amarela ou Saiceira (Rogil)

OBJECTIVOS :

Realização de uma reportagem fotográfica para obtenção de novas fotografias da gruta.

Introdução

Com o objectivo de efectuar uma renovação das fotografias existentes nos nossos arquivos, planeamos esta exploração para fotografar a gruta sob novas perspectivas e aproveitar para fazer um novo reconhecimento.

Todo este trabalho foi realizado tendo como objectivo a realização de uma exposição fotográfica em Agosto do corrente ano.

Comparando com anteriores explorações, não encontramos diferenças significativas em relação ao registado no nosso relatório Ref. 03/81.

Salientamos, no entanto, que nesta exploração não encontramos qualquer morcego na "sala do guano". Fomos encontrar a colónia na galeria em "garrafa".

Algumas das fotos que recolhemos nesta reportagem, foram ampliadas para a exposição que estávamos a preparar para o verão.



*Foto 1-
Sala do guano
(Câmara YASHICA TL35 28mm
8.0/open flash).*



*Foto 2-
Zona de acesso à "galeria em garrafa"
(Câmara YASHICA TL35 28mm
8.0/open flash).*



*Foto 3-
Na galeria em "garrafa"
(Câmara YASHICA TL35
28mm 8.0/open flash).*



*Foto 4-
Galeria em "garrafa"
(Câmara YASHICA TL35
28mm 11/open flash).*



*Foto 5-
Morcego em pleno voo.
(Câmara YASHICA TL Electro
35 8.0 /open flash)*



*Foto 6-
Morcegos no tecto da galeria.*



*Fpto 7-
Morcego pendurado na luva do
espeleólogo.
Y TL35, 50mm 11/60 (luz frontal)*



*Foto 8-
Morcegos ainda jovens.
(Yashica - TL35, 50mm(C/lente
de aprox. lx) 16/open flash com luz
lateral.*

MATERIAL UTILIZADO:

- Máquina fotográfica YASHICA TL Electro 35
- Objectivas de 28mm,50mm e 150mm
- Lentes de Aproximação 1x,2x e 3x
- Dois Flashes NG 32
- Gabos de extensão
- Célula fotoelétrica
- Tripé

Exploração dirigida por: C. Filipe

Com:

-José Águas

-Joaquim Furtado

Fotografia:

-Carlos Filipe

-José Águas

Agradecimentos:

-CM de Lagos

-FAOJ (Fundo Apoio Organismos Juvenis) Faro

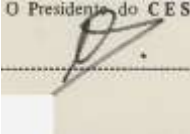
Relatório de:

Carlos Filipe

José Águas

Lagos, 21 de Junho de 1985

O Presidente do CES



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA - Lagos

RELATÓRIO

CÓDIGO: 24855

CADASTRO:

DATA: de 4 a 15 de Agosto de 1985

TIPO DE ACTIVIDADE:- DIVULGAÇÃO

FREGUESIA:

CONCELHO:

DISTRITO:

LOCAL:

OBJECTIVOS:

- Dar a conhecer os trabalhos realizados pelo centro.
- Promover e divulgar a prática da espeleologia.
- Possibilitar ao publico em geral o conhecimento de algumas das mais importantes grutas do algarve.



Foto-1 Painel do CES frente a montra com amostras de espeleolitos colhidos no solo das grutas.

Introdução

Foi em Agosto de 1979 que realizamos pela primeira vez, em Lagos, uma exposição fotográfica. Seis anos depois, voltamos de novo a exhibir para o grande público, parte dos trabalhos que efectuamos nos últimos anos, assim como fotografias de algumas das mais importantes grutas do a Algarve.



Foto-2 Painéis de exposição com fotos formato A4.

Para além de Lagos, promovemos a exposição em diferentes localidades do Algarve assim como na feira internacional de Lisboa (FIL). Com base nos resultados francamente positivos, obtidos nas exposições anteriores, resolvemos modificar a apresentação das fotografias e renovar todas aquelas que apresentavam defeitos ou estavam desactualizadas considerando a evolução das técnicas usadas.

Graças ao apoio de diversas entidades, conseguimos levar por diante o nosso projecto tal como o havíamos concebido.

Deste modo, planeamos uma exposição composta essencialmente por setenta e três ampliações a cores em formato A4, montadas em molduras de vidro antirreflexo. Esta montagem, permitiu maior facilidade no manuseamento dos

trabalhos, melhorou significativamente o aspecto estético e sobretudo, protege mais eficazmente as fotografias ampliadas.

Esta opção permitiu igualmente manter a exposição pronta para ser exibida em qualquer outro local.



Foto- 3 Exposição de bibliografia, relatórios, topografia, trabalhos de outros grupos e material usado em climatologia.



Foto- 4 e 5 Visitantes da exposição.



Foto-6

Material individual e de exploração (ao lado, manequim com equipamento completo).



Foto-7 Foram muitos os jovens que nos visitaram.

Centro de Estudos Subterrâneos
EXPOSIÇÃO
FOTOGRAFICA
 Sobre Grutas Calcárias do Algarve
 (PHOTOGRAPHIC EXHIBITION ABOUT
 CALCAREOUS CAVES)
 VISITE-VIS E VISUALÍZ A CAVIDADE ALGARVE DAS MAIS IMPORTANTES
 GRUTAS DO ALGARVE.
 PROJEÇÃO DE FILMES (SUPER-8) E SLIDES
 Realizados pelo Centro
 De 4 a 15 de Agosto + Das 17 às 24 horas
 No forte Pau da Bandeira (Av. dos Descobrimentos)
 Com o apoio de:
 — CAMARA MUNICIPAL DE LAGOS
 — JUNTA DE FREGUESIA DE S. ANDRÉ
 — GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DE FARO
 — F. A. D. J. FARO
 — INSTITUTO S. LEOBADIANA
 ALA 1000—Lagos 191 ex. 7 25

PAPELARIA DO SANTARÉM IMPRIMERIA PARA REPRODUÇÃO
 DA EXPOSIÇÃO

Panfleto distribuído pela cidade para divulgar a exposição.

Opiniões de visitantes

Neste Ano Internacional da Juventude, PARABÉNS,
aos jovens... e aos outros.
Laura Alice Correia.

Neste ano internacional da Juventude, PARABÉNS, aos
jovens... e aos outros.

14-8-85 - Sr. Presidente: Un amante de la espeleología, se
ha llevado gran sorpresa al ver esta ex-
posición y le considera que es una gran labor.
Francisco Ferr

Sr. Presidente: Um amante da espeleologia que ficou sur-
preendido com esta exposição e considera-a um bom trabalho.

Es una exposición que
ayuda a despertar el
interés por la espeleología.

É uma exposição que
ajuda a despertar o
interesse pela espeleo-
logia.

Espero que la Espeleología sirva para proteger y
limpiar el medio ambiente. ESPAÑA.

Espero que a espeleologia sirva para proteger e limpar
o meio ambiente.

Gostei, mas podia ser melhor com mais apoios oficiais.

ELEMENTOS PARTICIPANTES:

- Carlos Filipe
- Francisco Castelo -José Águas
- António Augusto
- Joaquim Furtado
- Paula Cristina
- José Manuel
- Maria Manuela
- Ana Beatriz

AGRADECIMENTOS:

- GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DE FARO
- CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS
- FUNDO DE APOIO A ORGANISMOS JUVENIS (F.A.O.J.)
- JUNTA DE FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO (Lagos)
- LOJA ROMARTY
- NAUTIPRAIA

Lagos, 6 de Setembro de 1985



ALGAR DA AREIA

Dezembro de 1985

ALGAR DA AREIA

RELATÓRIO

CÓDIGO: 268601

CADASTRO: SEB/597/6/01

DATA: 21/12/1985

TIPO DE ACTIVIDADE: Exploração

DISTRITO: Faro

FREGUESIA: S. Sebastião

CONCELHO: Loulé

LOCAL: Sítio da Varjota (Soalheira-Loulé)

OBJECTIVOS: -Levantamento topográfico
-Recolha de dados climatológicos
-Observações geológicas e biológicas
-Reportagem fotográfica



Foto-1 Transporte do material para o local do acampamento.

Introdução

Aproveitando o período de férias do Natal, foi decidido antecipar a exploração desta gruta, que inicialmente estava prevista para o início do ano seguinte. Assim, embora esta actividade tenha sido feita em 1985, consta no plano de actividades para 1986.

Acesso

Seguindo de Lagos pela N125, ao chegarmos a Boliqueime, devemos seguir à esquerda e tomar a N270 no sentido de Loulé percorrendo cerca 4,5Km, encontramos logo após as pedreiras da Cecil, um desvio à esquerda com 2 placas: uma referindo Alte Benafim e Parragil. Seguir nesse sentido, sempre em frente, pela estrada municipal M1191. No próximo cruzamento com as indicações de Boliqueime para a direita e Benafim para a esquerda, seguir pela esquerda e no cruzamento logo a cerca de 150m, voltar à direita no sentido de: Varjota, Soalheira, Palmeiral pela M1177. À direita encontraremos o café “Bexiga”.

Quem necessitar de adquirir alimentos ou água, deverá fazê-lo aqui (*uma mercearia semelhante, existente próximo do local do acampamento, já não existe*). Continuando sempre em frente por esta estrada municipal durante cerca de 1,8 km, encontramos junto à estrada à nossa direita uma habitação com o nome “Vivenda Guerreiro”. No pequeno parque, frente a esta habitação, estacionamos o autocarro e descarregamos o material. Entre os habitantes locais, com os quais iniciamos contactos para saber de um local para montagem do acampamento, conhecemos o Sr. Manuel Leandro. Foi com o seu

apoio e colaboração que encontramos o local ideal para acampar, próximo da sua residência, numa eira abandonada a cerca de 300m.

Seguindo pelo caminho de terra batida (Foto-1), a cerca de 200m, encontramos um cruzamento à direita que nos conduz à casa do Sr. Manuel Leandro. Seguindo nesta direcção por mais 170m depois, voltamos à esquerda e seguido por esse caminho de terra batida, subiremos o monte na direcção da gruta. Seguir então sempre em frente ignorando uma ramificação cerca de 400m à esquerda e continuar em frente até atingir o cimo do planalto. Atingida a zona mais alta, será possível visualizar vasta área do seu topo. Na direcção do caminho, a cerca de 580m, depois deste cruzamento no sentido nascente, podem observar-se vários penedos um dos quais se destaca por nele haver uma rocha com o cume pintado de vermelho. Esta, assinala o local onde se situa a entrada do algar.



Fig.-1 Croquis de acesso à gruta.

Descrição

A entrada no algar (Fot.2), faz-se através de uma abertura com cerca de 2 por 1,5 metros de largura. Logo a cerca de quatro metros encontramos uma plataforma com dois metros de comprimento a partir da qual (foto 2) poderemos descer para uma outra que se situa a nove metros da entrada (foto 3).



*Foto-1
Entrada
do Algar.*



*Foto-2
Descida a partir
da 1ªplataforma
(José Águas).*



Foto-3

Segunda plataforma a cerca de 1/3 da descida do algar da entrada.



Foto-4

Descida por escada em direcção à base (Castelo).

As paredes são irregulares, com formações em bandeira, muitas delas cobertas por algas, uma vez que nesta zona do algar a luz exterior consegue penetrar durante o dia.

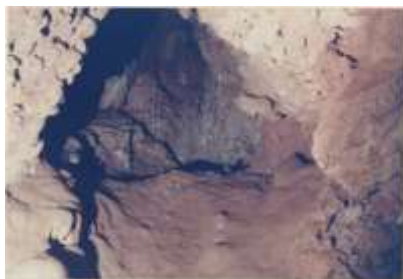


Foto-5

Aspecto das paredes na base do 1º poço.

As paredes, são ricas em formações em couve-flor e pequenas cascatas de calcite impura. Na base do algar, encontramos uma sala cujo solo se encontra coberto de pequenos calhaus (foto-6). A partir desta zona, a gruta continua em diversas direcções. (Atrás dos espeleólogos observados na figura, existe um desnível que nos conduz a várias salas e galerias onde encontramos a principal colónia de morcegos que observamos nesta gruta, assim como formações de dimensões consideráveis e diversos poços que acabam em fundo de saco)⁽¹²⁾.

À esquerda dos membros dos CES, existe uma pequena sala onde se visualizam formações em calcite pura, com formações tipo tubiforme, couve-flor gouris e micro-gouris. A rampa em frente, constituída por numerosos blocos de pedra,



conduz-nos a uma outra sala com chão em rampa bastante inclinado, onde se recomenda o uso de um cabo de segurança para prevenir eventuais quedas.

Foto- 6 Base do 1º poço.

⁽¹²⁾ Uma vez que nesta primeira exploração efectuada pelo CES em 1985, muito ficou por explorar. Posteriormente, ao longo dos anos, com a aquisição de novo material e evolução das técnicas de exploração, efetuamos numerosas descidas nesta cavidade o que nos permitiu conhecer todo o seu desenvolvimento. Tivemos igualmente conhecimento que nos anos 90(?), uma equipa da Universidade do Algarve, levou a cabo estudos hidrológicos nesta gruta, no sentido de avaliar a extensão e eventual ligação com aquíferos subterrâneos existentes na base do maciço e usados pelas populações locais. Pelo que sabemos, com a colaboração dos bombeiros, teria sido lançada água no interior do algar e pesquisada a sua presença em poços na base do maciço, graças ao uso de marcadores adicionados na água que foi lançada no algar.



Foto-7 Bandeiras em contra-luz.

Fotos- 8 e 9 mostram diversos aspectos da sala referida no texto, onde existem numerosas formações em forma de estalactites, estalagmites, colunas, bandeiras, gours e micro-gours.

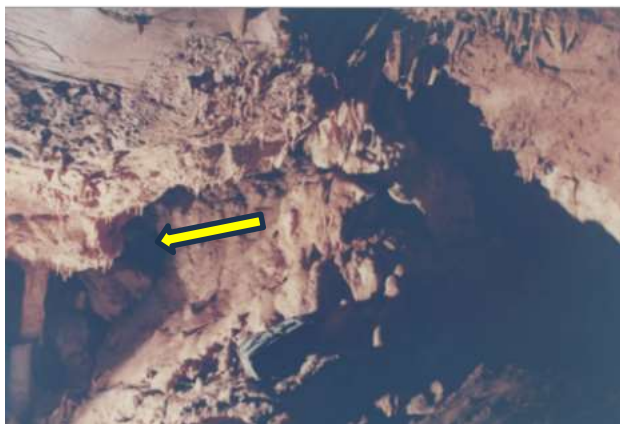
Foto-8



Foto-9

Fotos-10 e 11

Tubiformes e zona de entrada para esta pequena sala onde se entra a rastejar.



Ficha da Gruta

NOME: Algar da Areia

SINONIMIA: Algar do Corgo; Algar da Cerca

CÓDIGO: 26/86/01

CADASTRO: SEB/597/6/01

TIPO: ALGAR

DISTRITO: Faro

FREGUESIA: S. Sebastiao

CONCELHO: Loulé

LUGAR: Varjota

DESCOBERTA POR: Desconhecido

INDICADA POR: Sr. Manuel Martinho Leandro

CARTA MILITAR N^o 597 ESCALA: 1/25 000

LOCALIZAÇÃO NO QUADRANTE N-^o VI

COORDENADAS LAMBERT: UTM: 29S NB 8215 1420

ALTURA MÉDIA DA ENTRADA:

LARGURA MÉDIA DA ENTRADA: 2m

ALTURA MÉDIA DO MACIÇO: 265 m

ALTURA A QUE FICA A ENTRADA: 250m

DESENVOLVIMENTO MÁXIMO: Sup. a 50m

TOTAL DE GALERIAS: (em investigação)

HIDROLOGIA: Sem águas correntes ou paradas

CLIMATOLOGIA: Temp. média: 17°C Grau Higr.: 82,5%

BIOLOGIA: Presença de morcegos.

GRAU DE POLUIÇÃO: Encontrado lixo na base do algar

INTERESSE EM ESPELEOLITOS: Elevado

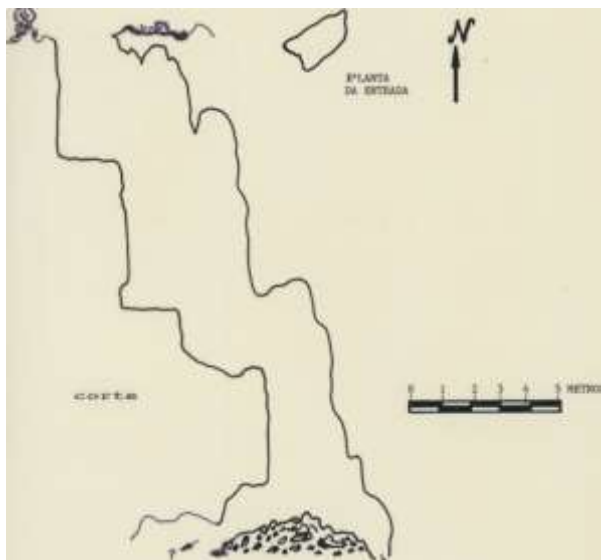
Material Necessário: Escadas (20m); Cabos 40m. Material de fix

Dois troços de escada de 10 metros 20 m cabo + 2 troços de 10m +

fitas de fixação + material de segurança para técnicas de descida e subida por cabo.



CARTA MILITAR COM LOCALIZAÇÃO



Croquis da zona da 1ª descida ESCALA: 1/100

EXPLORAÇÃO DIRIGIDA POR:

Carlos Filipe

COM:

José Águas

Francisco Castelo

José Manuel

Maria Manuela

Fotografia: C. Filipe; José Águas

AGRADECIMENTOS:

-Camara Municipal de Lagos

-Junta de Freguesia de S. Sebastiao

-F.A.O.J. (Fundo de Apoio a Organismos Juvenis) – Delegação
Regional de Faro

-Sr. Manuel Martinho Leandro (Varjota)

Lagos, 20 de Fevereiro de 1986





CENTRO DE ESTUDOS SUBTERRÂNEOS LAGOS



BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE PORTO DE MÓS

(Local onde se realizou o congresso)

I CONGRESSO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA

PORTO DE MÓS, 1,2 e 3 de ABRIL de 1988

RELATÓRIO

CÓDIGO: 308801

DATA: 1,2 e 3 de Abril de 1988

TIPO DE ACTIVIDADE: Participação no 1º Congresso Nacional de Espeleologia

INTRODUÇÃO

Durante os dias 1,2 e 3 de Abril de 1988, decorreu na vila de Porto de Mós o " I Congresso Nacional de Espeleologia.

O C.E.S., para além de nele ter participado, apresentou igualmente duas comunicações que abordaram os seguintes temas:

- *Dietética e alimentação em espeleologia*
- *Noções básicas de socorrismo em espeleologia*

Para além disso, moderamos o debate do dia 3 que incidiu sobre os seguintes temas:

- Espeleologia que futuro?
- Espeleo-socorro

Junto anexamos algumas fotografias que mostram diversos aspectos do congresso, assim como o relatório provisório elaborado pela comissão organizadora.



Foto-1 Pavilhão onde decorreu o congresso.



Foto-2 Início dos trabalhos.



Foto-3 Apresentação do CES "Dietética em espeleologia".



*Foto-4
Apresentação do
tema
“Noções básicas de
Socorrismo em
Espeleologia”
por um elemento
dos CES.*



Foto-5 Assistência.

Foto-6 Placard do CES.



*Foto- 7 José Manuel (CES) observando
os trabalhos expostos.*





Foto-7
Painel do CES com
várias fotografias e
historial do grupo.



Foto-8
Painel do Núcleo de Espeleologia de
Leiria.



Foto-9 Poster sobre Biospeleologia.



Foto -10 Organizadores do congresso.

Resumo das Actividades do Congresso

RESUMO DAS ACTIVIDADES DO CONGRESSO E PROPOSTA DE CONCLUSÕES

(DOCUMENTO PROVISÓRIO)

1 - INTRODUÇÃO

Neste documento será feita uma descrição sumária dos trabalhos do I Congresso Nacional de Espeleologia (realizado em Porto de Mós de 1 a 3 de Abril de 1988), focando alguns aspectos descritivos do seu funcionamento, e também uma proposta de conclusões apuradas a partir dos diálogos estabelecidos durante os períodos de debate.

Para iniciar e finalizar o Congresso houve sessões plenárias, presididas por mesas compostas por entidades convidadas:

- Composição da mesa da sessão de abertura:

- . Presidente da Câmara Municipal De Porto de Mós: Eng. Gomes Afonso
- . Directora do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros: Arq. Maria João Botelho
- . Presidente da Federação Portuguesa de Espeleologia: Diogo de Abreu
- . Representante da Comissão Organizadora do Congresso: Francisco Santos

- Composição da mesa da sessão de encerramento:

- . Presidente da Câmara Municipal de Porto de Mós: Eng. Gomes Afonso
- . Directora do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros: Arq. Maria João Botelho
- . Presidente dos Bombeiros Voluntários de Porto de Mós: José Luis Gomes
- . Delegado Português à UIS: Joaquim Pais (por motivos pessoais não esteve presente à sessão)
- . Presidente da Federação Portuguesa de Espeleologia: Diogo de Abreu
- . Representante da Comissão Organizadora do Congresso: Francisco Santos
- . Secretariado do Congresso: Maria João Roquette

2 - PARTICIPAÇÃO

Através de uma estatística grosseira, apurou-se que participaram no I Congresso Português de Espeleologia, aproximadamente 100 pessoas a título individual ou de grupos federados e não federados. Os grupos e entidades representadas foram cerca de 25. No anexo I apresenta-se uma lista de participantes e, sempre que se conheça, o seu contacto.

Número de comunicações: 5(cinco)

Temas das comunicações: Computador e espeleologia;
Inventário;
Socorrismo;
Vulcano-espeleologia;
Nascentes do Almonda.

Relato: Foi divulgada a disponibilidade de contacto no que se refere à utilização da informática na espeleologia, em especial nos domínios do cadastro e inventário. No que se refere ao socorrismo, foi demonstrado pelos participantes muito interesse pelas questões que levanta e soluções que se podem apresentar.

3.2 - DEBATES

Todos os períodos de debate foram dinamizados por uma mesa especialmente convidada para o efeito.

3.2.1 - 1. DEBATE

Data: sexta feira - 88/04/01

Temas: Regulamento de acesso às grutas.

Mesa convidada: Arq. Maria João Botelho (PNSAC)
Diogo de Abreu (FPE)

Moderador e Secretário: Francisco Santos (LNP/CEAE)
Maria João Carvalho (ECL)

Proposta de Conclusões:

- 1) Desenvolver acções de esclarecimento junto das populações das Áreas onde existam cavidades, de modo a salientar o seu valor e a necessidade da sua protecção.
- 2) Recomendar aos grupos de espeleólogos uma atenção especial ao desenvolvimento ético dos iniciados na modalidade.
- 3) Apelar ao seu bom senso nos aspectos de divulgação das "descobertas", no sentido de evitar sensacionalismos que possam vir a provocar vandalismos, evitando, no entanto, situações de secretismo.
- 4) Urgência na discussão de formas de reconhecimento e normalização do ensino da espeleologia em Portugal.
- 5) Necessidade de legislação as sobre regiões cársticas.
- 6) Necessidade de coordenação nas medidas a tomar relativamente à protecção das grutas. Relativamente à solução "fechar grutas", foi considerado que dada a sua natural ineficácia só deveria ser considerada em casos muito excepcionais e enquadrada noutras medidas de protecção.
- 7) Concordância na existência de um registo individual (cartão) de espeleólogo, havendo necessidade de aprofundar e debater a sua forma, os direitos e deveres, assim como definir as entidades emissoras e a validade do registo.

3.2.2 - 2. DEBATE

Data: sábado - 88/04/02

Proposta de Conclusões:

1) Tentar dinamizar os apoios à actividade dos grupos, com a colaboração com as entidades que o possam fazer.

2) Incentivar os jovens na iniciação da actividade espeleológica.

3) A Federação está especialmente empenhada em divulgar e promover a comunicação entre grupos e proporcionar a congregação de esforços para que o nível de interesses entre os espeleólogos se desenvolva.

4) Apelar aos interessados no domínio da espeleologia para participarem activamente numa reunião de trabalho da comissão médica-espeleo/socorro da FPE, no sentido de debater os problemas que foram levantados durante o debate promovido por este congresso.

4 - DELEGADO PORTUGUES A UIS

Foi apresentado a todos os participantes o delegado português à UIS, que tinha sido eleito na primeira fase deste Congresso.

Este delegado tornou pública a sua disponibilidade para contactos, por qualquer elemento interessado.

Joaquim Pais
Av. João Crisóstomo, 57 - 2.
1000 LISBOA
Tel: 561787

5 - PROXIMO CONGRESSO

Relativamente à organização do próximo Congresso, dentro de dois anos, concluiu-se por votação que a actual comissão organizadora iria analisar propostas de candidatura para a realização do II Congresso. Estas candidaturas têm um prazo de sessenta dias para serem apresentadas.

6 - CONCURSO FOTOGRAFICO

Foram apresentados a concurso vinte e um trabalhos, assim organizados:

- Carlos Filipe - 3
- Ana Filipe - 2
- João Paulo Rocha Martins - 3
- Luis António Sousa Vieira - 3
- Mário Jorge da Costa Antunes - 1
- Armando Guerreiro - 2
- Laura Neves - 1
- Emanuel Carvalho - 3
- José Humberto - 3

O júri foi constituído pelos seguintes elementos:

- Manuel Pinto Soares - Comissão Organizadora
- José Ferreira - Vereador CNPM
- Alcides Ribeiro - PNSAC
- Rogério de Almeida - Fotógrafo profissional
- José Luis Gomes - Bombeiros de Porto de Mós

ANEXO I
LISTA DE PARTICIPANTES
(PROVISORIA)

NOME	GRUPO	MORADA
ANA ANDRADE	EQUIPE A2	R. Marques da Silva, 33-5.A 1100 Lisboa
ANA FILIPE	CES	Lagos
ANA SANTOS	ECTV	R. Ant. Batalha Reis, 12- -r/c.E 2560 Torres Vedras
AGUIAR SILVA	MONTANHEIROS	Terceira - Acores
ALEXANDRE ABREU		R. Escola Social, 207-r/c.E 2765 S. João do Estoril
ANELIA SANTOS	APC	H. D. Dinis, 61-7.D 2800 Alameda
ANTONIO CANCELA	CIES	R. Dias Ferreira, 40-cv 3000 Coimbra
ANTONIO DUARTE	ECTV	Largo S. Vicente (Choupal) 2560 Torres Vedras
ANTONIO FAEL	NEL	R. Titto Larcher, lt 48-3.D 2400 Leiria
ANTONIO LEITAO	BRISA	Av. Fontes P. Melo, 6-4. 1000 Lisboa
ANTONIO PESSOA	SAGA	Av. das Forças Armadas, 518-7.E 1600 Lisboa
ANTONIO RAMOS	CEC	Av. João de Deus, 130A-6.D 3000 Coimbra
ARMANDO GUERREIRO		
AUGUSTO TABORDA	PNSAC	R. Furriel S. Pires, 13-1. Rio Maior
CARLOS BARTOLOMEU	ECTV	Carvoeira - 2575 Runa
CESAR CABRAL	NEL	Est. da Marinha Grande, 87A-1, 2400 Leiria
CARLOS FERNANDES	NEL	Cortes - Leiria
CARLOS FILIPE	CES	R. Oliveira, 22-8600 Lagos
CARLOS MARTINS	APC	
CARLOS SANTOS	C. RAINHA	
DANIEL ABREU	ECTV	Av. 5 Outubro, 9-4.B 2560 Torres Vedras
DINA FONSECA		Museu e Lab. Zoologia Universidade de Coimbra
DIOGO DE ABREU	SAGA	Est. de Benfica, 591-3.E 1300 Lisboa
ELISEU FERNANDES	CEC	Belmonte-Chão do Bispo 3000 Coimbra
EMANUEL CARVALHO	ECTV	P. Dr. Moura Guedes, 4-r/cD 2560 Torres Vedras
FAUSTO CARVALHO	CIES	CTT/CTT - 3800 Aveiro
FERNANDO JORGE GONCALVES	SEAEUA	R. Castro Matoso, 11-A 3800 Aveiro
FERNANDO MENDES GONCALVES	COIMBRA	Museu e Lab. Zoologia Universidade de Coimbra
FERNANDO MOREIRA DOS SANTOS	ECTV	S. Vila Morena, lt 74-r/c 2560 Torres Vedras

LUIS VIEIRA	SAGA	Av. Almirante Reis,76- -1.B 1100 Lisboa
MAGDA MATOS	CIES	Beco da Anarda, 9 r/c 3000 Coimbra
MANUEL SOARES	CIES	R.Manuel Bastos Pina,1 - -3.D 3000 Coimbra
MARIA EUNICE SOARES	LPN/CEAE	R.Morgado Covas,6-1.D Sto.Ant.Cav,2670 Loures
MARIA JOAO CARVALHO	ECL	R. Francisco Bala,14-4.E 1500 Lisboa
MARIA JOAO ROQUETTE	SAGA	Est Beafica,591-3.E 1500 Lisboa
MARIA LUISA RODRIGUES		R. de Entre Campos,34-3.D 1700 Lisboa
MARIA MIGUEL LUCAS	NEAEA	R.Ten.Valadia,9-1. 3000 Coimbra
MARIO ANTUNES	EQUIPE A2	R.Marques da Silva,33-5.A 1100 Lisboa
MIGUEL LOBO	SAGA	R.D.Francisco de Almeida,2 2760 Oeiras
OLAVO FERNANDES	NEL	
OLINPIO MARTINS	ECL	R. Francisco Bala,14-4.E 1500 Lisboa
PAULO ALEXANDRE ARSENIO	CEPPRT	R.Prof.Andrade,24-2.D 2300 Tomar
PAULO ROCHA	NEAEA	R.Principe Perfeito,6-Cv. 3800 Aveiro
PEDRO CARVALHO	ECTV	
PEDRO MAROTE	SPE	R.Maestro Ant.Taborda,52- - 1.D 1200 Lisboa
PEDRO PEREIRA	NEL	R.D.José Alves Correia da Silva,53A 2400 Leiria
PEDRO REGO	NEAEA	R.Conselheiro Luis Maga- lhães,39-3. 3800 Aveiro
PEDRO SIMOES		R. Vasco da Gama,8 3000 Coimbra
RITA ROQUETTE	SAGA	R. Eugénio C. Rodrigues, it B,1.D 1700 Lisboa
ROGERIO COELHO	ECCR	PSP-2500 Caldas da Rainha
RUI RIBEIRO		Museu e Lab. Zoologia Universidade de Coimbra
RUI SILVA	SAGA	
VITOR JOSE GONCALVES PINTO	STEA	Vale da Serra 2350 Torres Novas

NOTÍCIAS DO CES

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES



Fevereiro de 1997

Cód. 310197

Em colaboração com o “Núcleo de Aventura” da Escola Secundária Teixeira Gomes de Portimão, o CES promoveu mais um “Curso Básico de Iniciação à Espeleologia que decorreu nos dias 28 de Fevereiro, 8 e 9 de Março.

O mesmo contou com a participação de doze alunos das escolas poeta António Aleixo e Teixeira Gomes de Portimão.

LISTA DE PARTICIPANTES

1. *Ana de Jesus*
2. *Janete Ramos*
3. *Hugo Sousa*
4. *Rui Matos*
5. *Isac Guerreiro*
6. *Pedro Pacheco*
7. *Guilherme Domingos*
8. *Mariza Andréz*
9. *Ana Águas*
10. *Sónia Ramos*
11. *Paulo António*
12. *Tiago Cabrita*



Agradecimentos:

-Escola Secundária Teixeira Gomes

-Câmara Municipal de Portimão

-Bombeiros Voluntários de Portimão

AS ACTIVIDADES DOS CES SÃO POSSÍVEIS GRAÇAS AO APOIO
ANUAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS

PROGRAMA DO CURSO:

TEÓRICO (Na Escola Teixeira Gomes)

História da Espeleologia

Morfologia Subterrânea

Evolução e desenvolvimento de uma Gruta

Noções de Bioespeleologia

Noções de Climatologia

Noções de topografia em grutas

O equipamento individual

O equipamento colectivo

Técnicas de exploração subterrânea

Introdução ao Estudo da Espeleologia

Morfologia Cárstica

Como agir em caso de acidente

TEÓRICO - PRÁTICO:

Na torre dos Bombeiros Voluntários de Portimão

Utilização de material individual e colectivo

Abordagem de diversas técnicas

PRÁTICO: (Na Gruta de vale de Boi)

Exploração de um algar

Contactos:

lagos.ces@gmail.com

carlosfilipe49@gmail.com

WEBSITE (WIX): ceslagos.net

<https://www.ceslagos.net>

